

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Jorge Garcia De Holanda

**O SISTEMA DA RUA EM AÇÃO: uma etnografia com moradores de rua em
Fortaleza (CE)**

Porto Alegre

2017

Jorge Garcia De Holanda

**O SISTEMA DA RUA EM AÇÃO: uma etnografia com moradores de rua em
Fortaleza (CE)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Antropologia Social da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
como requisito parcial para a obtenção do
título de Mestre em Antropologia Social

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Patrice Schuch

Porto Alegre

2017

Jorge Garcia De Holanda

**O SISTEMA DA RUA EM AÇÃO: uma etnografia com moradores de rua em
Fortaleza (CE)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Antropologia Social da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
como requisito parcial para a obtenção do
título de Mestre em Antropologia Social

Prof^a. Dr^a. Patrice Schuch – UFRGS (Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Claudia Lee Williams Fonseca – UFRGS (Banca Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Cláudia Turra Magni – UFPel (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Leonardo Damasceno de Sá – UFC (Banca Examinadora)

Porto Alegre, 28 de março de 2017.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo trabalhar com narrativas de moradores de rua que revelam os modos como a rua é por eles pensada e vivida. Ela é resultado de uma pesquisa etnográfica que realizei na cidade de Fortaleza, capital do estado do Ceará, entre o final do ano de 2015 e meados de 2016. A partir dos relatos de quatro pessoas – Roberto, Josué, Julia e Paulista –, que ao longo do trabalho de campo tornaram-se as interlocutoras-chaves da pesquisa, busco discutir como algumas categorias nativas são definidas por essas pessoas. Estas categorias são as de *morador de rua*, *sistema da rua* e *se virar*. Partindo da noção de que movimento e conhecimento são simultaneamente coproduzidos nos processos de habitar a rua, busco aqui discutir as micropolíticas dessas categorias, apontando para as formas como são operacionalizadas como um saber prático nos trajetos dessas pessoas na cidade.

Palavras-chave: Moradores de Rua; Etnografia; Modos de Habitar; Cidade.

ABSTRACT

This dissertation aims to discuss narratives of homeless people that reveal the ways how they think and live the life on the streets. This work is the result of an ethnography in the city of Fortaleza/CE, made between 2015 and 2016. From the reports of four people (Roberto, Josué, Julia e Paulista) who throughout the fieldwork have become key interlocutors of the research, I seek to discuss how some categories are defined by these people. These categories are the next: *morador de rua*, *sistema da rua* and *se virar*. Starting from the notion that movement and knowledge are simultaneously coproduced in the processes of inhabiting the streets, I try here to discuss the micropolitics of these categories, pointing to the ways they are operationalized as a practical knowledge in the paths of these people in the city.

Keywords: Homeless People; Ethnography; Ways of Inhabiting; Town.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
1.1 Iniciando o trabalho de campo.....	9
1.2 Roberto, Julia, Josué, Paulista.....	12
1.3 O trabalho de escuta.....	19
2 MOVER-SE NA RUA.....	23
2.1 Trajetórias antes da rua.....	24
2.1.1 Roberto.....	26
2.1.2 Julia e Josué.....	26
2.1.3 Paulista.....	27
2.2 Um dia na vida.....	29
2.3 Um ou muitos dias.....	40
2.3.1 <i>Estar em movimento, estar parado</i>	41
2.3.2 <i>Variação contínua e estabilidade</i>	44
3 O MORADOR DE RUA COMO O OUTRO DE SI MESMO.....	47
3.1 <i>Morador de rua</i>	50
3.1.1 <i>A formação de um morador de rua: explicação de Roberto</i>	53
3.2 <i>Se virar no sistema da rua</i>	60
3.3 <i>Vivendo o sistema da rua, sabendo se virar: um episódio da vida de Roberto</i> ..	65
4 O SISTEMA DA RUA EM AÇÃO: SE VIRAR E CRIAR MODOS DE HABITAR.....	70
4.1 Paulista e a ética do trabalho.....	71
4.1.1 <i>Na sucata</i>	73
4.1.2 <i>Além da sucata</i>	77
4.1.3 <i>“Hoje”</i>	77
4.1.4 <i>A rua de Paulista</i>	78
4.2 Julia e Josué: sozinhos, a dois.....	84

4.2.1 Alianças na rua.....	84
4.2.2 Dormir na rua, dormir em casa.....	88
4.3 A cidade de Roberto.....	95
4.3.1 Relação com as instituições voltadas a moradores de rua.....	95
4.3.2 Cidade dos ricos e a cidade dos policiais.....	99
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	111
ANEXO I.....	114
ANEXO II.....	115

1 INTRODUÇÃO

Minha aproximação com a temática das populações de rua é bastante recente. Ela aconteceu durante o período do mestrado, entre meu primeiro e segundo semestre do curso, no ano de 2015. Eu havia trabalhado com uma temática completamente diferente durante a graduação e meu contato empírico com moradores de rua se limitava às pequenas interações cotidianas, sem que houvesse qualquer intenção de trabalhar antropológicamente com eles. Uma série de circunstâncias me levou à mudança de tema durante o mestrado. Durante o desenvolvimento das primeiras ideias do meu projeto – o que aconteceu no segundo semestre de 2015, estimulado pelas conversas com minha orientadora, Patrice Schuch, e pela disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa Antropológica, ministrada por Claudia Fonseca e Fabíola Rohden –, foram ficando mais claros para mim quais os caminhos pelos quais a pesquisa seguiria.

Partindo para um recorte analítico, decidi trabalhar com as práticas políticas de populações de rua. Ao buscar artigos, dissertações e teses da área de Ciências Sociais que seguissem nessa direção, encontrei alguns trabalhos que procuravam compreender como moradores de rua vêm se articulado em movimentos sociais. Essas pesquisas tomam o Movimento Nacional da População de Rua (MNPR) como objeto de análise, como é o caso dos trabalhos de De Lucca (2007), Melo (2011) e Lemões (2014). Optei por seguir um outro caminho, buscando explorar a questão da política não nos meios institucionalizados de ação coletiva, mas nas vivências cotidianas dos moradores de rua, atentando então para as micropolíticas do dia a dia na rua.

Neste trabalho, busco partir das experiências de quatro moradores de rua a fim de explorar os modos como a rua é por eles pensada e vivida. Como operacionalizam o viver na rua? Como o movimentar-se e o conhecer a rua orientam seus modos de habitá-la? Essas são as questões que norteiam esta dissertação, que focaliza-se na investigação de um pequeno conjunto de categorias utilizadas por cada uma dessas pessoas: *morador de rua*, *sistema da rua* e *se virar*, as categorias centrais para as discussões presentes neste trabalho – que estão cercadas também por outra série de categorias êmicas a elas associadas, tais como as de *droga/pedra*, *filhinhos de papai*, *ricos*, *bairro*, *pessoa humilde*. Ao mesmo tempo em que são utilizadas para operar reflexões sobre a rua e a cidade, essas categorias orientam os processos particulares de habitação dessas pessoas,

apresentando-se, portanto, como reveladoras dos modos como são construídas subjetividades na rua.

Iniciando o trabalho de campo

De início, imaginei que Fortaleza, cidade onde nasci, seria o lugar ideal para realizar o trabalho de campo. Pensava isso porque entendia que, para uma pesquisa que se iniciaria do zero e que deveria se concluir em alguns meses, estar familiarizado com a cidade onde ela se desenvolveria já poderia ser um primeiro fator a pesar positivamente para a sua realização. Era uma justificativa prática, que levava em conta a relação entre os limites de tempo e as inseguranças existenciais e acadêmicas.

No momento de formulação do projeto de pesquisa, dois sentimentos ganhavam corpo em mim. Um era a ânsia por descobrir informações que me familiarizassem mesmo com as questões mais básicas e iniciais ligados à temática da população de rua. O outro era uma acentuada insegurança com a ideia de que talvez eu tivesse pouco tempo para realizar a pesquisa de campo, certamente intensificada pelo fato de que não havia realizado nem mesmo um trabalho de campo inicial que, pelo menos, tivesse me permitido estabelecer contatos prévios com algum morador de rua.

Chegando à cidade de Fortaleza no mês de dezembro de 2015, iniciei a pesquisa de campo. De início, construí a ideia de que ela aconteceria nas minhas idas ao Centro da cidade, sentando num banco de praça e conversando informalmente com algum morador de rua. Essa concepção do campo mudaria na medida em que minha pesquisa se desenrolaria: logo notei, na prática, que meu campo acontecia também na própria atenção que eu direcionava a diversos elementos na rua, na leitura de jornais, no Facebook, em vídeos do YouTube e em páginas diversas da internet. Além disso, percebi que certas relações que fui estabelecendo sem que eu as definisse previamente como “situações de campo” se revelariam tão potentes de virarem objeto de reflexão para a pesquisa quanto a minha busca ativa por me aproximar de um morador de rua.

Assim, notei algo que, inclusive, acabaria funcionando para mim como mais uma motivação para a pesquisa. Todo meu universo de relações estava atravessado por

possibilidades de aproximação com a temática dos moradores de rua. Em outras palavras: era possível para mim, a qualquer momento, acessar esse campo temático, na medida em que, em algum grau, todas as pessoas do meu convívio tinham algo para me falar sobre algum morador de rua – e muitas vezes se dirigiam a mim com essa intenção –, alguma história, algum relato, alguma indicação de texto, alguma observação, na medida em que o contato com moradores de rua, mesmo que no nível apenas do olhar, era algo muito presente na experiência cotidiana dessas pessoas. Um desses conhecidos, por exemplo, funcionário do governo do estado do Ceará, ao saber do tema da minha pesquisa, disse-me algo que eu não sabia até o momento: que ele trabalhava justamente no projeto que havia instalado no segundo semestre de 2015 no Centro de Fortaleza um contêiner equipado com chuveiros e material de higiene pessoal voltado para moradores de rua – equipamento sobre o qual muitos dos moradores de rua com quem conversei falavam. Assim, certos acasos e aleatoriedades acabaram por agenciar a pesquisa desde seu início, mesmo na aproximação com aqueles que vieram a ser tornar os principais interlocutores.

Numa tarde de dezembro de 2015 fui pela primeira vez ao Centro com a intenção de conversar com um morador de rua. Nesse momento, eu estava morando num apartamento no bairro Benfica, um dos bairros que “fazem fronteira” com a parte sul do Centro. Caminhando, fiz um percurso semelhante a tantos outros que fiz durante a vida, chegando até uma das praças mais movimentadas do bairro, a Praça do Ferreira. No entanto, agora buscava direcionar minha atenção para pessoas, objetos e cenários que me indicassem vidas vividas na rua – o que, por outro lado, tornava meu percurso diferente de todos os outros que havia feito antes. Isso me colocava algumas questões.

Se colchões, papelões, roupas, sacolas, mochilas e construções de madeira eram “vestígios” materiais que, deixados nas vias públicas, bancos de praça, jardins e outros lugares, poderiam ser associados com certa segurança a moradores de rua, como que eu poderia, numa primeira ida ao Centro motivada pela ideia do trabalho de campo, observando apenas pessoas, saber quem era ou não moradora de rua? A raiz do meu questionamento era: o que há de estigmatizador e essencializador no olhar que observa uma pessoa e a identifica como moradora de rua? Se eu tivesse me dirigido à Praça do Ferreira no período noturno, teria visto mais de uma centena de pessoas dormindo no chão e nos bancos de praça. Assim, a partir de uma atividade – a de dormir na rua –, saberia de antemão que aquelas pessoas viviam na rua. No entanto, indo à Praça do

Ferreira à tarde, o cenário era diferente. Com lojas, restaurantes, farmácias, bancos e outros estabelecimentos abertos, o movimento era intenso, com bancos lotados – pelo menos aqueles situados em espaços de sombra –, pequenas rodas de pessoas em torno de artistas de rua, pessoas andando e conversando, pastores pregando, vendedores ambulantes circulando com suas mercadorias. Para onde olhar? Onde encontrar nesse cenário o morador de rua? Haveria realmente nesse momento algo que me permitisse identificar apenas através do olhar uma pessoa que vivia na rua? Há um pequeno repertório de informações a partir do qual comumente se imagina que alguém viva nas ruas, e elas se baseiam no tipo de vestimenta e em condições de higiene da roupa e do corpo. Como aponta Magni (2006), trata-se de signos genéricos, estereótipos que, no entanto, não podem ser aplicados homogeneamente às pessoas que habitam a rua – ainda que, com certo desconforto, tenha acabado me valendo disso para saber de quem me aproximar. Mas entendi que isso era algo a ser problematizado, na medida em que são justamente traços como esses que costumam se fazerem presentes na construção de uma figura essencializada do morador de rua e que o define como sujeito de despossessão e carência – visão que, como apontam Schuch e Gehlen (2012), é justamente aquela criticada e desconstruída, por exemplo, pelo Movimento Nacional da População de Rua, justamente por não atentar para a criatividade e agência política dos moradores de rua.

Ainda nas primeiras idas às ruas, me daria conta de que poderia estar partindo de uma “falsa questão”. Se defini de antemão no meu projeto que trabalharia com “moradores de rua”, partia de uma nomeação, de uma definição com contornos claros de um grupo social. No entanto, chegando à rua, me deparava com os problemas do ato de nomear, na medida em que percebia uma complexidade que não cabia na própria nomeação. Em seguida, porém, a nomeação retornava, dessa vez a partir das falas dos próprios interlocutores da pesquisa. E, se utilizo aqui o termo “morador de rua” e suas variantes, é porque foi essa a nomenclatura utilizada pelos interlocutores da pesquisa – e não aquela que vem sendo mais recentemente utilizada, a de “pessoas em situação de rua”, ainda que esta última venha sendo considerada a representação menos imprecisa e enrijecida e mais capaz de dar conta da pluralidade de noções de rua, dos seus dinamismos e da agência política dessas pessoas (SCHUCH; GEHLEN, 2012; LEMÕES, 2013).

Roberto, Julia, Josué, Paulista

Nas minhas primeiras idas ao Centro, fui até a Praça do Ferreira e busquei identificar pela observação quais seriam aquelas pessoas que permaneceriam naquele lugar e arredores quando toda aquela movimentação vespertina se reduzisse. Sentando-me ao lado de alguma delas, tentava iniciar uma conversa informal a partir de algum assunto relacionado à praça. Foram aproximações desajeitadas. Algumas delas rendiam boas conversas, outras morriam tão logo se iniciavam. A cada retorno à praça, tentava me aproximar de uma pessoa nova, pois nunca conseguia ver novamente as pessoas com quem já havia conversado. Nesse momento, eu temia que nunca fosse conseguir estabelecer um contato mais duradouro com alguém. Durante toda a pesquisa continuei fazendo aproximações desse tipo, pontuais, com pessoas novas. Já desde fevereiro de 2016, no entanto, as fazia com maior tranquilidade, pois já havia conseguido manter uma frequência de contato com alguns interlocutores, que se tornaram as pessoas-chave dessa pesquisa. O primeiro deles, que acabou transformando-se na pessoa com quem mais me encontrei, vendo-o quase toda semana, foi Roberto.

O dia em que conheci Roberto foi o dia em que percebi que não havia um motivo claro para que sempre que eu fosse ao Centro eu me dirigisse àquele mesmo lugar, a Praça do Ferreira¹. Resolvi caminhar por outros espaços. Em dado momento, fui até a Praça dos Leões, lugar próximo à Praça do Ferreira, separado dela por apenas um quarteirão. Há um movimento de pessoas bem menor nessa praça. Logo avistei Roberto, um homem com 54 anos de idade. Ele estava sentado sozinho num banco da praça, trajando bermuda, chinelos, uma camisa de botão surrada e um boné de uma loja de móveis, tendo ao seu lado uma volumosa sacola plástica, na qual carregava seus objetos pessoais. Caminhei em sua direção e o cumprimentei com um “boa tarde”. Ele respondeu, e em seguida me apresentei como um estudante que estava realizando uma pesquisa sobre moradores de rua, perguntando se poderia sentar-me ao seu lado.² Com sua simpática aprovação, conversamos por mais de uma hora.

¹ Ver Anexo I com mapa do Centro de Fortaleza. Daqui em diante, ao mencionar praças e ruas do Centro, elas poderão ser observadas no mapa do Anexo I; ao mencionar outros bairros da cidade, eles poderão ser observados no Anexo II.

² Vale destacar que não foi sempre esse o modo como me apresentei para as pessoas na rua. Dependendo das circunstâncias, me identificaria como estudante e pesquisador já no andar da conversa. Além disso,

Nesse primeiro encontro, passeamos por diversas questões da vida na rua, que iam se conectando na fala de Roberto: a relação com a polícia, os trajetos na rua, a obtenção de alimentos, os espaços da prefeitura voltados ao morador de rua, as instituições de caridade, política, violência. E seria a partir da menção a alguns de seus objetos pessoais que criaríamos uma ponte para um próximo encontro. Roberto me contou que a sacola que carregava consigo naquele momento era algo improvisado, um objeto adquirido recentemente. Há até um mês atrás, Roberto possuía uma mochila, na qual guardava todos seus pertences, entre eles roupas e documentos. No entanto, certo dia, enquanto dormia, sua mochila foi roubada – por outros moradores de rua, suspeita ele. Desde então, as roupas que tinha no corpo eram as únicas que possuía. Quando nossa conversa terminou, já no fim da tarde, hora em que ele iria até um restaurante do Centro conseguir uma quentinha, falei para Roberto que eu tinha uma bermuda e uma camiseta que, apesar de não usar mais, estavam em bom estado, podendo dá-las a ele. Roberto me agradeceu e disse que eu poderia me encontrar com ele ali novamente em qualquer dia pela manhã ou pela tarde, pois à noite costumava dormir num lugar um pouco mais distante.

Três dias depois, retornei à Praça dos Leões com as roupas que havia lhe prometido. Nesse dia, conversamos longamente, por muitas horas. Ao fim da conversa, Roberto me dizia: “Apareça de novo aqui, Jorge, bora conversar mais”, listando para mim em quais lugares estava em cada horário do dia e em cada dia da semana por vir. Este se tornou o encerramento tradicional de nossas conversas, que se mantiveram por mais oito meses em diante, praticamente toda semana, e em vários momentos mais de uma vez na semana.

Roberto costumava ficar boa parte de seus dias numa outra praça do Centro, conhecida como Passeio Público – essa, um pouco mais distante das duas praças citadas anteriormente, bem mais próxima do mar, que compõe a vista de quem orienta o olhar para o lado norte da praça. Durante a maior parte da primeira metade do ano de 2016, saí de casa no início da tarde indo em direção a essa praça. Algumas vezes, Roberto não estava por lá. Foi numa dessas vezes que conheci Josué e Julia, outros dois interlocutores da pesquisa, com quem pude conversar muitas vezes – menos do que com

nas aproximações posteriores à que tive com Roberto, não diria que realizava pesquisa com moradores de rua, mas sobre uma praça, sobre o Centro, sobre os movimentos de pessoas na cidade. Incomodava-me que me aproximasse dessas pessoas a partir da expressão de um ato de nomeação.

Roberto, mas ainda assim com certa frequência. Todos os meus encontros com o casal aconteceram nessa mesma praça, o Passeio Público.

Já conhecia o rosto de Julia de outras vezes em que estive conversando com Roberto no Passeio Público. Numa das ocasiões em que acabei por não encontrá-lo, sentei sozinho num banco e lá fiquei por alguns minutos. Notei que Julia, aquela mulher de meia idade, cujo nome desconhecia até então, estava sentada no banco ao lado ao que eu estava sentado, com a cabeça abaixada. Uma outra mulher, também moradora de rua, passou à sua frente nesse momento, virou o rosto para olhá-la e continuo andando enquanto falava, dirigindo o olhar para mim: “É tão bom chorar, né? É bom chorar!” Olhei novamente para Julia e a vi enxugando as lágrimas e tomando alguns goles de água de uma garrafa plástica. Notar que estava chorando foi o que me fez não tentar iniciar uma conversa com ela naquele momento. Fui embora depois de algum tempo, e Julia continuava chorando.

Quase duas semanas depois, encontrei Julia novamente. Eu havia voltado ao Passeio Público algumas vezes desde que a vi pela última vez, mas passaram-se onze dias até que estivéssemos novamente juntos naquela praça. Ela estava sentada no mesmo banco daquela última ocasião, mas desta vez acompanhada de seu companheiro, Josué, um homem com 50 anos de idade. Sentei no banco ao lado e os cumprimentei com um “boa tarde”. Poucos segundos antes disso, enquanto me dirigia até esse banco, Josué e Julia observavam um jovem morador de rua vindo ao meu encontro para me pedir dinheiro, fazendo isso através de um jogo de rimas que versavam sobre a importância de se ajudar as pessoas. Entreguei a ele as moedas que tinha no meu bolso e o jovem agradeceu e saiu. Ao responder meu cumprimento, Josué já emendou dizendo algo que reproduzo a seguir de acordo com minha memória, tal como escrito no caderno de campo:

Você deu dinheiro pra esse rapaz aí, né? Pois olha como ele vai dobrar bem ali naquela esquina quando ele sair da praça. Fique olhando! Antes de pedir dinheiro a você ele conseguiu já dez reais com um grupo que tava aqui, aí agora conseguiu mais dinheiro com você. Lá se vai ele, não foi nem até a saída, ele já foi logo pulando a grade. Pode ficar olhando como ele vai dobrar na esquina, e vai logo é correndo. (Josué).

O que Josué estava querendo me falar com isso era que, com esse dinheiro, o jovem queria comprar crack na favela do Oitão Preto, situada próxima à praça, ao lado

oeste. Esse era um comentário que Roberto já tinha feito muitas vezes sobre moradores de rua que atravessavam o Passeio Público seguindo para essa direção. A partir desse pequeno evento, Josué e Julia iniciaram um longo relato sobre suas vidas na rua, sobre dinheiro, sobre a relação com pessoas que moram e que não moram na rua, sobre drogas, deus, expectativas, prazeres, morte. Já era início da noite e se aproximava o horário de fechamento da praça³, quando me despedi de Josué e Julia. Ao fim de nossa conversa, eles me convidaram a voltar ali para que pudéssemos conversar mais. Retornei dois dias depois, encontrando dessa vez Roberto. Passaria mais uma semana até que nosso segundo encontro acontecesse, e dali em diante os veria por volta de duas vezes por mês, com nosso último encontro acontecendo em novembro de 2016, após um hiato de três meses sem vê-los. Coincidentemente, nunca encontrei Roberto, Josué e Julia simultaneamente no Passeio Público (como disse, já vi Julia enquanto conversava com Roberto, mas isso aconteceu apenas antes de conhecê-la).

Em dezembro de 2015, quando me mudei de Porto Alegre para Fortaleza, passei a morar, como já mencionei há alguns parágrafos atrás, em um apartamento no bairro Benfica, localizado na Avenida João Pessoa e logo ao lado da comunidade do Canal. Quando precisava pegar um ônibus para o lado norte da cidade, caminhava a distância de um quarteirão até o ponto de ônibus nessa mesma avenida. No muro logo atrás do ponto ficava um terreno de coleta de materiais recicláveis, cujo portão de entrada se situava a cerca de dois metros da parada.

Em certa manhã do mês de março, sai de casa com minha então companheira, Samantha, para acompanhá-la até este ponto de ônibus, onde pegaria seu transporte para o trabalho. Caminhávamos conversando, até que, ao chegar ao ponto de ônibus, percebi que, por desatenção minha, eu não havia notado que Samantha tinha ficado um pouco para trás. Ela havia parado em frente à entrada do terreno de recicláveis. Não percebi também que Paulista, um homem de cerca de 40 anos de idade, havia falado conosco, enquanto passávamos ali em frente, nos aconselhando a ficarmos ali ao seu lado. Quando olhei para trás, ele falou para mim algo que reproduzo de memória aqui, tal como escrito no diário de campo logo após o ocorrido, com a ajuda de Samantha:

³ De alguns anos para cá, o Passeio Público, cercado por grades de ferro, passou a ter seus portões trancados às 19 horas, sendo vigiada por um guarda municipal no período noturno. Por esse motivo, não há mais moradores de rua dormindo nessa praça, em contraste com a grande movimentação noturna que havia ali antes dessa medida. Como relembra Roberto, a madrugada da praça era lotada de moradores de rua e prostitutas dormindo pelos bancos, circulando, conversando, bebendo e usando drogas.

Pode vir pra cá! Sempre que alguém vai pra essa parada de ônibus eu digo pra ficar aqui em frente ao terreno, porque aí na parada mesmo é muito perigoso, já vi um monte de assalto aí. O portão daqui fica quase o dia todo aberto, eu tô sempre por aqui, tem também os outros meninos aqui. Pode ficar tranquilo aqui em frente, que aqui você tá seguro, só não fiquem aí nessa parada. (Paulista).

Após nos falar isso, Paulista se retirou para dentro do terreno. Retornaria alguns minutos depois, sorrindo, enquanto dizia, num tom alegre e jocoso, que havia nos achado um casal muito bonito. Nesse momento, o ônibus de Samantha chegou e Paulista iniciou conversa comigo. Apresentou-se e disse que estava há poucos meses em Fortaleza e que havia nascido em São Paulo⁴. Paulista estava trabalhando naquele terreno, organizando e cuidando do espaço, coletando materiais recicláveis e recebendo as coletas feitas por outras pessoas. Ele me diria depois que já teve uma casa, mas que hoje morava na rua. Nesse dia, conversamos por cerca de uma hora. Disse-lhe que morava lá perto e ele me convidou para aparecer ali novamente para conversarmos mais.

Eu passaria a encontrar Paulista toda semana, seja indo até o ponto de ônibus a fim de me transportar para outro lugar, seja indo para lá na intenção de conversar com ele. Também me encontraria por acaso quando nossos caminhos se cruzavam naquelas redondezas e, com uma frequência um pouco maior, na comunidade do Canal. Além disso, recebia alguma notícia quase que diária de Paulista, pois, a cada vez que Samantha ia pegar ônibus, Paulista perguntava a ela por mim e lhe repetia aquelas mesmas recomendações sobre a importância de se esperar o ônibus sempre em frente à entrada da sucata e sobre os perigos da rua. Esse era um tema que lhe era muito importante (retornarei a ele no 3º capítulo). Ainda durante esse período no qual nos víamos com frequência, eu me encontraria com Paulista pela última vez em julho de 2016, momento em que, coincidentemente, Paulista estava saindo do terreno de recicláveis para trabalhar numa oficina mecânica e em que eu estava me mudando para outro apartamento. Depois disso, chegaríamos a nos encontrar mais uma vez em dezembro de 2016.

Essas quatro pessoas acabaram tornando-se as interlocutoras centrais da pesquisa, que se redesenhou a partir do meu convívio com elas. Assim, a maior parte do

⁴ Paulista, no entanto, é cearense, algo que me revelaria depois de algumas conversas, ainda que, em outros momentos, gostasse de se apresentar como originário de São Paulo.

meu diário de campo consiste em relatos meus de encontros com elas. Como nenhuma das entrevistas foi gravada, a memória foi minha principal ferramenta ao chegar em casa e sentar – por horas e horas – em frente ao notebook registrando o que vi, ouvi e pensei em campo. Além disso, fiz anotações em campo, enquanto conversava com os interlocutores-chave da pesquisa, anotando trechos de suas falas.⁵ O restante do meu diário de campo consiste em relatos de conversas com pessoas que fazem parte do universo de relações desses quatro interlocutores, com outros moradores de rua e com amigos e conhecidos que tivessem algo para me contar relacionado a moradores de rua, bem como recortes de jornais e apontamentos sobre notícias que envolvessem moradores de rua.

Nem todo esse material escrito no diário de campo, obviamente, pôde ser trabalhado nessa dissertação. No entanto, como já fiz menção algumas páginas atrás, a imersão nessa temática direcionou minha atenção a tudo que tivesse a ver com esse território temático tão novo para mim, ainda que, por vezes, me afastasse bastante do objeto definido no meu projeto de pesquisa. Havia um risco nisso, o de cair num olhar deslumbrando que busca olhar para todos os lugares ao mesmo tempo – o que pode ser o mesmo que não olhar para lugar nenhum –, mas resolvi assumi-lo.

Essa pesquisa, portanto, fala dessas pessoas e daquilo que me relataram como experiências relacionadas a morar na rua. Não pretendo aqui falar do morador de rua como uma categoria geral, tomada a priori como algo que defina um conjunto de pessoas, mas sim como uma categoria nativa, sempre negociada e agenciada de múltiplas formas – o que não significa que não haja semelhanças e terrenos comuns entre as experiências dessas pessoas. Dessa maneira, não tenho a intenção de tratar essas pessoas como amostras ou exemplos de uma categoria geral de pessoas chamadas de “moradores de rua”, nem o de buscar nelas algum tipo de representatividade de uma categoria mais ampla⁶. Busco aqui trabalhar com as potencialidades de narrativas

⁵ A maior parte das citações de falas presentes neste trabalho advém dessas anotações feitas em campo. Outras, no entanto, são reconstruções da memória feitas durante a escrita do diário de campo e recortadas dele para a dissertação. Indicarei sempre que as falas corresponderem a esse segundo tipo de registro; quando não houver menção a isso, é porque são trechos registrados em campo seguindo a fala do interlocutor.

⁶ E, aqui, não falo dessa não representatividade no mesmo sentido de Mintz (1984) ao apresentar seu interlocutor, Taso, pois, nesse caso, o autor acaba por pressupor uma estranha tipicidade (não) intelectual dos trabalhadores rurais porto-riquenhos, frente à qual Taso se destacaria como interlocutor privilegiado por sua inteligência. A ideia de que os interlocutores da presente pesquisa não são representativos não diz

individuais de pessoas que vivem os dilemas das suas próprias construções como sujeitos, ora se reconhecendo como moradoras de rua, ora reservando esse termo a um “outro”.

Como Biehl (2008, p. 423) aponta, “pesquisas etnográficas atentas a pessoas de carne e osso movimentam-se entre infraestruturas concretas e em tempo real, registrando as particularidades de cada situação”, o que implica dizer, ainda como indica o autor a partir das contribuições analíticas que identifica em Deleuze, que a abordagem da singularidade da pessoa permite observar a subjetividade como aquilo que escapa aos campos sociais, “o que não pode ser fixado por uma norma ou numa forma” (BIEHL, 2008, p. 422). Num sentido relativamente próximo, Das (2011) demonstra como a atenção às narrativas pessoais podem jogar luz tanto sobre os modos de se pensar a presença dos eventos passados na vida cotidiana quanto sobre a autocriação e a construção da subjetividade. Desse modo, ao se aprofundar a investigação dessas falas, encontra-se significados e repertórios contextuais derivados “do mundo da vida mais do que a partir de noções abstratas de semântica estrutural.” (DAS, 2011, p. 19).

Procurando seguir essa direção, este trabalho se configurou a partir dos relatos dos quatro interlocutores-chave da pesquisa sobre suas vidas. Busquei considerar a rua não como o termo que precede as experiências dessas pessoas, mas como o próprio movimento de construção de uma experiência que Roberto, Julia, Josué e Paulista, cada um, realizavam, seguindo então “cartografia de territórios existenciais reais e/ou em vias de existir” (GOLDMAN, 2008, p. 2).

Seguindo os universos de referência que surgem a partir das trajetórias dessas pessoas (BIEHL, 2008), esta dissertação trata fundamentalmente de três categorias com as quais essas pessoas refletem sobre suas vidas e sobre a rua e orientam, num sentido prático, suas formas de habitar. Elas são as seguintes: *morador de rua*, *se virar* e *sistema da rua*. Sendo utilizadas por todos eles, tais categorias indicam que essas pessoas não estão ilhadas entre si, pois compartilham de um território de significados; ao mesmo tempo, no entanto, há uma fluidez nessas categorias, de modo que seu sentido não existe como uma definição a priori, mas, sim, dá-se nos próprios caminhos

respeito à admissão de que componham algum tipo de “ponto fora da curva”, mas sim de que não são peças para a reconstrução de uma noção geral sobre os significados de morar na rua.

singulares ao longo dos quais se produzem as experiências dessas pessoas ao viverem na rua.

No primeiro capítulo, apresento um breve relato das trajetórias que antecedem a ida para a rua de Roberto, Julia, Josué e Paulista. Em seguida, a partir de uma narrativa que ficcionaliza (baseando-se em diversas entradas de meu diário de campo) um emaranhamento de seus percursos, discuto seus trajetos na cidade, atentando para a dinâmica entre movimento e fixação. No segundo capítulo são discutidos os usos do termo *morador de rua* como definição de si e definição do outro, associando a isso questões ligadas à *droga* e ao crime. Neste capítulo são também apresentadas as noções de *sistema da rua* e de *se virar*, discutindo-se a dinâmica que se configura entre elas. Por fim, no terceiro capítulo, são apresentados relatos relativos aos quatro interlocutores-chave da pesquisa, que permitem observar como o *sistema da rua* e as habilidades de *se virar* orientam, na prática, os modos de habitar a rua de cada um deles, bem como os vínculos que são criados na vida na rua.

O trabalho de escuta

Certo dia – mais precisamente, em nosso segundo encontro –, Roberto conversava comigo num horário próximo ao que buscava comida num restaurante no Centro. Ele já havia me falado sobre essa coleta de alimento na nossa primeira conversa e mesmo no início desse nosso segundo encontro. Sabendo disso, eu tentava ficar atento para que Roberto, que estava nesse momento me narrando uma longa história, não acabasse perdendo o horário de buscar seu alimento – uma preocupação que parecia guardar traços paternalistas que eu reproduzia um tanto desatentamente. Vi que haviam se passado alguns minutos além da hora da comida e eu não conseguira ainda interromper Roberto para lhe avisar sobre isso. Num dado momento, o fiz, movido pela ideia de que eu poderia estar lhe atrapalhando e que, por consequência de eu estar ali com ele naquele momento, ele poderia acabar ficando sem alimento para aquela noite. Roberto, ao ouvir meu informe, falou algo que reproduzo aqui de memória, tal como escrevi no diário de campo:

Não, não quero saber de comida agora não, isso aqui que a gente tá tendo agora é muito mais valioso do que eu parar pra comer. Não quero interromper isso não, bora continuar conversando. Comida depois eu consigo, mas alguém pra conversar, não. (Roberto).

Nesse momento quase caricato, em que se adia o alimento para se dar lugar à palavra, dei-me conta de que algo estava sendo produzido naquele bom encontro. Roberto me explicaria depois que sentia falta de *diálogos bons* e que isso era algo que conseguia ter comigo. Os *diálogos bons*, para ele, estavam ligados a duas coisas. Primeiro, a uma liberdade temática, pois “na rua o assunto é só pedra, assalto, perigo” – o que não significava que esses temas não fossem importantes para ele, pois acabaram se constituindo como alguns dos assuntos que ele mais abordava quando nos encontrávamos. Em segundo lugar, o *diálogo bom* dizia respeito a ser escutado por uma pessoa que leve a sério sua fala. Ele me contou que há pessoas com as quais não se sente motivado a conversar, pois, na medida em fala o que pensa, essas pessoas lhe dizem: “você está falando merda!”, frase à qual prefere não dar nenhuma resposta, optando por simplesmente se calar.

Paulista também me falava algo sobre sentir que sua fala não costumava ser levada a sério no seu atual universo de relações. Ele trazia o elemento da confiança, me dizia que era difícil confiar nas pessoas, mas que conseguia confiar em mim, pois me via como uma *pessoa humilde*. É interessante notar que, já ao fim da nossa primeira conversa, Paulista já me dizia isso. E, na verdade, tudo o que eu fiz nesse dia foi escutá-lo, sem falar quase que nenhuma palavra, dada a sua voracidade nesse dia por falar, deixando-me quase sem espaço para qualquer intervenção.

Julia e Josué também costumavam me caracterizar como uma *pessoa humilde*. Mais uma vez, a atitude de escutá-los era um fator para isso. No entanto, eles me expressavam algo além, que dizia respeito às implicações da minha presença corporal junto a eles. Eles me diziam que, vivendo na rua, lidavam muitas vezes com a sensação de serem evitados. Pelo que me relatavam, passavam por situações nas quais se desenhava uma completa anulação dos sentidos por parte daquelas pessoas que lhes negavam a possibilidade de interação: não eram sujeitos para os quais se valia a pena direcionar a fala nem que mereciam ser ouvidos; nojo e repulsa se expressavam ao se fugir do contato físico e da percepção olfativa; mesmo a evitação do olhar era notada por Josué e Julia.

Tanto Roberto como Josué, Julia e Paulista costumeiramente deixavam claro para mim que minha presença lhes agradava e, a cada vez que me encontrava com cada um deles, me faziam o convite para que eu os encontrasse novamente. Dessa forma, havia uma expectativa pelo meu retorno, calcada, acredito eu, numa relação de camaradagem que, já em pouco tempo, eu e cada uma dessas quatro pessoas criamos entre nós – sobretudo com Roberto –, sendo a minha atitude de abertura para a escuta o que possibilitou isso.

Dito isso sobre a escuta, creio que seja importante que se faça um pequeno contraponto. Não tenho a intenção de romantizar o trabalho de campo no que diz respeito à relação criada com essas pessoas. Sem dúvida, nos conhecemos e conversamos tanto durante o ano de 2016 porque essa pesquisa aconteceu. Sem ela, seria provável que as distâncias sociais continuassem nos fazendo desconhecidos uns dos outros. Por outro lado, o que havia de motivação acadêmica da minha parte pouco interessava a Josué, Julia, Paulista e Roberto – ou, pelo menos, o interesse e a curiosidade foram expressos apenas durante o tempo do primeiro encontro com cada um. No meu primeiro encontro com Julia, ela me falou que queria que eu contasse sua vida num livro. Roberto, por sua vez, disse que tinha muita coisa a me falar sobre como era viver na rua. Nos encontros seguintes, para ambos, já não havia nenhum traço desse entusiasmo inicial com a pesquisa, e ela era algo tão sem importância que lhes era irrelevante. E Paulista e Josué, já de início, não se importaram com ela. Ainda que tenham consentido em participar da pesquisa, pouco me perguntavam qualquer coisa relativa a ela. Interessavam-se muito mais em saber como era a universidade, o que eu pretendia fazer da vida após terminar o mestrado e como era a experiência de morar em Porto Alegre.

Como aponta Ingold (2014), não há nada de muito especial em encontrar pessoas, conversar com elas, lhe fazer questões – isso são coisas que acontecem a todo momento. Não há um diferenciador qualitativo intrínseco ou imanente à observação participante, que torne um encontro com pessoas algo “etnográfico”, a não ser uma diferença de grau. E, se minha atitude de escuta foi valorizada por cada um deles, nem por isso havia para eles algo de novo nisso. Ainda que me falassem que tinham poucas pessoas com quem conversassem cotidianamente, não deixava de existir alguém com quem gostassem de dialogar.

Há não muito tempo atrás, por mais de um ano, Josué e Julia conversavam, quase todo dia, com um funcionário de uma empresa de telefonia que gostava de passar suas tardes no Passeio Público com o casal, naqueles mesmos bancos onde nos encontrávamos. Às vezes eles me diziam que a relação que criaram com ele era semelhante à que criaram comigo. Sabemos o quanto podem ser relevantes as consequências de um trabalho de pesquisa. Mas e o quão irrelevantes e desinteressantes podem ser? Para Josué, Julia, Roberto e Paulista, a relevância dela diz respeito à possibilidade do nosso encontro e, pelo que sempre me demonstraram, isso lhes bastava.

2 MOVER-SE NA RUA

Num fim de tarde, eu saía do Passeio Público após passar horas com Josué e Julia. Estivemos a tarde toda sentados conversando ali na praça. Após nos despedirmos, enquanto eu já me afastava, Julia gritou para mim com um sorriso no rosto: “Apareça! Pode vir, as portas estão sempre abertas e tem um monte de banco pra sentar!”. Na semana seguinte, apareci lá, no mesmo horário que havia ido pela última vez. Nem Josué nem Julia estavam lá. Como as portas estavam abertas e os bancos disponíveis, sentei sozinho, fiquei por um tempo observando o mar daquele mesmo ponto da praça onde sempre nos encontrávamos e depois fui embora. Após esse dia, fiquei algumas semanas sem vê-los. Quando os reencontrei, mais uma vez no Passeio Público, me disseram que estiveram passando mais tempo em algumas outras regiões da cidade, tais como os bairros da Parquelândia, do Vila União, do Conjunto Ceará e da Praia de Iracema – cada um desses bairros sendo consideravelmente distantes entre si.

Ainda que o lugar onde eu os encontrasse fosse sempre o mesmo e que de fato fosse um lugar para onde fossem com frequência, seus trajetos pela cidade eram muito mais amplos, de modo que, provavelmente, a bem-humorada frase de Julia poderia ter sido dita em referência a outros lugares de permanência mais longa. Havia casa de Julia em toda a rua, mas ao mesmo tempo a rua não era sua casa. Ela, portanto, não estabelecia uma reterritorialização do doméstico na rua, ainda que a brincadeira tocasse nessa questão – uma questão que lhe era cara. Dos quatro interlocutores da pesquisa com os quais tive um contato mais duradouro, Julia era a única que falava de um desejo por morar novamente numa residência:

Eu sou uma pessoa muito triste, minha vida é uma vida muito triste. Eu sofro muito aqui na rua. Eu sempre choro, sabe? Choro mesmo. Sabe qual a hora que eu mais choro? Quando começa a anoitecer, que eu vejo as pessoas indo todas pras suas casas, e eu continuando aqui na rua. Pra mim, essa é a pior parte de morar na rua: ver que quando o dia acaba as pessoas vão pra casa, mas que o dia na rua não acabou pra mim, porque não tenho uma casa pra morar (Julia).

E quando Julia me falava sobre seu desejo de ter novamente uma casa, ela não se referia, obviamente, apenas a ter uma relação de propriedade com um lugar com um teto e no qual pudesse dormir. Como me relatava, seu desejo passava por poder novamente

ter e utilizar seus shampoos, cremes capilares, cremes para pele, perfumes; passava também pela construção de um ambiente de moradia com eletrodomésticos e móveis; passava, enfim, pela construção de uma nova relação com a própria rua. Portanto, Julia estava se referindo à mudança de modos de vida e às mudanças de perspectiva decorrentes dessas formas distintas de habitar.

Entretanto, essa narrativa de perda e sofrimento que Julia me apresentava não era uma narrativa única e totalizadora de sua experiência, e menos ainda uma narrativa paralisante. Julia entremeava esse discurso com reflexões sobre a rua como lugar de liberdade e de abertura de possibilidades. Mais que isso, buscava praticar essa autonomia em seu cotidiano na rua. Josué, de forma semelhante, intercalava narrativas de sofrimento com a percepção das liberdades da rua e, particularmente, da rua como espaço de comunhão entre Deus, a natureza e todos os seres. Paulista, por sua vez, destacava as possibilidades de mudar sua vida e adaptá-la a quaisquer condições. Por fim, Roberto comentava comigo que na rua não falta nada: bastava saber como *se virar*.

Essas demarcações da rua como lugar que não se define a partir do signo da falta e da desposseção – até, pelo contrário, definindo-se pelos excessos materiais e de sentido – apontam para a rua como um lugar existencial e simbólico (SCHUCH, GEHLEN, 2012), no qual sujeitos estabelecem vínculos com várias esferas de significação social (LEMÕES, 2013) a partir de socialidades e sociabilidades, agência política e resistência (SCHUCH, GEHLEN, 2012; MAGNI, 2006; MELO, 2011), redes afetivas (MARINHO, 2012), além de atuarem em processos de territorialização que não se apresentam como derivações da forma-casa (KASPER, 2006). Nesse sentido, o habitar a rua é compreendido como uma forma de vida possível (SCHUCH, GEHLEN, 2012), não definida pela negatividade, mas sim como “a maneira como os habitantes, isolados e em conjunto, produzem as suas próprias vidas” (INGOLD, 2015, p. 34).

Trajetórias antes da rua

Como uma forma de situar alguns dos percursos dessas quatro pessoas que acabaram se tornando as principais interlocutoras da pesquisa, apresento a seguir as

narrativas que me apresentaram sobre a história de suas vidas antes de passarem a viver na rua.

Roberto

Nascido em Fortaleza em 1962, Roberto, hoje com 54 anos, é um homem pardo, um pouco calvo, de cabelos levemente grisalhos, geralmente escondidos pelo boné. Durante anos, já enquanto vivia na rua, Roberto teve uma série de problemas após quebrar uma das pernas, o que o deixou permanentemente com uma deformação e com movimentos limitados nesse membro. Ainda que por conta disso tenha passado a se movimentar mais lentamente, isso não o impediu de andar; pelo contrário, caminha muitos quilômetros todos os dias.

Quando jovem, Roberto morava com sua mãe no bairro Pirambu, localizado no lado oeste da zona litorânea da cidade. Lá, mora até hoje uma de suas irmãs. Outra das irmãs morava no Rio de Janeiro. A certa altura da vida, nos anos 1980, Roberto decidiu ir morar com essa irmã. Depois de um tempo, saiu de lá para São Paulo, onde teve sua primeira experiência de morar na rua, após se ver sem dinheiro e sem um emprego. Dormia na Praça da Sé, junto a dezenas de outras pessoas. Ficou algumas semanas lá, até um momento em que policiais retiraram ele e alguns outros moradores de rua de lá, levando-os a um albergue. Segundo Roberto, era um lugar muito grande e bem equipado, onde podia dormir, tomar banho e fazer todas as refeições. Alguns dias depois, no entanto, foi informado por pessoas dessa instituição que deveria sair de lá e que esse era o procedimento padrão do lugar: ele teria que escolher entre ser encaminhado para um trabalho ou retornar para sua cidade de origem. Roberto escolheu trabalhar, empregando-se durante um mês numa oficina mecânica. Voltou novamente para a rua, e, logo em seguida, mais uma vez para esse albergue. Na segunda vez que lhe impuseram aquelas mesmas duas opções, Roberto decidiu escolher voltar para o Rio de Janeiro. Depois de alguns meses, retornou, com a ajuda da irmã, para Fortaleza, regressando à casa da mãe, ainda no Pirambu.

No início dos anos 1990, a mãe de Roberto faleceu. Esse evento, extremamente avassalador para a sua vida, é contado por ele como o fator decisivo para que fosse

novamente para a rua. Nessa época, já tinha vários filhos, com os quais hoje tem pouco ou nenhum contato. De lá para cá, ao conseguir um trabalho, bancava um aluguel, até perder o emprego, voltar para a rua e conseguir alguma outra atividade remunerada. Já há muitos anos, no entanto, Roberto não tem mais buscado um local para alugar, mesmo nos momentos em que consegue algum trabalho – algo que também já não vem obtendo há algum tempo.

Julia e Josué

Julia, uma mulher de 44 anos de idade, parda, cabelos grisalhos, é há pouco mais de 20 anos companheira de Josué, homem de 50 anos de idade, branco, calvo, magro, de baixa estatura. Na época em que se conheceram, ainda não haviam vivido na rua, o que veio a acontecer após alguns anos estando casados.

Julia nasceu no Crato, município do interior do Ceará, no extremo-sul do estado, na divisa com o estado de Pernambuco. Após largar a escola na 7ª série do ensino fundamental, em meados dos anos 1980, Julia foi trabalhar. Foi nesse período que sua mãe, a quem era muito apegada, faleceu. Ela não estava no Crato, pois o pai, que muito lhe agredia e maltratava física e psicologicamente, havia expulsado-a de casa, mandando-a para São Paulo, onde moraria com uma tia. A mãe de Julia também sofria com as agressões do marido, tendo sido um de seus últimos ataques o de fazer distanciar-se da filha. A mãe de Julia passou a beber muito todos os dias e morreu por complicações relativas ao uso excessivo de álcool. Ao saber da morte da mãe, Julia voltou ao Crato muito abalada. Não foi aceita de volta na casa pelo pai. Morou com outros familiares, até que, um pouco mais velha, passou a trabalhar em Fortaleza, retornando para sua cidade natal de tempos em tempos para ajudar financeiramente a família. A cada vista de Julia, seu pai a ameaçava de morte. Julia diz guardar até hoje mágoas do pai, o qual viu pela última vez em 2014, na sua última ida ao Crato.

Em Fortaleza, Julia trabalhou como empregada doméstica e como cozinheira. Passou a morar na Granja Portugal, um dos muitos bairros da periferia da cidade. Foi casada por dois anos com um homem quinze anos mais velho, amigo de seu pai e morador do Crato, com quem não teve filhos. Julia nunca o esqueceu, mas não tem mais

contato com o homem, que hoje está preso. Após o término dessa relação, conheceu Josué.

Josué não gosta de falar sobre o seu passado. Ele resume o período anterior à sua relação com Julia a um único fato, o de que foi casado com uma mulher com a qual teve dois filhos, mas da qual prefere não lembrar. Sua filha tem 25 anos e seu filho tem 24. Além disso, Josué tem netos.

Josué e Julia nunca tiveram filhos juntos. Em meados dos anos 1990, Julia estava trabalhando como cozinheira e Josué estava desempregado. Num determinado momento, Josué passou a lhe pedir dinheiro emprestado para realizar pagamentos. Julia descobriria depois que o dinheiro não era usado para os fins sobre os quais Josué lhe falava. Um amigo de Josué o havia apresentado ao crack, com o qual acabou criando uma dependência, mas sem possuir dinheiro para comprá-lo. Julia não sabia do uso de Josué, mas passou a suspeitar após perceber o desaparecimento de dinheiro, do botijão de gás da sua cozinha e de pequenos objetos da casa. Um dia, chegando à sua residência após o expediente de trabalho, não havia mais nenhum móvel ou eletrodoméstico lá. Josué e seu amigo disseram que a casa havia sido roubada, mas Julia não acreditou nessa versão, descobrindo depois que, na verdade, tudo havia sido vendido pelo marido e pelo amigo para que o dinheiro fosse utilizado para comprar pedra – da qual hoje Josué faz apenas um uso moderado. Julia me conta que, a partir daí, foram perdendo tudo o que possuíam, indo em seguida morar na rua, na qual estão há mais de 15 anos.

Paulista

Paulista tem cerca de 45 anos de idade. É um homem pardo, forte, com a calvície encoberta pelo uso frequente de boné. Nascido na cidade de Ubajara, na região serrana do estado do Ceará, Paulista morou em diversos municípios do estado de São Paulo durante quase 20 anos – período intercalado por retornos a Ubajara. Fora do Ceará, era conhecido pelo nome do seu estado de origem. Após os períodos em São Paulo, passou a se apresentar às pessoas pelo nome Paulista; em algumas conversas, reconstruía sua origem, dizendo ter nascido em São Paulo e ser de lá toda sua família –

algo que costumeiramente gerava piadas entre os conhecidos, que sabia que ele e toda sua família são do município de Ubajara.

Paulista tem três irmãos e uma irmã. Sobre a irmã, fala pouco. Já os irmãos, todos os três policiais militares e residentes em Fortaleza, são tema recorrente de suas conversas. Sua mãe mora em Ubajara. De seu pai não tem memórias, pois ele abandonou a família quando Paulista tinha apenas sete meses de nascido. Paulista tem duas filhas, umas com 12 e outra com 15 anos de idade, ambas morando em Ubajara.

Foi casado durante doze anos com uma jovem também de origem ubajarense, com quem não teve filhos e a quem conheceu já em São Paulo. Nessa época, a jovem trabalhava como funcionária numa loja, período em que cursava faculdade, tornando-se a seguir professora. Antes de conhecê-la, Paulista já havia morado em vários estados do país, passando por Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, Bahia e Pernambuco. A cada mudança de cidade, Paulista procurava um novo emprego, e já nesse período dormia em ruas e calçadas. Ele conta que sua especialidade é em construção civil e no trabalho como eletricitista, mas já trabalhou também como mecânico, pintor, coletor de materiais recicláveis, como vendedor em lojas e em diversas outras funções.

O último lugar onde trabalhou em São Paulo, e que mais se faz presente em suas histórias e lembranças, foi na fábrica de cervejas Ambev, de onde costumava roubar bebidas para consumir escondido na sala do almoxarifado. Além de seus tempos na Ambev, Paulista coleciona muitos relatos envolvendo o álcool que perpassam vários momentos de sua vida. Nos períodos mais intensos de bebedeira, ocorria de Paulista dormir em calçadas e nas portas de bares. Após o término do casamento, em que dividia um apartamento com a então esposa nos períodos em que voltava a Ubajara, retornou a São Paulo.

Na segunda metade de 2015, Paulista viajou para Fortaleza e começou a coletar latas de alumínio nas ruas. Conheceu uma sucata localizada na Avenida João Pessoa e, depois de algum tempo, conversou com o dono do terreno e se ofereceu para trabalhar ali diariamente, recebendo por dia 10 reais e alimentação e podendo usar o espaço para dormir. Trabalhou lá por quase 1 ano e, até a finalização desse trabalho, já havia passado a trabalhar numa oficina de carros localizada ao lado do terreno e, depois de alguns meses, abandonado o emprego e, de posse de uma carroça para coleta, voltou a

coletar materiais recicláveis – ainda que não tenha voltado a trabalhar na sucata – e a trabalhar com o recolhimento de entulhos de construção.

Um dia na vida

Às 5 horas da manhã o sol começa a nascer em Fortaleza. É uma terça-feira, e nessa hora do dia o movimento de veículos ainda é escasso nas vias da cidade. Roberto está deitado sobre um pedaço de papelão numa parte da calçada da Avenida Domingos Olímpio. Nem ele tem certeza se está dormindo ou acordado. O sono leve o fez saltar por boa parte da madrugada entre a vigília e o repouso. Coberto por um longo lençol, Roberto, sem camisa e com a cabeça sobre dois pedaços de papelão dobrado que lhe servem como travesseiro, está sozinho, tendo ao seu redor apenas seus demais pertences. Às 5h30, senta-se sobre seu papelão e começa a organizar seus objetos. Após guardar tudo na sua bolsa, levanta-se, dobra os papelões e os deixa num local próximo. Nesse momento, começa a caminhar sem pressa pela avenida, dobrando à esquerda na primeira rua que a cruza, a Rua Senador Pompeu, que atravessa todo o Centro e se estende quase até a beira do mar.

Nessa hora, a menos de um quilômetro de onde Roberto dormia, Julia e Josué ainda estão deitados sobre pedaços de papelão debaixo da marquise de uma escola numa esquina da Avenida Imperador, no lado oeste do Centro. Julia já está acordada, mas ainda tenta cochilar mais um pouco após ajeitar o corpo sobre o papelão. Josué ainda dorme. Às 6 horas, o primeiro funcionário da escola chega para o trabalho. Dentro de alguns minutos, outras pessoas estarão passando por ali onde dormem. O som dos ônibus já começa a rasgar com mais insistência o silêncio do ambiente. Julia e Josué se levantam. Josué organiza os pertences do casal num enorme saco que carrega nas costas. Julia dá seu primeiro gole do dia em seu celular⁷ de cachaça. Eles começam a caminhar pela Rua Antônio Pompeu, dobrando em seguida à esquerda numa rua paralela àquela por onde Roberto estava caminhando e distante dela apenas um quarteirão.

⁷ A expressão *celular* de cachaça, comum no Ceará e muito utilizada por Zilda, refere-se às garrafas de cachaça de pequeno tamanho e que cabem no bolso.

A essa hora, seis da manhã, Roberto já caminhou por muitos quarteirões da Rua Senador Pompeu, por onde andava até então, e pegou outras ruas que o levaram até a Praça do Ferreira. Lá, muitos moradores de rua ainda estão deitados sobre bancos e papelões. Mas há também os movimentos iniciais nas lojas ao redor da praça e no restante do Centro. Roberto põe suas coisas num dos bancos e se senta.

Nesse momento, Paulista também está acordado, mas a uma distância de cerca de três quilômetros de onde se encontram Roberto, Josué e Julia (esses dois últimos, cada vez mais próximo de Roberto). Paulista está se levantando do chão de um trecho da calçada da Avenida João Pessoa, de onde acabara de acordar. É hora de abrir o portão do terreno de coleta de recicláveis, que fica exatamente do outro lado da rua. Tira a chave do bolso e, ao se aproximar do portão, já percebe o gato do qual cuida está lhe esperando do lado de fora do terreno. Ele põe todo dia ração para ele dentro do terreno. A última saca de ração, Paulista comprou de um catador de lixo que lhe procurou para vender a mercadoria, cobrando-lhe cinquenta reais, dinheiro com o qual contava para poder comprar crack. Paulista não aceitou o preço e, após certa negociação, Paulista conseguiu que baixasse para o valor de apenas cinco reais – valor de uma única pedra de crack.

No madrugada, Paulista estava dormindo sozinho dentro do terreno. Em dado momento, porém, se assustou com a presença do gato, que chegou de surpresa derrubando alguns objetos. Paulista diz ter medo de assombrações e por isso não titubeou em pegar a chave, abrir o portão e ir se deitar na rua, onde se sentia mais seguro. Não era a primeira vez que fazia isso. Nos seus primeiros minutos da manhã dentro do terreno, tendo já posto o alimento do animal, Paulista começa a varrer o lugar. O portão foi deixado completamente aberto. Uma hora depois, chega o primeiro catador com seu carro de coleta.

Às 7h30 o movimento na Praça do Ferreira já cresceu consideravelmente. Já se vê menos moradores de rua na praça. Dos que permanecem, muitos já estão sentados nos bancos. Roberto continua onde estava desde que chegou. Dá um gole de água da garrafa de um litro que guarda na bolsa que um dia foi a tiracolo, mas que agora carrega na mão. Por conta do tamanho e do peso da garrafa que utiliza, a mochila está aos poucos se rasgando – o que, fatalmente, já aconteceu com quase todas as outras

mochilas que teve. Roberto já está imaginando como poderia conseguir uma nova mochila.

Josué e Julia estão nesse momento numa rua do Centro comendo tapioca com café de um carrinho de calçada. As duas tapiocas custaram, juntas, dois reais. O café saiu de graça, pois Josué conseguiu *mangueá-lo*⁸. Terminada a refeição, Josué e Julia caminham pela rua enquanto conversam. Josué busca manter o olhar voltado para o chão. Ao ver uma garrafa de plástico ou de alumínio, coleta-a e coloca-a dentro de sua sacola para vender o material recolhido em algum lugar semelhante àquele no qual Paulista trabalha.

Nesse momento, Paulista está com um par de luvas grossas vestindo suas mãos. Ele está revirando e organizando diversos objetos de metal que se acumulam em pilhas e mais pilhas no fundo do terreno. Ali é possível se encontrar também objetos de papel e de plástico, só não se trabalha com vidro. A metade de trás do terreno é formada por pilhas e pilhas e montanhas e montanhas de sacos de lixo e outros objetos soltos. Numa das paredes há algumas dezenas de toras de madeira encostadas. Próximo a uma outra parede, uma pilha de cerca de 10 micro-ondas quebrados. Noutro lado do terreno, montanhas de garrafas pet. Um homem chega com um carro de coleta, estaciona-o dentro do terreno e começa a separar o que coletou de acordo com o tipo de material. O homem e Paulista conversam brevemente. Paulista segue até a entrada do terreno e observa o movimento da rua. Um conhecido seu que trabalha na vizinhança passa por ali, e Paulista cumprimenta-o alegremente. Nesse momento, vai até a mercearia quase ao lado, compra um celular de cachaça e começa a bebê-lo.

Roberto estava ainda sentado num banco da Praça do Ferreira – que a essa hora já estava bastante movimentada –, mas agora conversando com Júlio, um homem de cerca de 50 anos de idade que já mora na rua há mais de duas décadas e que, antes disso, já havia passado por vários clubes de futebol do estado como goleiro. Júlio contava para Roberto histórias de seus irmãos, um policial militar e o outro advogado.

8 Quando solicitei para que Zilda, bem como para Zé e Roberto, me explicassem a definição do termo *manguear*, eles me disseram que tratava-se de “pedir dinheiro”. No entanto, o termo era utilizado também para situações de obter alimentos, bebidas, cigarros, roupas e todo tipo de objeto. Melo (2011:186), ao buscar uma definição mais ampla do termo, utilizado também pelos interlocutores de sua pesquisa de campo em Curitiba, no Paraná, e que sintetizasse uma série de experiências, o descreve como “Um complexo de relações essencialmente utilizado para obter recursos na rua, mas que produz mais que recursos econômicos; uma forma criativa de obter recursos e de se relacionar com as pessoas domiciliadas”.

Roberto estava com dificuldades de entender todo o que o amigo dizia, pois Júlio estava com a fala embolada devido ao seu alto grau de embriaguez naquele momento. Roberto interrompeu a conversa, levantando-se para olhar a Coluna da Hora, um monumento de mais de dez metros de altura que tem no topo um relógio e que fica no meio da Praça do Ferreira. Ao ver que já eram mais de 8 horas, Roberto se despediu do amigo e começou a andar rumo ao *contêiner*, nome utilizado por vários moradores de rua que andam ou dormem no Centro para se referirem a um equipamento instalado pela Secretaria Especial de Política Sobre Drogas (SPD) do Governo do Estado do Ceará, que é parte do chamado Projeto Corre Pra Vida, voltado para o atendimento de usuários de drogas que vivem nas ruas. O contêiner fica ao lado do hospital Santa Casa de Misericórdia (que, por sua vez, fica ao lado também do Passeio Público) e da favela do Oitão Preto, no bairro Moura Brasil. Chegando lá, Roberto encontra uma pequena fila. Aguarda em pé. Além de outros moradores de rua, há ali uma pequena equipe de assistentes sociais e psicólogo e um segurança.

Nesse momento, Josué e Julia estão no mesmo local que Roberto. Mas não estão juntos a ele na fila, e sim já dentro das cabines de banho disponíveis no lugar. Utilizam os sabonetes e shampoo disponibilizados pelo próprio contêiner, bem como escova de dente para a higiene bucal. Pouco depois de saírem, Roberto se encaminha para o banho. De lá, Julia caminha três quarteirões para chegar até a Praça da Sé, localizada defronte à Catedral Metropolitana de Fortaleza, de tamanho bem menor se comparada ao Passeio Público ou à Praça do Ferreira, que ocupam cada uma o espaço equivalente a todo um grande quarteirão. Antes disso, pede a Josué algumas moedas para comprar cigarros. É com Josué que costuma ficar o dinheiro do casal. Josué tira do bolso alguns dos poucos trocados que restaram após a compra da tapioca e os dá para Julia. Também dá a ela uma pequena garrafa plástica cheia de água que estava guardada na sacola. De lá, Josué segue caminho para o lado oposto. Ele caminhará pelo Centro magueando e coletando materiais recicláveis. Julia segue para a praça, parando antes num bar de esquina para comprar seus cigarros.

São 9h30 e Paulista dá uma pausa nos seus afazeres no terreno de reciclagem. Ele senta-se abaixo de uma pequena área coberta por telha, único trecho do terreno que não fica a céu aberto. Paulista chama esse lugar de sua *casinha*. É ali onde costuma dormir. O local é amontoado de objetos, de forma que a parte onde Paulista costuma se deitar corresponde a uma pequena clareira em meio a uma enorme quantidade de coisas.

De cima de uma das duas mesas de madeira que ficam ali, Paulista pega um pote de sorvete de dois litros utilizado para guardar o alimento que recebeu de um bar próximo à sucata. Nesse momento, entra de moto no terreno Gabriel, cujo padraço é o do dono do lugar, mas que lhe conferiu recentemente a responsabilidade de cuidar do local. É ele quem paga a Paulista a alimentação diária e uma pequena quantia semanal. Após conversarem um pouco, Gabriel vai embora. Nessa mesma mesa sobre a qual estava sua comida, há uma gaveta que guarda dois objetos muito importantes. Um é a chave do lugar. O outro é um revólver, de propriedade de Gabriel (há um segundo revólver guardado em outra parte do terreno). Quando Paulista começou a trabalhar lá, Gabriel lhe disse que já havia assassinado uma mulher e sido traficante, e que por questões envolvendo esses dois fatos era jurado de morte, já tendo escapado de ser assassinado uma vez, quando uma bala lhe atingiu de raspão a cabeça. Portanto, Paulista deveria, além de cuidar do terreno, utilizar a arma para defendê-lo caso fosse necessário.

Às 10h30 da manhã, Roberto já saiu do contêiner e dirigiu-se ao Passeio Público. Como de costume, está sentado num dos bancos da Rua Caio Prado⁹, nome do trecho da praça que fica na direção norte da praça, com vista para o mar. Roberto gosta de observar as águas, atento às embarcações que partem ou que se aproximam da orla da praia.

No mesmo corredor de bancos onde está Roberto, está sentado também Antônio, um homem negro de cerca de 60 anos de idade. Ele também saiu há pouco tempo do contêiner. Antes disso, mais cedo, estava dormindo numa pousada para moradores de rua da prefeitura, próxima à Avenida Domingos Olímpio, rua onde Roberto costuma dormir. Agora, sentado olhando para o mar, Antônio, com ansiedade, pensa em quando voltará a pescar. Por quase todas as décadas da sua vida foi pescador, mas agora estava sem poder exercer essa atividade devido a problemas de saúde – o que, portanto, o deixa sem dinheiro, fazendo com quem precise manguear, algo que deixa Antônio desconfortável e que evita ao máximo. De qualquer maneira, é o que pretende fazer ao ver que, nesse momento, se aproxima um conhecido seu que também dorme na mesma pousada.

⁹ Apesar de ser chamada de “rua”, não é uma via de passagem de veículos, mas apenas um dos corredores da praça

Já são mais de 11 horas, e esse é o momento em que Josué, em meio às suas andanças, começa a manguear comida em restaurantes. Ele vai a um primeiro restaurante, no Centro, e diz para um funcionário que gostaria de lhe pedir uma marmita para ele e para a esposa. Tem seu pedido negado. No entanto, já no segundo restaurante que vai consegue alimento, recebendo uma marmita com quase um quilo de comida. Dali, Josué inicia trajeto ao encontro de Julia. No meio do caminho, mangueia dois tomates com um feirante de rua. Avista outro restaurante e decide entrar lá e manguear uma segunda marmita. Assim o faz, e agora há uma marmita para ele e outra para Julia.

Nesse momento, Julia está na Praça da Sé conversando com um conhecido seu que também vive na rua. Ele conta para ela seu sofrimento devido ao recente término do relacionamento com a esposa. Antes, o homem morava com a esposa e trabalhava ali perto como feirante de roupas. Costumava ficar algumas semanas sem voltar para casa, bebendo, fumando e cheirando pó com os amigos. Se apaixonou por uma outra mulher, que acabou rejeitando-o. Certo dia, sua esposa, sabendo dos flertes extraconjugais e cansada dos períodos de sumiço do marido, decidiu se separar e expulsá-lo de casa. Julia está preocupada com o homem, pois agora ele não está mais trabalhando, pouco se alimenta e consome crack, o que a faz notar que ele tem emagrecido muito. Há poucas noites atrás, o homem havia tentado se matar, enforcando-se numa árvore da praça, mas sendo impedido a tempo por Josué e outro homem que dormia ali no momento. Julia tenta pensar em alguma forma de ajudá-lo, mas não sabe como.

A essa hora, Roberto se levanta do banco do Passeio Público e segue para a saída que se situa no lado esquerdo da praça. Anda alguns quarteirões até o restaurante de onde tem mangueado comida recentemente. Poderia ter feito isso em algum dos restaurantes pelos quais passou enquanto caminhava, mas decidiu seguir para o restaurante habitual. Senta-se numa das cadeiras e fica por lá por um tempo assistindo o telejornal do meio dia, que logo será trocado por um canal que, nesse horário, transmite um programa policial. Após mais um tempo de televisão, já com a marmita na mão, Roberto faz o trajeto de volta para o Passeio Público. Nessa hora, Josué, vindo da mesma direção de onde estava Roberto, chega à Praça da Sé com as marmitas. Quando Josué tira do saco as duas marmitas, Julia diz que deveriam dar uma delas para o conhecido deles que havia tentado se suicidar recentemente. Sem titubear, Josué a entrega para o homem. O casal divide a marmita que lhes sobrou.

Enquanto isso, Paulista ainda não almoçou e continua fazendo atividades no terreno de coleta de recicláveis. No entanto, não precisará maguear. Tem no bolso o dinheiro que Gabriel lhe deixou naquele dia para a comida. Há mais um pouco de dinheiro no bolso, que logo será utilizado para comprar um segundo celular de cachaça. Chega então no terreno um homem pardo de cerca de 30 anos chamado Jonas. Ele já é um conhecido de Paulista e está sempre coletando materiais recicláveis ali perto. Entra no terreno com seu pesado carrinho de reciclagem repleto de objetos. Começa a separar de acordo com o tipo de material. Tira dali um par de meias que encontrou no lixo e entrega-o para Paulista, dizendo que é para ele usá-las junto com as botas. Paulista agradece e, naquele momento, já as veste. Retorna ao carrinho e, enquanto separa os objetos, chega próximo a Paulista outras duas vezes, numa entregando a ele duas calças e na outra lhe entregando um relógio quebrado. Paulista entende esses presentes de Jonas como uma tentativa de agradá-lo após uma briga que os dois tiveram alguns dias atrás, deixando Jonas até então com um dos olhos completamente roxo. Após terminar de separar os itens de plástico, Jonas reclama: “catar lixo é fácil, o difícil é separar”. Coloca então todo o plástico recolhido sobre uma grande e antiga balança de metal que fica em frente à *casinha* de Paulista. É através da balança que todo o trabalho de coleta e separação do lixo é traduzido numa medida que permite uma segunda tradução, a do peso em dinheiro. Diz a ele que o total foi de doze quilos. Paulista anota o peso numa agenda que fica sobre uma das mesas. A seguir, calculará o valor e o anotará num recibo, que deverá ser entregue por Jonas numa oficina mecânica que fica naquele mesmo quarteirão e que é de propriedade do padasto de Gabriel, dono do terreno de coleta de lixo. É lá que fica o dinheiro que é utilizado para pagar os catadores. No caso, como até esse dia se pagava 40 centavos pelo quilo do plástico, Jonas receberá a quantia de 4 reais e 80 centavos.

Já é mais de meio dia. Roberto já está de volta ao Passeio Público e, sentado novamente de frente para o mar, começa a comer a marmitta que magueou. A essa altura do dia, Julia e Josué ainda não almoçaram e resolvem ir também para o Passeio Público para comerem sua marmitta por lá. Sentam-se nos bancos da parte central da praça e, enquanto se alimentam, conversam por um tempo. Após comer, Josué já se levanta para ir novamente andar pelo Centro enquanto magueia. Julia pede mais dinheiro para comprar cigarros e solicita de volta seu celular de cachaça, que Josué havia guardado na sacola.

Nesse momento do dia, o clima no Passeio Público é de tranquilidade, ainda que haja um trânsito frequente de pessoas. Com muitos bancos, boa ventilação e bastantes árvores, há muitos espaços com sombra na praça. Pessoas que trabalham nas redondezas aproveitam o horário de descanso para ficar na praça. Há um restaurante dentro do Passeio Público, e essa é a hora em que alguns funcionários que trabalham nos arredores vão até lá almoçar. Outros, já tendo se alimentado, tiram um cochilo deitados nos bancos da praça. Há também alguns moradores de rua ali naquele momento, cada um num banco diferente da praça. Alguns dormem, outros observam o movimento. A essa altura, Antônio, o pescador, já saiu de lá e, com o dinheiro que pediu para o amigo da pousada, comprou uma coxinha e seguiu até a Praça do Ferreira, sentando-se junto a um grupo de três moradores de rua, todos conhecidos seus, que conversavam animadamente.

Após comer, Roberto coloca a marmita vazia ao lado do banco onde está sentado. Um gato se aproxima para lambê-la. Tira da mochila a garrafa de água. Para que sua bolsa não fique molhada, enrola a garrafa com folhas de jornal que achou mais cedo na rua em suas andanças. Aproveita para ler algumas notícias, detendo-se por mais tempo no caderno policial. Lê também algumas notícias do caderno de política, mas logo o abandona, pois essa é a seção do jornal que mais detesta.

Às 15 horas, Julia já fumou todos os cigarros que comprou. Manguieia um com uma pessoa que passa próxima ao banco onde está sentada. Antes de acender o cigarro, dá um gole na cachaça e rapidamente a esconde de volta no bolso na bermuda. Ela não pode deixar que o grupo de três policiais militares que fica dentro do Passeio Público veja que está bebendo, pois já lhe aconteceu – bem como a amigos seus que também moram na rua – dos policiais se aproximarem e ordenarem que o conteúdo fosse despejado, dizendo ser proibido que bebessem na praça. Em alguns outros momentos, Julia transferiria a cachaça para uma garrafa de água para evitar esse tipo de situação. Ela faria isso também para que alguns de seus conhecidos da rua, com quem não gostaria de compartilhar sua bebida, não se aproximassem pedindo para beber com ela.

Roberto está nesse momento deitado, sem camisa, tentando cochilar, apoiando a cabeça sobre sua bolsa. À noite tem insônia, o que o deixa muito cansado durante o dia. No entanto, também tem dificuldade de dormir à tarde. A cada pequeno cochilo que consegue dar, acorda de sobressalto. No momento em que um grupo de estudantes de

colégio chega ao Passeio Público para um passeio guiado, resolve se sentar novamente. Não haverá mesmo condições de dormir com aquele barulho. Além disso, o corredor de bancos onde está, da Rua Caio Prado, é o mais movimentado da praça. Assim, resolve ir para um banco mais escondido que fica num trecho da praça com menos movimento. Passa por Cantor, também morador de rua, que está deitado num banco lendo uma revista em quadrinhos, e o cumprimenta. A alguns metros de Roberto, Julia está observando grupos de turistas e outros passantes que entram no Passeio Público. Em dado momento, se levanta para manguear com eles algum dinheiro.

Às 16 horas, Paulista sai para tomar um banho numa oficina de carros que fica ao lado da sucata. Jonas e outros homens que catam lixo estão dentro do terreno conversando. Após o banho, Gabriel aparece dizendo para Paulista ir com ele buscar alguns materiais recicláveis a alguns quarteirões dali. Vão numa camionete dirigida por uma terceira pessoa. Paulista coloca os objetos no veículo. Agora que o carro está cheio de coisas, uma pessoa deverá voltar a pé. Paulista caminha até o terreno irritado com Gabriel, que disse que seria ele que voltaria a pé. Chegando lá, o carro está estacionado esperando que Paulista comece a tirar os objetos.

Por volta das 17h, o movimento no Passeio Público já diminuiu consideravelmente. Josué retorna para lá ao encontro de Julia. Ele mostra a ela os alimentos que manguou: duas coxinhas e algumas mangas. Julia ri dos óculos escuros que Josué está usando, encontrados perdidos numa calçada. Nesse momento, as luzes da praça são acesas. Esse é o sinal que faz com que Roberto se levante e vá embora da praça. Ele gosta, enquanto ainda há alguma luminosidade natural, de caminhar pelo Centro. Saindo do Passeio Público, segue até a Praça José de Alencar, outra ampla praça da cidade, esta ocupada em grande parte por vendedores ambulantes e feirantes. Há conhecidos de Roberto por ali, alguns deles também moradores de rua. Conversa um pouco, observa as agitações finais do movimento comercial da praça. Após um tempo, seguirá caminho pela Rua Senador Pompeu, a mesma que, pela manhã, utilizou para chegar até o Centro; dessa vez, no entanto, fará o caminho oposto, retornando para a Avenida Domingos Olímpio.

Às 18 horas, Paulista fecha o portão da sucata e vai tomar outro banho na oficina mecânica ao lado. Jonas está ali por perto com Caucaia e Chico. O primeiro é um homem pardo com barba branca com cerca de 50 anos de idade. O segundo, um homem

jovem, pardo, com cerca de 30 anos de idade e com algumas tatuagens pelo corpo. Ambos catam materiais recicláveis e dormem ali por perto. Eles compartilham entre si um celular de cachaça. Durante boa parte da manhã e da tarde, juntos a outras pessoas, coletam objetos recicláveis das dezenas e dezenas de sacolas de lixo deixadas por moradores dos prédios da região num trecho de uma rua próxima ao terreno. Após o banho, Paulista se junta a eles e, sentados na calçada do terreno, bebem cachaça juntos enquanto riem compartilhando histórias de velhas bebedeiras.

Josué e Julia saem do Passeio Público e começam a seguir um entrançado de caminhos pelo Centro. Há um ponto no qual pararão e descansarão até o dia seguinte: o mesmo lugar onde estiveram na madrugada anterior. No entanto, não há pressa para chegar lá. Enquanto caminham, vão manguendo alguns alimentos que utilizarão mais tarde como a janta do dia. Julia está particularmente motivada a comprar um celular de cachaça, o que a faz entrar em alguns bares e mercados. Achando caros os valores encontrados, sai dos estabelecimentos sem comprar nada. Em alguns, não vai embora sem pedir alguns alimentos – nesse dia, sem sucesso em todas as tentativas.

Nesse momento, Roberto já está na Avenida Domingos Olímpio. No trecho de calçada onde dorme, que é um pouco recuada por ter um espaço onde cabem alguns poucos carros estacionados, há três lojas de informática que fecham por volta das 18 horas. Ele conhece o dono de cada uma, mas costuma conversar mais com Tiago, proprietário da loja na qual dorme exatamente em frente. Roberto às vezes recebe algum dinheiro ou alimentos de Tiago, que, por sua vez, entende a presença de Roberto como uma possibilidade de segurança para seu comércio enquanto está fechado nas noites e madrugadas. Na medida em que as lojas vão fechando, Roberto começa a colocar seus objetos no chão e a estender o papelão onde repousará seu corpo.

Às 20 horas, Paulista continua bebendo com Jonas, Caucaia e Chico. Junta-se a eles Maranguape, um homem de 58 anos de idade, morador da comunidade do Canal, conjunto de casas que fica a um quarteirão do terreno de reciclagem e que cerca um trecho de um canal que se estende pela Avenida Eduardo Girão – é lá que mora a família e muitos dos amigos de Gabriel, dono da sucata, sendo o lugar onde morou por quase toda a vida, até o dia em que recebeu o tiro que lhe acertou de raspão. Maranguape já viveu na rua por oito meses. Foi expulso de casa pela família, que não aceitava sua dependência química com o álcool e o crack. Depois desse tempo,

Maranguape disse que pediu aos parentes para voltar para casa e foi aceito. No entanto, manteve-se amigo de várias das pessoas que conheceu na rua. Além disso, continua participando de atividades de um dos dois Centros de Referência Especializados para População em Situação de Rua (Centro Pop) da cidade e participando de palestras e utilizando o Refeitório São Vicente de Paulo, conhecido como Casa da Sopa, coordenado pela Irmã Inês, uma das freiras do Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo, lugar onde está localizado o refeitório. Ambos localizam-se a alguns quarteirões dali, na mesma avenida onde se situam sua residência e o terreno de coleta de recicláveis.

Às 21 horas, Josué e Julia já terminaram de comer e estão com seus objetos organizados para dormir. O movimento na rua é tranquilo. Enquanto isso, Roberto está sentado conversando com um homem que mora no prédio que fica logo ao lado do ponto onde dorme. Há dias, tal como este, em que Roberto não mangueia comida em nenhum restaurante no fim de tarde porque já conta com a possibilidade de receber comida desse homem. Após o conhecido voltar para seu apartamento, Roberto começa a se alimentar do baião de dois, frango cozido e farinha que enchem o pote de dois litros que recebeu.

Às 22 horas, Paulista continua bebendo com os amigos. No entanto, agora estão na calçada de uma rua escura e pouco movimentada ali perto. Maranguape já voltou para casa. Por volta das 23 horas, Paulista retorna para o terreno. Os amigos permanecem onde estavam. Caucaia resolveu dormir mais cedo. Tirou da grande sacola que carregava um longo plástico maleável recém-adquirido que usaria pela primeira vez como lençol. No terreno, Paulista juntou alguns papelões embaixo da *casinha*, pôs sobre eles, para acolchoá-los, um pano que estava guardado sobre uma mesa e, antes de deitar-se para dormir, deu uma volta no terreno para conferir se não havia ninguém por ali.

À meia noite, Josué e Julia já estavam dormindo. Paulista também. Mas Roberto não. Ele mexia as pernas, espantava com a mão um mosquito que insistia em picá-lo, virava o corpo para um lado e para o outro. O barulho de alguns dos carros que ainda passavam por ali lhe incomodava um pouco. A poucos metros, na esquina do quarteirão onde dorme, há um posto de gasolina. Portanto, há ali um fluxo frequente de carros mesmo de madrugada, que, ao saírem do posto para abastecer ou para utilizar algo da

loja de conveniência que funciona 24h, passam em frete ao lugar onde Roberto dorme. Em dado momento, finalmente, Roberto consegue cair no sono. No meio da madrugada, no entanto, acorda com os gritos de Marquinhos, um jovem negro de cerca de 20 anos de idade que costuma dormir numa funerária que fica, em relação ao ponto de Roberto, do outro do lado da Avenida Domingos Olímpio. O jovem, nesse momento, está alucinando. Quando está no Passeio Público, Roberto sempre vê Marquinhos caminhando em direção à favela do Oitão Preto para comprar crack. Ele não tem certeza se as alucinações do jovem são oriundas de algum tipo de transtorno mental ou se são consequências da dependência do crack. Às 4 horas da madrugada, o jovem sai caminhando para longe dali. Nesse momento, Roberto consegue voltar a dormir. Acordará quando o sol começar a nascer.

Um ou muitos dias?

A descrição que acabei de apresentar corresponde a um dia imaginário, reunindo acontecimentos reais que se desenrolaram em momentos distintos. Alguns deles acontecem com frequência, tais como alguns dos caminhos que levam aos locais de descanso mencionados. Outros, tais como os presentes de Jonas para Paulista, estavam acontecendo ali pela primeira vez, motivados por situações muito específicas – no caso, uma briga entre os dois. No início do tópico, indiquei que os eventos que seriam descritos aconteceram numa terça-feira. Eu também poderia ter escolhido dizer que se passaram numa quarta ou numa quinta-feira. No entanto, não diria que aconteceram numa segunda-feira, pois, por exemplo, logo a primeira situação que descrevi, de Roberto acordando na Avenida Domingos Olímpio, certamente não estaria se desenrolando dessa maneira. Na segunda-feira Roberto estaria acordando na Praia de Iracema, bairro próximo ao Centro, para onde costuma ir durante as noites de sexta-feira – o que, também, não permitiria que eu nomeasse esse dia como uma sexta.

Se eu tivesse descrito um dia de fim de semana, os trajetos todos seriam completamente diferentes. Além da ida à praia de Roberto, onde atividades diferentes apareceriam – tais como os “bicos” que faz como cuidador de carros –; Josué e Julia provavelmente não andariam pelo Centro e estariam dormindo em algum outro bairro,

podendo mesmo estar na praia, assim como Roberto. Enquanto isso, a sucata estaria funcionando com dinâmicas diferentes, dependendo de ser um sábado ou domingo, de modo que Paulista estaria comprometido de formas distintas nas atividades relativas à coleta de materiais recicláveis.

Assim, há um primeiro ponto sobre a descrição que produzi no qual deve ser tocado. Um dia como esse não generaliza a experiência cotidiana dessas pessoas, na medida em que há trajetos, lugares, atividades e práticas que não acontecem todos os dias e que estão em certa consonância com os ritmos da cidade em suas variações entre “dias de semana” e “fim de semana”. Portanto, há, no caso dessas quatro pessoas, uma relação direta entre os movimentos e trajetos nas ruas com calendários laborais da cidade. Roberto, Julia e Josué que preferem não estar no Centro nos fins de semana por questões relativas à diminuição do tráfego no Centro. No caso de Paulista, há uma diferença entre a realização de seu trabalho usual nos sábados e da realização dos *bicos* nos domingos, mesmo dentro do terreno de coleta de recicláveis¹⁰. Um segundo ponto diz respeito às diferenças dentro das próprias semelhanças. Uma terça-feira de uma semana nunca será igual à terça-feira da semana seguinte, assim como os fins de semana nunca são iguais, mesmo que haja repetições dos lugares para onde se vai. Por fim, a descrição que fiz corresponde a um espaço temporal muito preciso dentro do tempo de rua dessas pessoas. Poucos meses depois, Paulista estaria trabalhando em outro lugar e teria largado a cachaça; um ano antes, boa parte dos trajetos de Roberto aconteceria entre hospitais, casas de repouso e instituições religiosas devido a problemas de saúde pelos quais passava naquele momento; também há um ano, Josué estaria sozinho na rua e Julia encarcerada num presídio numa cidade próxima a Fortaleza.

Duas questões serão tratadas adiante. A primeira diz respeito a dois dos traços principais dos modos como essas pessoas habitam a rua: o andar e o estar parado. A segunda diz respeito mais particularmente aos processos de variação e de estabilização presentes nos percursos dessas pessoas.

Estar em movimento, estar parado

¹⁰ Essa questão será discutida mais detidamente no capítulo 4.

Numa conversa sobre as distâncias entre pontos da cidade, Roberto me pergunta onde fica a casa do meu pai, lugar para o qual eu iria após sair do Passeio Público. Respondo que fica a cerca de dez quarteirões dali. Roberto me pergunta se vou de ônibus ou a pé. Digo que gosto de caminhar, mas que naquele momento eu não me sentia muito disposto a andar tanto e preferiria ir de ônibus. Roberto ri e me pergunta se considero esses dez quarteirões até a casa do meu pai como uma distância curta ou longa. Digo a ele que, normalmente, eu diria que considero que corresponda a uma distância curta, mas que, naquele momento, dado meu cansaço, só me caberia dizer que se tratava de uma distância longa. Roberto me explica que, de certa forma, a resposta que eu havia lhe dado se assemelhava à maneira como ele percebia a distância entre as coisas. Não havia em sua experiência cotidiana lugares que percebesse a priori como próximos ou distantes, de modo que a medida não estava nas coisas, mas no seu corpo; num sentido mais amplo, eram nos contextos relacionais e nos compromissos práticos com seus arredores (INGOLD, 2015, p. 25) que a ideia de curta ou longa distância poderia aparecer para Roberto como uma questão. Assim, a casa do meu pai, sobre a qual discutíamos, não era naquele momento para Roberto um lugar próximo ou distante, mas apenas mais um lugar para o qual poderia caminhar, tanto como quando se desloca até o bairro da Messejana, a doze quilômetros dali, ou até a Praia de Iracema, a apenas um quilômetro.

Roberto me diz então que uma das coisas que se aprende na rua é a andar muito. A noção de longas distâncias desaparece quando o caminhar passa a constituir-se como um dos traços principais da vida na rua. Dessa forma, estar em movimento passa a ser uma forma de vida para quem vive na rua (MAGNI, 2006). E, para quem peregrina, o caminhar não é uma atividade realizada em função de uma conexão entre destinos, mas sim o próprio desenrolar de um modo de vida, de modo que a vida se desdobra ao longo de caminhos (INGOLD, 2015). Em outras palavras, “a peregrinação sempre ultrapassa seus destinos, uma vez que onde quer que você possa estar em qualquer determinado momento, você já está a caminho de algum outro lugar” (INGOLD, 2015, p. 239). Nesse sentido, o peregrino ocupa um espaço com o qual se tem um movimento “perpétuo, sem alvo nem destino” (DELEUZE & GUATTARI, 2008b, p. 14); ou seja, trata-se de um espaço liso – ou um espaço no qual se está “como se este fosse liso” (DELEUZE & GUATTARI, 2008b, p. 61), na medida em que a cidade é, por

excelência, espaço estriado, métrico, aparelho de Estado (DELEUZE & GUATTARI, 2008b).

Dessa maneira, se a descrição que fiz algumas páginas atrás começa e termina com seus principais personagens (à exceção de Paulista) nos mesmos lugares, é porque ela desenha-se sobre o ritmo do despertar e do dormir. No entanto, quando Roberto, após passar boa parte de seu dia no Passeio Público, sai de lá e caminha até o lugar onde dormirá, na Avenida Domingos Olímpio, este segundo lugar não se constitui como um destino final e o caminho até lá não é traçado a partir da perspectiva que Ingold (2015) nomeia como a do *transporte*, segundo a qual a pessoa seria uma passageira do seu próprio corpo, sem que a ação e percepção se realizassem conjuntamente. Há, ao contrário, plena atividade nesse caminhar, pois o andar, ao acoplar ação e percepção, faz com que a consciência se estenda “para o meio ambiente ao longo de múltiplas vias de participação sensorial” (INGOLD, 2015, p. 46). Assim, o ambiente o interpela, de modo que seu percurso é marcado por diálogos, pela observação (observar e ser observado), pela escuta de conversas, por mangueios, por lugares de parada, pelo encontro de objetos na rua que poderão ser reutilizados. Da mesma maneira o é o caminhar de Julia e Josué, seja quando estão juntos ou quando estão separados. Enquanto agem através do andar, alinham a percepção ao ambiente, juntando-se aos fluxos que o atravessam, na inseparabilidade entre locomoção e cognição (INGOLD, 2015, p. 46).

Da mesma maneira, os lugares para os quais reservam grande tempo de permanência não são definidos por atividades únicas. Ainda que durma na Avenida Domingos Olímpio, esta não é para Roberto simplesmente o lugar onde se dorme; ainda que se sente nos bancos do Passeio Público, assim com Julia e Josué, este não é apenas um lugar onde se está sentado. Esses lugares estão abertos a fluxos de toda ordem, que os tornam plenos de correntes de atividade. O Passeio Público, por exemplo, é lugar de cumprimentar conhecidos, de novas possibilidades de encontros, de observar os movimentos de outras pessoas que atravessam a praça, de manguear, de cochilar, de observar o mar, de ativar memórias. Mesmo a imobilidade é processual e movimenta intensidades (DELEUZE & GUATTARI, 2008b).

Assim, os próprios lugares não são áreas delimitadas que atendem a funções específicas no dia a dia dessas pessoas, mas espaços abertos, tanto quanto as ruas por

onde se transita. Os lugares são os nós que emaranham linhas de movimento, fazendo encontrar linhas de peregrinação de trajetórias diversas (INGOLD, 2015).

Ainda a partir das elaborações conceituais de Ingold (2015), podemos chegar à noção de que é nesse próprio caminhar e nas linhas de movimentos que o ser se instancia no mundo, habitando-o. Cada caminho é um modo de vida, cada estabelecimento de um caminho é um modo de habitação (INGOLD, 2015). Se esses conceitos, pelo uso pretendido pelo autor, vão além da literalidade da ideia de caminhar, no caso das pessoas que vivem na rua eles ganham contornos ainda mais fortes, na medida em que, como já apontado anteriormente, o caminhar é ele mesmo uma das atividades fundamentais daqueles que vivem na rua.

Variação contínua e estabilidade

Como havia destacado no início deste tópico, os caminhos descritos há algumas páginas atrás não apenas não são um “retrato” atual do cotidiano das pessoas aqui apresentadas como, mesmo no momento da pesquisa, eram apenas um dos “retratos” possíveis. Há muitos outros caminhos que são trilhados, atravessando outros lugares, entrecruzando-se a outros nós. Em relação ao modelo do “cidadão sedentário”, com residência fixa, a noção de moradia de quem vive na rua se constitui a partir de uma maior flexibilidade e transitoriedade, fazendo do morador de rua um nômade (MAGNI, 2006), imagem afinada à figura do peregrino, evocada por Ingold (2015) e aqui já mencionada.

Assim, os desenhos traçados ao se caminhar pelas ruas, bem como os lugares por onde se passa e onde se realiza todo tipo de atividade – dormida noturna, repouso diurno, trabalho, bico, manguieio, alimentação, bebedeira e toda sorte de ações –, estão sendo constantemente alterados e recombinaados, tanto ao longo dos anos como em sua dimensão cotidiana, diária, semanal. Há, portanto, uma variação contínua nos trajetos dessas pessoas (DELEUZE & GUATTARI, 2008a), produzida por uma ampla gama de agenciamentos do ambiente da rua, que vão desde alianças e desafetos com outros moradores de rua, moradores de residências, policiais e comerciantes até fatores climáticos (ventilação, proteção contra chuva, ausência ou presença de sombra).

Longe de qualquer papel como fatores de determinação ou de direcionamento sobre esses sujeitos, esses agenciamentos são postos em contato com a própria improvisação criativa (INGOLD, 2015, p. 239) desses sujeitos, que, ao mesmo tempo em que surge a partir da experiência de habitar a rua, é o que permite que se cresça em conhecimento (INGOLD, 2015). Dessa forma, tanto como na rua se “aprende a andar muito”, como afirma Roberto – ou seja, um conhecimento que desenvolve ao longo de um modo de vida (INGOLD, 2015) –, é andando que se conhece a rua, e é ao se conhecer a rua que se aprende por onde andar.

Ao habitar um espaço liso, essas pessoas estão produzindo desterritorializações e descodificações, na medida em que seus movimentos desenham linhas de fuga (DELEUZE & GUATTARI, 2008a). Como aponta Magni (2006, p. 98), a mobilidade, enquanto traço do modo de habitação das pessoas que vivem na rua, subverte várias camadas de ordens dos códigos sedentários: em relação à cidade, a espacialidade é subvertida a partir de uma utilização do ambiente público que é alheia ao pertencimento, enquanto grupo subalterno, à periferia; no que diz respeito ao corpo, este ofende os códigos estéticos e higiênicos burgueses a partir de sua exposição pública; relativamente às coisas, os códigos sedentários que definem o que e o que não é lixo são subvertidos pela utilização das coisas consideradas como restos.

Esses processos de descodificação, ao se acrescentarem à própria impermanência e não fixação, apontam para a produção de linhas de fuga em relação ao estabelecimento de delimitações e pertencimentos. Se por um lado sempre me encontrei com Roberto, Julia ou Josué no Centro de Fortaleza, por outro lado seria errôneo identificá-los como “moradores de rua do Centro”. Suas linhas se espraiam por muitos outros lugares, não havendo uma relação espacial de pertencimento, mas sim localizações (DELEUZE & GUATTARI, 2008b) provisórias e variáveis.

No entanto, como apontam Deleuze e Guattari (2008), toda desterritorialização implica e contém elementos de uma reterritorialização – e, portanto, de uma sobrecodificação. No caso de Paulista, que antes de voltar para Fortaleza em meados de 2015 traçava caminhos em diversas cidades de vários estados do país, em constante variação espacial, essa reterritorialização se efetua sobre o trabalho, sobre a admissão numa atividade remunerada, com organização espaço-temporal que o localiza no(s) lugar(es) de trabalho de acordo com horários de expediente. Nem por isso deixam de

haver constantes atravessamentos desterritorializantes em ação, que aparecem não só no eventual abandono de cada emprego, mas também em certas práticas, tais como o uso da cachaça durante todo o seu dia ou a sua relação com a rua como um espaço aberto, onde se dorme, onde se busca bicos, alimentos e materiais.

3 O MORADOR DE RUA COMO O OUTRO DE SI MESMO

Estou sentado com Roberto num banco do Passeio Público, próximo a uma das ruas que ladeiam a praça. Roberto interrompe a conversa para me apontar Fátima, que caminha por aquela rua. Ele diz saber qual percurso aquela moradora de rua fará dali em diante: ela seguirá nessa rua até a esquina, dobrará à direita, à esquerda na próxima esquina e seguirá em frente até chegar à favela do Oitão Preto, onde comprará e consumirá crack. Não se passam dez minutos até que Roberto aponte novamente para outra pessoa que passa na rua, dessa vez Mara: “Ela aí tem 15 anos. Nem parece, né? Ela passa o dia inteiro indo e voltando do Oitão Preto. Agora ela tá retornando de lá, acabou de fumar pedra.” O mesmo tipo de indicação me era dada por Josué e Julia no primeiro dia que os encontrei no Passeio Público ou por Francisco, com quem conversei numa tarde na Praça do Ferreira: a partir de um fragmento do percurso de outros moradores de rua – conhecidos ou desconhecidos deles –, antecipavam para mim um lugar que comporia seu percurso – lugar que, em suas falas, era definido a partir de um mesmo objeto: a pedra.

Roberto percebe uma mudança nos motivos que levam as pessoas a irem para as ruas. No início dos anos 1990, desde que saiu de casa após a morte de sua mãe, Roberto notava que a maioria das pessoas que conhecia haviam passado a viver na rua por falta de condições materiais, por pobreza. Olhando em retrospecto, entende que a rua mudou junto com toda a cidade. Em suas memórias, o Pirambu, bairro onde morava quando jovem, era lugar tranquilo, onde raramente se ouvia falar sobre casos de roubos e assaltos; paralelamente, lembra-se do uso de outras drogas que não fossem a maconha como algo incomum.

Uma pessoa que fumasse maconha era algo raro, que as pessoas até comentavam. Se fumava escondido, nem se sabia que a pessoa fumava. Antes, cocaína era algo muito difícil, você nem ouvia falar, mas hoje não, você vai nas favelas e vendem lá cocaína, qualquer canto faz. E crack também. Tu viu o cara que tava nesse banco atrás da gente agora há pouco? Ele tava fumando pedra. Vou lhe dizer outra coisa, nunca pus a mão num revólver. Única arma que eu já pus a mão, e era porque eu precisava mesmo cortar alguma coisa, foi em faca. No tempo que eu era menino o Pirambu não era bairro perigoso não. A gente até ouvia falar de roubo, mas era coisa rara. Era um bairro tranquilo. Nos anos 90 isso já foi começando a mudar, e nesses anos 2000 então, aí mudou demais. Hoje você vê um menino de 12 anos e ele já tá armado, andando com revólver na mão. Tem vezes que eu vou no fim de semana pra casa das minhas irmãs, que elas moram lá no Pirambu, aí às vezes vou lá no sábado à noite e volto no domingo de manhã. E aí eu vejo um

grupo com um monte de jovens e estão todos armados, a arma mais fraca que você vê ali são os calibre 38, porque o resto é tudo com pistola. E aí, quando chamam a polícia, eles já chegam trocando tiro. E você tem que ter cuidado, porque tá sempre morrendo um de bala perdida. No portão da minha irmã é cheio de buraco, buraco das balas. (Roberto; fala que reconstituí pela memória em meu diário de campo).

As mudanças que Roberto identifica em bairros como o que morou possuem semelhanças com as mudanças que diz perceber na rua: Roberto opera em sua memória uma distinção entre um passado de tranquilidade e um presente que correlaciona violência e drogas. E, entre as drogas, o crack ganha um lugar de destaque, quase como um catalisador de relações, de modo que, ao falar do crack, está falando da própria violência.

Essas semelhanças, segundo Roberto, não são apenas um reflexo do que acontece nos bairros. Quando Roberto falava comigo sobre violência e drogas, o próprio termo *bairro* ganhava conotações que iam além do sentido espacial e urbanístico. Os *bairros*, aqui significando lugares periféricos e de condições pauperizadas, estariam numa relação de continuidade com a rua, correndo tanto fluxos de pessoas quanto de drogas entre as duas. Roberto apresenta, a partir daí, duas teorias sobre a ida para a rua.

Sua primeira teoria diz o seguinte: numa casa, o pai trabalha o dia inteiro para sustentar sua família, conseguindo uma quantia de dinheiro que dá conta apenas da manutenção da família dentro da casa, pagando contas de luz, água, aluguel, e da alimentação. A parte do dinheiro reservado ao pão (ao alimento) já é limitada, e, quando os preços sobem, começa a faltar comida em casa, que mesmo antes disso já era pouca, sempre. O jovem que vive essa realidade dentro de casa se revolta e busca outras coisas. Fora de casa, ele descobre a maconha, e ela o tranquiliza. Porém, ao mesmo tempo, lhe dá mais fome. Quando chega em casa, a pouca comida não é o bastante para saciá-lo. Ele começa a *se virar* na rua. Cedo descobre que ficar dentro de casa é pior do que ficar na rua, abandonando assim a casa e o bairro e passando a viver na rua

Em sua segunda teorização sobre a ida para a rua, o crack tem um papel determinante. Roberto diz que a pessoa está morando numa casa e um dia resolve experimentar a pedra. Em algum tempo ela se vicia e passa a sentir uma necessidade cada vez maior da droga. Ela compra a droga no seu ou em outros bairros, passando a gastar uma parte cada vez maior do seu dinheiro na pedra. Em algum momento, o

dinheiro que tem deixa de ser o bastante para suprir os gastos com a droga, pois, em alguns casos, chega-se a perder o emprego. Assim, vai vendendo o que tem em casa, ou mesmo roubando, para conseguir dinheiro para utilizar a pedra. Nesse ponto, Roberto abre duas possibilidades: um dia, a pessoa perde tudo e acaba indo morar na rua, por falta de outras opções de onde ficar; a segunda alternativa é a de a pessoa contrair dívidas em seu bairro com traficantes, passando então a morar na rua como uma forma de escapar dos riscos às quais estaria submetida ao não pagar a dívida e permanecer morando num mesmo lugar, identificável por aqueles a quem deve.

Na sua primeira teorização, Roberto se refere a um tipo de motivação para a ida para a rua que vê acontecer tanto nos seus primeiros anos na rua como no momento presente. No entanto, sua segunda teoria dá conta do que para ele é um fenômeno novo e crescente. Quando fala da Praça do Ferreira, diz que a cada semana cresce o número de pessoas dormindo lá, saídas dos bairros. Ao mesmo tempo, constata um aumento de casos de violência entre moradores de rua. Sempre que nos víamos, Roberto me falava, meio imprecisamente, que todo dia havia conflitos entre moradores de rua pelas praças do Centro, algumas vezes resultando em mortes (uma delas testemunhada por ele). Esse tipo de relato era semelhante ao que me faziam Josué e Julia, e mesmo Paulista, que, já na época da escrita desse trabalho havia passado a dormir na Praça do Ferreira.

Isso, no entanto, é precisamente o oposto daquilo que me relatou Francisco – com quem, por outro lado, só pude conversar uma única vez –, que dorme há muitos anos da Praça do Ferreira. Ele me diz que, quando anoitece, a praça fica lotada de caixas e papelões sobre os quais se deitam centenas de pessoas. Todavia, não vê aumento na quantidade de pessoas dormindo ali; pelo contrário, acredita que o número já foi maior até por volta do ano de 2014. Quando lhe perguntei sobre conflitos entre moradores de rua, disse-me que havia ali uma regra implícita segundo a qual “ninguém mexe nas coisas de ninguém”, de modo que não ocorriam brigas ou desentendimentos, e que, quando existiam, eram com policiais ou outras pessoas que não moravam na rua – algo que havia acontecido na mesma semana em que nos encontramos: como me relatou, por volta das 6 horas da manhã de um dia naquela semana, um fotógrafo registrava imagens artísticas de um modelo nu no centro da praça; alguns moradores de rua revoltaram-se ao ver o homem nu e espancaram o jovem, o que deixou Francisco dividido entre a compreensão da motivação dos moradores de rua para espancá-lo, que entendiam que a

nudez era inadequada entre eles naquele lugar, e a piedade pelo rapaz, pelas condições em que ficou.

A visão de Roberto sobre as dinâmicas da rua o põe num estado reflexivo acerca do quadro geral de mudanças que vê acontecer e o faz levantar questionamentos sobre o futuro das ruas:

Como que vai ser a Praça do Ferreira no futuro, será que ainda vai ter morador de rua lá? Fico pensando nisso. Porque de como era antes pra hoje já mudou bastante, antes mal tinha morador de rua, era outra coisa, completamente diferente de como é hoje. As pessoas que estavam nas ruas eram diferentes, não usavam drogas, não tinha crack, não tinha coisa de assalto entre morador de rua, não eram as pessoas se matando, era muito diferente. (Roberto).

A passagem do tempo joga Roberto em sentimentos de incerteza, como se lhe escapasse em alguns momentos a compreensão de mudanças que entendia como geradoras de um crescimento da sensação de perigo na rua e lhe produzisse um sentimento de inadequação.

Morador de rua

Desde que comecei a conversar com Roberto, Julia e Josué, um termo era trazido com frequência por essas pessoas: *morador de rua*. Era essa a categoria mais utilizada ao falarem de pessoas que, como eles, viviam nas ruas, e ao se nomearem. *Mendigo*, *pedinte* e *esmoleu* também eram algumas das palavras utilizadas; porém, eram trazidas raramente e apenas ao se nomear outras pessoas, nunca a si mesmos. Paulista, por sua vez, utilizava o termo *morador de rua* mais moderadamente, e muitas vezes o usava intercaladamente, para falar de si e de outras pessoas, à caracterização de *catadores*. Todos esses termos, como já discutidos anteriormente, vêm sendo considerados pouco tributários das multiplicidades da rua e de seus sujeitos (à exceção dos *catadores*, que apontam para um outro tipo de nomeação).

No entanto, na mesma medida em que Roberto, Julia, Josué e Paulista se reconhecem na denominação de *morador de rua*, eles também a utilizam como uma categoria estranha, que, ao nomear o outro, deixa de nomear a si mesmo. Mais

precisamente, nomeiam a si mesmos como *moradores de rua* a partir de um “nós”, do pronome indicador de um pertencimento (“nós moradores de rua”), e o fazem de maneira distinta a quando nomeiam “eles/elas moradores de rua”, assinalando um distanciamento de uma imagem de quem seriam esses *moradores de rua* dentro da qual não se reconhecem. As imagens, portanto, não são do eu e o outro, mas de *nós* e o outro.

Josué, Julia e Roberto, ao falarem do morador de rua como um termo que nomeia o outro, definem esse sujeito como “gente que gosta de fazer confusão”, “que não respeita”, “que suja tudo”. Há uma série de imagens que apelam para uma perspectiva negativa do morador de rua, que muitas vezes entram em consonância com toda uma série de falas pejorativas acerca dessas pessoas que podem ser ouvidas cotidianamente nos mais diversos setores da sociedade. Josué comenta comigo de maneira categórica:

Eu lhe digo por experiência própria: morador de rua é gente difícil. É gente que você oferece a mão e eles querem o braço, a perna, a cabeça, o corpo todo. Se a pessoa dá dinheiro a eles um dia, mas aí na semana seguinte diz que não tem dinheiro pra dar, eles já ficam com raiva e é capaz de já olharem torto pra pessoa. Lá na casa da freira [na casa Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo], ela recebe os moradores de rua com banheiro limpo, mesa limpa, tudo bonito. Pois os moradores de rua vão lá e arrancam torneira, quebram cadeira, vão no banheiro e passam merda nas paredes. Ali do lado, no contêiner, um lugar onde dão shampoo, sabonete, até creme de passar na pele, fizeram foi roubar a caixa d’água, cara. Já levaram também umas mesas e umas cadeiras que tinham lá na frente. Tem gente que quando vai tomar banho faz é se trancar pra ficar batendo punheta, aí quando chega na hora das mulheres lá irem lavar o banheiro tá ele todo sujo, com os espermatozoides tudo no chão. Ali na Praça do Ferreira tinha uma torneira que os moradores de rua tudo usavam pra lavar roupa, lavar mão, lavar tudo. Pois os próprios moradores de rua num fizeram foi arrancar a torneira, que chega ficou a água ao redor empoçada? Olha, então vou te dizer, eu sei do que eu tô falando... Não valem nada. (Josué).

A Praça do Ferreira é citada em muitos momentos como um lugar problemático, muitas vezes trazida como exemplo de espaço onde se sintetizaria toda a série de caracterizações negativas desse *morador de rua* que corresponde a um outro para aquele que fala. Roberto muitas vezes traz também a ideia de “confusão” para se referir aos momentos de doação de alimentos que acontecem diariamente na praça, realizados por diversos órgãos, entidades beneficentes, indivíduos e coletivos independentes e grupos religiosos. Nesses momentos, Roberto reclama de transtornos na situações de formação de filas. Sobre um dia em que uma cantora de forró famosa na cidade levou aos moradores da praça um bolo, comenta: “Eram uns querendo mais que os outros, furando

fila, gritando, xingando. Mas aí, quando acabou, ainda sobrou foi muito bolo, nem precisava de confusão.” Sobre essas filas, Julia diz: “É que tem uns que querem controlar tudo, que acham mandam lá na praça. Quando vai ter fila de comida, eles ficam vendo quem tá furando fila, bagunçando a fila, aí mandam ajeitar, eles ficam de olho em quem tá fazendo confusão” – e, nesse caso, Julia diz se incomodar tanto com a “confusão” quanto com os mecanismos reguladores estabelecidos por outros moradores de rua, olhando para estas pessoas com suspeição e entendendo-os como pessoas possivelmente ameaçadoras.

Durante o ano de 2015, uma árvore de galhos secos situada na Praça do Ferreira serviu como ponto de acomodação de colchões, papelões e sacolas de muitos moradores de rua da praça, que durante a noite era por eles desmontado para que seus objetos fossem utilizados para dormir. Entre o mês de dezembro de 2015 e janeiro de 2016, ainda no início do trabalho de campo, conversei com algumas pessoas que estavam sentadas em bancos da praça e que não moravam na rua acerca da árvore. Os comentários eram praticamente unânimes: a “árvore de colchões”, como ficou conhecida, era um “absurdo”, e “poluía” e “sujava” a praça, “cartão postal da cidade”. Na segunda metade do mês de janeiro, a “árvore de colchões” foi desmontada, sendo substituída por um jardim, numa série de modificações realizadas na Praça do Ferreira a partir de uma parceria público-privada entre a Prefeitura de Fortaleza e a empresa Casa Pio no Programa de Adoção de Praças e Áreas Verdes da Prefeitura.¹¹

Certo dia, conversando com Roberto, toquei no assunto da árvore de colchões – intimamente, eu trazia esse tema já com uma expectativa de ouvir dele, como morador de rua, algo de destoasse das opiniões que já havia escutado tantas vezes de quem não vivia na rua. No entanto, Roberto me disse: “Achava aquilo horrível, já estava na hora mesmo de tirar, os moradores de rua fazem uma bagunça, sujam tudo, aquilo ali já tava era fedendo.” Roberto mobilizava a noção de morador de rua como um outro e como um sujeito incivilizado que incomodamente fere a ordem pública. Perguntei-lhe então se as pessoas tiveram seus pertences devolvidos ou se foram avisadas previamente sobre a retirada da árvore. Nesse momento, Roberto riu ironicamente e disse:

¹¹ Informação pesquisada em matéria do portal de notícias on-line Tribuna do Ceará publicada em 21/01/2016. Disponível em: <http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/cotidiano-2/arvore-de-colchoes-dos-moradores-de-rua-da-praca-do-ferreira-da-lugar-a-jardim/>

E tu acha que a gente que é morador de rua é avisado de alguma coisa? Não avisam é porra nenhuma e muito menos devolvem as coisas pra ninguém, os caras já chegam é derrubando mesmo, não tem respeito nenhum pela gente. (Roberto).

Nesse momento, Roberto já havia saltado para um outro uso do termo, que o incluía e reconhecia o morador de rua como um grupo contra o qual se opõem grupos de poder que cerceiam suas dinâmicas de habitação da cidade. Havia nessa acepção do termo um senso de coletividade e de pertencimento ausente nas caracterizações negativas do tipo de sujeito morador de rua que renegava – funcionamento semelhante àquele observado por Evans-Pritchard (1978) entre os Nuer, que, por relatividade estrutural, possuem diferentes graus de pertencimento, de acordo com o nível de segmentaridade em questão de sua estrutura política. Roberto ora se punha em distância àquilo que delineava como moradores de rua, ora acessava um senso de coletividade no qual se reconhecia e que abarcava todo o conjunto de pessoas morando nas ruas. A partir de um mesmo elemento – a árvore de colchões –, Roberto desenvolvia duas perspectivas distintas, partindo de um mesmo termo: morador de rua.¹²

A formação de um morador de rua: explicação de Roberto

A chegada à rua é problematizada por Roberto como um processo de formação de um sujeito, acontecendo por etapas, na medida em que os vínculos vão sendo estabelecidos na rua.

Todo dia tá chegando gente nova na rua. A Praça do Ferreira tá lotada, ali todo dia você vê uma pessoa nova. Tem um cara que tá dormindo por lá há um mês, ele senta sozinho, não fala com ninguém, não se mistura com ninguém. Mas é porque é novo na rua, né? Isso é só o começo. É sempre do mesmo jeito: a pessoa chega na rua toda na dela, mais tímida, conversando com poucas pessoas, se fazendo de sem jeito, se fazendo de humilde, falando baixo. Aí, depois de um tempo, a pessoa já começa a ir conhecendo outras pessoas, já vai se aproximando de mais gente, já começa a se familiarizar com o sistema da rua e com as pessoas. Depois de um tempo, quando você vai ver a pessoa já tá usando crack, aí depois de um tempo já tá assaltando, de repente você já houve falar é que matou um. É sempre assim, todos são assim, acontece sempre do mesmo jeito. (Roberto).

¹² Tal fluidez entre definições de *morador de rua* parece diferencia-se das noções de *pares e desiguais* trazida por Lemões (2013), na medida em que há uma passagem constante entre ambas as posições, ou mesmo um pertencimento simultâneo, mesmo em sua aparente contradição.

Novamente, Roberto traz aí uma noção de morador de rua com a qual não se identifica, mas que ainda assim corresponde a uma generalização, como se houvesse uma inevitabilidade na formação desses sujeitos e como se correspondessem a algo moralmente detestável. A droga e o crime são elementos que compõem esse outro morador de rua repudiado e contra o qual se estabelece uma diferença. Há aí um mecanismo semelhante àquele encontrado por Sá (2010) em alguns contextos do Serviluz, bairro/favela/comunidade litorânea de Fortaleza. Na cena descrita por Sá, um morador do Serviluz pede para que seus filhos participem de atividades num centro comunitário do bairro; no entanto, sabendo-se desde o início que o homem era traficante, outros pais de crianças que participavam do centro comunitário se incomodavam que houvesse filhos de traficantes dividindo espaço com seus filhos. “Era a favela discriminando a favela. (...) Sempre há uma favela na favela que é considerada mais favela que do que a outra. (...) O vizinho é a favela. A favela é a fonte dos problemas. A favela é o outro.” (SÁ, 2010, p. 165).

Nos fins de semana, Roberto prefere não andar pelo Centro da cidade: “O comércio fecha, aí não tem é nada aqui, não tem movimento nenhum, ficam só os moradores de rua.” (Roberto). Muitos dos trajetos de Roberto são feitos solitariamente, muito do seu tempo é passado sozinho. Dorme só, passa várias tardes sem companhia nas praças, sentado num banco. Essa solidão é habitada pelos movimentos do ambiente, e, viajando “em intensidades, sem sair do lugar” (DELEUZE & GUATTARI, 2008b, p 52), Roberto habita esses lugares. Todavia, a presença exclusiva de moradores de rua lhe incomoda, e não é nesse ambiente que Roberto quer estar. Quanto a isso, somam-se dois fatores. O primeiro, sua sensação de desconexão com o que entende que corresponda a esse morador de rua do qual se diferencia – o que, em muitos momentos, parece ser motivada também, em parte, por uma desconexão geracional, como se aquilo que entendesse que significasse ser morador de rua hoje é algo distinto daquilo que aprendeu que significasse ser morador de rua durante boa parte de sua vida na rua, desde que saiu da casa da sua mãe. A segunda, seu desejo de não estar apenas entre moradores de rua, mas de atravessar outras linhas que não o associe apenas ao universo da rua – algo que encontra na praia nos fins de semana, onde o movimento comercial, de turistas, de transeuntes e também de moradores de rua é intenso.

Ao mesmo tempo, Roberto não se aparta dos vínculos com outros moradores de rua. Ainda que predominantemente esteja só a cada dia, tem muitos *colegas* na rua, com quem compartilha conversas, silêncios e noitadas com cachaça e maconha. Essas últimas, quando acontecem no Centro, geralmente alteram um dos trajetos que mais tem se estabilizado: o da ida para a Avenida Domingos Olímpio à noite, onde frequentemente arma sua cama de papelão; Roberto acaba dormindo em praças do Centro, território que, em outros momentos, tal como o faz com a Praça do Ferreira, associa à *confusão*, aos perigos, ao crime e às drogas.

Muitos dos moradores de rua considerados por ele como seus *colegas* são usuários de crack e alguns deles praticam assaltos. É o caso de Bruno, com quem muitas vezes se encontra na Praia de Iracema aos fins de semana. Roberto o conheceu antes de ele ir morar nas ruas, numa época em que era casado com uma mulher muito rica que o sustentava. Bruno gostava de ficar conversando e bebendo com grupos de moradores de rua na praia. Depois que seu casamento teve um fim, acabou indo para a rua. Roberto conta que, antes de ir para a rua, Bruno já utilizava crack. “Aí esse vício no crack fez ele perder tudo”, conta Roberto. O fez, inclusive, perder a beleza, o que mais choca Roberto:

Se você visse como ele era bonito antes, um homem alto, loiro, muito bonito mesmo, mas quando você vê ele hoje, o rosto dele chega tá deformado. A droga acabou com ele. Eu digo: ‘Bruno, tu tem que aceitar que o teu tempo passou’, mas ele não aceita isso, ele se acostumou a se casar sempre com mulher rica que sustentava ele, ia pulando de uma pra outra, mas chegou uma hora que o cara se acabou, não vai mais ter mulher querendo ele não. (Roberto).

Ao alertar a Bruno que o tempo dele passou, Roberto compartilha sua própria experiência na rua: “Chega uma hora que as mulheres nem olham mais pra você, você sente que não têm mais interesse nenhum. Acontece isso com o morador de rua”. Conversando com o colega, Roberto recorre ao uso do termo *morador de rua* que lhe inclui: ele traz algo em comum, borrando as fronteiras conceituais que estabelece entre essas duas formas distintas de nomear o morador de rua. E, ainda que em outros momentos de suas falas essas fronteiras ganhem nitidez, Roberto não deixa de criar vínculos afetivos com pessoas que consideraria que se encaixassem no modelo de morador de rua do qual procura distanciar-se.

O crack é a substância que sintetiza uma série de relações e caracterizações dessa imagem de morador de rua na qual essas pessoas não se reconhecem, de modo que, quando falam que alguém usa pedra – ou, um sinônimo, *nóia* –, estão dando a senha de toda uma série de atributos que compõem um modelo de morador de rua. O próprio termo *droga* é usado como expressão equivalente a *crack*. Ainda que Roberto use outros tipos de drogas, tais como a maconha e a cachaça – mesmo caso de Julia –, ou Paulista use a cachaça, o termo *droga* ou *drogado* é utilizado como servindo ao outro. Mais uma vez, algo como “há uma droga que é considerada mais droga que a droga que se usa”, fenômeno aparentemente bastante comum em muitos meios quando se fala sobre drogas.

Quando narra como foi sua aceitação para trabalhar na sucata, Paulista destaca o distanciamento de dois elementos como decisivos para que se apresentasse como alguém “diferente dos moradores de rua”, construindo para si uma imagem de confiabilidade. Esses elementos eram o crime e a droga/crack – os mesmos elementos que compõem a caracterização negativa do morador de rua tal como elaborada por Roberto.

Nos seus primeiros dias em Fortaleza, na última vez que retornou de São Paulo, em meados do ano de 2015, Paulista diz que “chegou todo *playboy*”. Dormia nas ruas, mas estava com roupas novas, limpas, com tênis, relógio, celular, cabelo cortado, unhas aparadas e limpas, barba feita, de banho tomado. Era objeto de atenção para outros moradores de rua e catadores e para os moradores das residências da comunidade do Canal. Num fim de tarde de bastante movimento no canal – vários moradores das casas do Canal, como em muitas outras tardes e noites de sexta-feira e sábado, se reuniam na calçada da Avenida João Pessoa para comer churrasco, tomar uma cerveja, ouvir música e conversar –, Paulista estava sentado numa parte um pouco mais distante da calçada conversando com outro morador de rua, ainda pouco familiarizado com as pessoas da região. O dono da sucata, Clodoaldo, que ainda não o conhecia, observou bem o rosto de Paulista e comentou com Gabriel, de quem é padrasto e o qual havia recebido recentemente a responsabilidade de administrar o terreno: “Aquele cara ali falou que é de São Paulo, né? Pois eu tô reconhecendo a cara dele. Esse aí não merece confiança. Eu já vi a cara dele na televisão, ele é procurado porque matou a esposa!” Narrando a história para mim, Paulista ri daquilo que, como lhe relataram posteriormente, foi o que pensaram quando o viram: “Mas olha, se minha ex-esposa hoje mora é lá em Ubajara!

Como que eu matei ela? Nunca matei ninguém, nunca fiz nada com ninguém, não uso droga, também não tô devendo nada a ninguém.” Desconfiando de Paulista, Clodoaldo resolveu chamar a polícia. Dois policiais em motos chegaram alguns minutos depois. Paulista relata:

Os caras pararam a moto na minha frente, desceram e começaram a me fazer perguntas. Primeiro perguntaram meu nome, e eu disse. Aí perguntaram o nome da minha mãe, aí respondi. Perguntaram o nome do meu pai. Não tenho contato com meu pai porque ele me abandonou quando eu era novo, mas falei. Aí pediram meus documentos, e eu disse: ‘Olha, eu até tenho meus documentos, mas agora eles estão na casa da minha mãe lá em Ubajara, eu não gosto de andar com documento em bolso não, porque acabo perdendo. E aí perguntaram o que eu fazia da vida. Eu disse que trabalhava com tudo quanto era coisas, mas que minha área mesmo era construção. Pela cara deles eu já vi que eles não acreditaram, e aí perguntaram onde, aí eu disse: ‘Olha, vou falar aqui pra você só duas das empresas menorezinhas onde eu trabalhei: Ambev e P&G.’ Mas aí comecei a falar também o nome de um monte de outras empresas onde eu já trabalhei. E nisso eles só escutavam, né, mas enquanto eu ia falando o nome de cada empresa eu já ia notando que eles iam começando a ficar quietos, começando a diminuir aquela marra toda deles. E enquanto isso o povo do Canal tudo parado olhando pra mim. Pois aí os policiais chamaram o carro da polícia [o chamado Ronda do Quarteirão, uma divisão da Polícia Militar do Estado do Ceará], e aí quando o carro chegou o pessoal do canal era tudo pensando ‘Eita, esse daí vai ser preso, num escapa não!’, e enquanto isso eu tranquilo, porque quem não tá devendo nada a ninguém não fica nem preocupado com isso. Aí os policiais falaram pra os do carro: ‘Olha, tem essa denúncia aqui de que esse homem é procurado, veja aí no sistema o nome dele.’ Não encontraram nada no meu nome. Aí eles ligaram lá pra São Paulo, ligaram lá pra Ambev! Perguntaram o nome da minha gerente e eu disse. Falaram com ela e perguntaram se eu tinha mesmo sido empregado de lá. Ela pesquisou meu nome lá e confirmou: ‘Sim, tô vendo aqui o nome dele.’ Aí nessa hora, meu amigo, eles já tinham abaixado a crista deles, não tinham mais nada pra falar, né? E o pessoal do Canal só me olhando, e eu completamente tranquilo. Só sei que tinha um morador de rua do meu lado, e aí foram pesquisar o nome dele também. Quando viram, ele tava era devendo pensão! Só mandaram ele levantar e colocaram dentro do carro. E eu só olhando. (Paulista; fala que reconstituiu pela memória em meu diário de campo).

Paulista descreve aí toda uma performance pública que leva da desconfiança à aceitação a partir de um enfrentamento pacífico do poder punitivo. Ao se defrontar com os policiais, Paulista insiste em dizer que permaneceu tranquilo, a despeito das expectativas e certezas de seu público. A cada citação dos lugares onde trabalhou, vai desarmando seus possíveis algozes. Paulista se livra da situação, e isso lhe significa provar sua honradez perante os demais: não cometeu nenhum crime – e soma-se a isso: é um *trabalhador*. E a história termina com o morador de rua ao seu lado sendo levado pela polícia. Algo é dito com essa cena: Paulista distingue-se do seu par, mostrando que

entre os dois moradores de rua há uma diferença. Paulista retirava de si, a partir dessa situação, a conexão com o cometimento de crimes.

Conversando com outros moradores de rua, Paulista tomou ciência da sucata da Avenida João Pessoa e começou a coletar materiais recicláveis para vendê-los lá. Depois de um tempo, fez uma proposta para Gabriel: se ele lhe pagasse por dia 10 reais e o valor do seu almoço, poderia trabalhar cuidando do terreno, limpando-o, organizando os materiais e recebendo as mercadorias dos catadores.

O Gabriel, que é o dono daqui, nem me conhecia mesmo, né. Só me via aqui pela região. Mas ele botou isso aqui [a sucata] nas minhas mãos. Ele confiou em mim, me deu essa responsabilidade, e eu sou o único em quem ele confia isso aqui tudo. Ele sabe que pode confiar, porque eu não uso droga. É por isso que ele confia, ele sabe que eu não sou igual aos outros que chegam aqui desesperados pra vender as mercadorias pra poder comprar pedra. Antes de eu chegar, isso aqui era uma bagunça, era lotado do povo mais miserável, tinha tudo que era gente aqui, rapaz. Os catadores se reuniam aqui e ficavam fumando pedra, usavam de tudo. Mas aí eu dei um jeito aqui, arrumei tudo, agora é um lugar sossegado. E eu sou o único aqui em quem ele confia. No dia que eu falei pra ele que podia trabalhar aqui, o João, que trabalha na oficina aqui do lado e que já me conhecia, até falou pra ele: ‘Você tá botando o seu negócio na mão de um homem, não é na mão de qualquer um não. Aí sim é uma pessoa de confiança. (Paulista).

A partir daí, Paulista constrói sua diferença e mostra que *é um morador de rua, mas é gente de confiança*. Ou seja, estabelece que determinados valores constituam o que seria um ideal negativo de morador de rua, e, nesse “mas”, afirma-se como uma exceção a essa generalização. Não usa crack, não pratica crimes: não compartilha de signos que ele próprio associa a um sujeito morador de rua; funda sua individualidade a partir do trabalho e de um ideal de honradez.

A autonegação como morador de rua, no entanto, permanece. Na primeira vez em que Paulista me apresentou para Jonas, Caucaia, Chico e Maranguape, estavam todos sentados numa calçada de uma rua escura próxima à sucata, conversando animadamente e bebendo cachaça. Paulista me convidou para sentar com eles e me disse:

Nós somos moradores de rua, a gente fica se divertindo é por aqui mesmo, improvisa uns bancos pra sentar, senta no chão, faz de todo jeito. Esse aqui [aponta para Maranguape] não mora mais na rua, mora aqui do lado, no Canal, mas ainda é um de nós. Pode sentar aí, que aqui com a gente você tá seguro. (Paulista).

Eu, como alguém que não compartilhava com eles os mesmos modos de habitação da rua, era introduzido a um momento do universo diário de Paulista como alguém estranho a um modo de existência, de modo que, ao ser explicado que “nós moradores de rua” nos divertimos assim, estava sendo apresentado a uma outra definição de moradores de rua, onde não mais se falava de drogas ou crime, e que Paulista mobilizava incluindo-se nela. Não se tratava de ser apresentado a um grupo de pessoas que Paulista caracterizava como distinto da noção de morador de rua com a qual não se identificava, pois quase todas aquelas outras pessoas eram, em outros momentos, citadas como exemplos da imagem negativa do morador de rua. Tratava-se, isso sim, de um tipo de situação em que era acionada outra definição de morador de rua e onde a diferenciação, outras vezes trazida por Paulista, era, naquele momento, temporariamente apagada.

Josué também apresenta uma fronteira entre si e o morador de rua que caracteriza pela droga e pelo crime. No seu caso, essa diferenciação ganha contornos muito particulares, pois ele próprio é usuário de crack. Quando conversávamos, a pedra costumeiramente era citada como um elemento que compunha a vida do outro e associada a noções de perigo e violência. Contudo, Josué nunca se referia explicitamente à pedra quando falava de si. Há uma névoa de indeterminação que encobre suas falas relativas ao uso do crack, de forma que menciona que “pôs os carros na frente dos bois”, que “não é santo”, que “cometeu deslizes”. Ao falar sobre sua vida, Josué trata o crack como um erro, evitando mencioná-lo diretamente, como quem evita a associação com toda a série de caracterizações que aponta no morador de rua como um outro. Só vim a conseguir entender todas essas menções indiretas ao crack quando Julia me explicou que Josué havia se viciado pouco antes de passarem a morar na rua e que continuava usando.

Num dia, eu e Julia conversávamos enquanto Josué estava deitado num banco próximo, com o corpo coberto, dormindo, enquanto se revirava bastante. Pouco antes de se deitar, Josué havia me pedido licença para se retirar da conversa porque estava gripado e precisava descansar. Enquanto já estava dormindo, Julia se aproxima de mim e fala discretamente, para não ser escutada:

Ele não tá gripado coisa nenhuma. Ele fica assim doente quando fica sem fumar pedra, ele tá sem dinheiro pra comprar. Tem dias que ele tá nessas andanças dele e some, depois quando reaparece inventa que foi fazer sei lá o que, como se eu não soubesse que ele tava indo pegar pedra. Sendo que eu

vejo ele entrando lá no Oitão Preto, ele acha que eu não sei, mas eu sei. Mas hoje ele fuma menos. (Julia)

Como contraponto aos valores que associa a outros moradores de rua, Josué denomina-se como uma *pessoa humilde*, o que, tal como a honradez para Paulista, é estabelecido como valor moral que vai em direção à construção de uma confiabilidade, que ao mesmo tempo afirma-o como sujeito e o distancia pela diferença de um modelo de morador de rua. Esse é um atributo valorizado também por Julia, que, em muitos momentos em que conversávamos os três juntos, olhava para mim, enquanto Josué falava, e dizia sobre o companheiro: “Você vê que ele é uma pessoa humilde. Só pelo jeito dele falar você já nota logo isso”. No entanto, como nos casos de Roberto e Paulista, não deixa de haver, em outros momentos, a autonegação, por parte de Josué e de Julia, enquanto moradores de rua.

Se virar no sistema da rua

No dia em que conheci Roberto, estávamos sentados num banco da Praça dos Leões, e por lá ficamos até o fim da tarde. Quando decidimos que nosso encontro tinha chegado ao fim, andamos alguns metros juntos até nos separarmos. Nessa curta caminhada, Roberto me dizia que adoraria conversar comigo novamente e que teria muitas coisas para me dizer que poderiam ser úteis para a pesquisa. Então, concluindo a conversa, me disse: “É, Jorge... O sistema da rua é complicado”, e nos despedimos logo em seguida.

A frase ficou martelando na minha cabeça. Em parte, há algo de banal nela. A sua posição na conversa, finalizando o encontro, dava-lhe um aspecto de vagueza, como um arremate impreciso daquilo tudo que foi conversado. No entanto, uma vez que a frase já havia chamado minha atenção, não foi difícil ver a expressão *sistema da rua* se destacando dali em diante em outras conversas com Roberto. Aos poucos, fui notando que, na verdade, aquela curta frase encerrando nosso primeiro encontro era muito significativa.

Muito do que Roberto contava para mim sobre sua vida tinha como referência a noção de *sistema da rua*. Mais do que sobre a *rua*, Roberto estava falando sobre o *sistema da rua*, um termo que, ao mesmo tempo em que propõe uma generalização, está falando de questões determinadas, específicas. Enquanto seguia o trabalho de campo, já tendo constatado o quão relevante era essa categoria para Roberto, a vi surgir logo no meu primeiro diálogo com Josué e Julia. O termo estava ali, sendo utilizado por eles e compartilhando um mesmo universo de sentido dos usos feitos por Roberto. Notaria mais à frente a utilização também por Paulista e Maranguape, ainda que mais sutilmente.

Nos primeiros instantes da nossa primeira conversa, relatados na Introdução deste trabalho, Julia e Josué comentavam sobre outro morador de rua – como vimos até aqui, um *outro*, frente ao qual buscam reforçar sua dessemelhança – a quem eu havia dado dinheiro no minuto anterior. Após criticarem o que acreditavam que seria o destino do dinheiro que lhe dei e que um grupo de quatro pessoas havia lhe dado pouco antes de mim – um pedra de crack –, iniciaram um longo relato sobre suas vidas, que intercalava momentos de pessimismo com momentos de esperança relativamente à vida na rua. E, nesses momentos em que falavam em tom de desilusão sobre as dificuldades que passavam, o *sistema da rua* era a categoria mobilizada. Nesse e em outros momentos mais à frente, eles me explicavam que o *sistema da rua* era *pesado, difícil*.

Mas, então, o que se busca traduzir com a expressão *sistema da rua*? E o que Roberto, Josué e Julia queriam dizer ao falarem que este fosse algo *complicado, pesado, difícil*?

Em primeiro lugar, o *sistema da rua* não pode ser objetivamente definido, não é um conceito que possa ser explicado como correspondendo a um conjunto limitado de elementos que o componham. Como me explicam os interlocutores-chave dessa pesquisa, o *sistema da rua* é o modo de vida que se aprende a vivenciar quando se está na rua. No entanto, ele não pode ser definido porque se encerra na sua própria complexidade como experiência singular, de tradução difícil para aquele que não o vive. Os classificadores *complicado, pesado, difícil* remetem tanto à sua especificidade como modo de vida que não pode ser eficientemente traduzido para aquele que não o vive como ao tipo de experiência que convoca. A noção de *sistema da rua* indica uma forma de assujeitamento que expõe a pessoa que o vive a uma multiplicidade de fluxos e

relações que “desafiam”, pois atentam contra aquele que o vive, o põe em *perigo* e em uma permanente atenção ao ambiente e às possibilidades de riscos. Em outras palavras, o *sistema da rua* exige adaptação.

Como o próprio termo “sistema” indica, há aí uma forma de totalização da experiência da rua. Tal como me descrevem, seria algo como: quando se passa a viver na rua, é necessário se submeter a um modo de vida, que é o *sistema da rua*; é difícil viver sob esse sistema, ele exige muito de você, mas é preciso se adaptar, porque quem não se adapta não aguenta. Nesse sentido, toda uma série de atributos negativos da vida na rua é destacada, levando a algo próximo do conjunto de aspectos que definem a noção de “condição precária”, tal como definido por Butler (2015). Segundo a autora,

A condição precária designa a condição politicamente induzida na qual certas populações sofrem com redes sociais e econômicas de apoio deficientes e ficam expostas de forma diferenciada às violações, à violência e à morte. Essas populações estão mais expostas a doença, pobreza, fome, deslocamentos e violência sem nenhuma proteção. (BUTLER, 2015, p. 47).

Nesse sentido, o *sistema da rua* é o conceito nativo que dá conta de tudo aquilo que se impõe como privação, violência, risco e perda. Os conflitos com policiais, com outros moradores de rua e com outras pessoas residentes em domicílios ou que trabalham em estabelecimentos comerciais, as situações de descaso e violência, a não garantia de alimentação, a exposição a chuvas, as dificuldades de acesso a sistemas de saúde; todos esses aspectos da vida na rua, mas não apenas eles, fazem parte da experiência à qual se está referenciando ao se falar que se vive o *sistema da rua*.

Contudo, podemos notar que, ao mesmo tempo em que aspira a uma totalização, a noção de *sistema da rua* é ela mesma um tipo de adjetivação da vida na rua, pois diz respeito a aspectos específicos, que definem um viés da rua – ele mesmo em conflito com outros traços da rua destacados por Julia, Josué e Roberto. Se o *sistema da rua* é sentido como um fardo, quase como estando na tendência do fechamento da possibilidade de vida, não é a ele que se restringe a vida de quem mora na rua.

Segundo Roberto, a rua promove dificuldades, porém, mesmo com todas elas, pode ser bem vivida, com uma condição: de que a pessoa aprenda a *se virar*.¹³ E saber

¹³ O termo *se virar* apresenta semelhanças com a noção de *viração*, encontrada em campo por Gregori (2000) em sua etnografia sobre meninos de rua, designando a maleabilidade para obtenção de recursos na rua a partir de uma relação comunicacional com a cidade, através da qual mobilizam-se personagens e

se virar é justamente uma habilidade que se constrói no processo de *adaptação* à rua. *Adaptação*, aqui, é um termo utilizado pelo próprio Roberto. Trata-se de um aprendizado, que, em parte, diz respeito a aprender a “suportar” o *sistema da rua*. Todavia, a *adaptação* corresponde a mais que isso, pois é também uma passagem, aquilo que permite que não se viva apenas o fardo do *sistema da rua*, mas também as habilidades criativas do ato de *se virar* – ato que tem inúmeras formas, desde as expertises relativas à obtenção de alimentos até o próprio caminhar (não apenas como habilidade geral, mas em suas especificidades: como caminhar, quando caminhar, por onde caminhar).

Tanto quanto o termo *sistema da rua*, o *se virar* era expressão que constantemente surgia nas falas de Roberto, de Julia, de Josué e de Paulista, e que constatei também em conversas com outros moradores de rua com quem conversei (Francisco, Antônio, Manoel). Se o *sistema da rua* se apresenta como um modo de vida que compõe um sistema prático de conhecimento para o morador de rua, é ao aprender a *se virar* que se vive a rua em suas mais intensas potencialidades – e, nessa teorização nativa sobre a rua, é aprendendo a *se virar* que realmente se está adaptado à rua.

Sobre isso, Roberto explica que o *sistema da rua* exige adaptação, e que saber *se virar* é o que faz com que o morador de rua não viva à mercê de outras pessoas. Ele fala que há pessoas que esperam por ajuda, que ficam paradas. “Não querem se mover, encontram uma sombra e não querem sair dali esperando que as outras ajudem” (Roberto). Ele explica que isso faz com que sintam fome, durmam com fome, acordem com fome, voltem a dormir com fome, estimulando um ciclo de dependência, pois “até tem gente que dê comida, sendo que elas não aparecem toda dia nem toda hora que bate a fome” (Roberto). Portanto, nesse sentido, o morador de rua que não *se vira* está à mercê da espera. *Se virar*, segundo Roberto, é aprender a viver na rua, e aprender a viver na rua é ser capaz de criar para si condições de não depender da iniciativa de outras pessoas para comer, conseguir roupas, tomar banho, dormir etc. *Se virar*,

outros recursos simbólicos que pautam tanto sua sobrevivência como sua própria relação com a cidade. Frangella (2009) e Lemões (2013) observam paralelos com populações adultas de rua. Dialogando com a noção de *viração* a partir do contexto de seu campo, Lemões (2013, p. 238) a sintetiza como “processo que abarca o conhecimento tácito de valores, comportamentos e condutas (...) que concede uma habilidade maleável”. No entanto, parece haver uma diferença entre essas abordagens da *viração* e a ideia de *se virar*, na medida em que o segundo termo dirige-se também à própria relação entre moradores de rua, algo que parece não estar presente nas definições práticas do primeiro.

portanto, é uma orientação para a ação – e é nesse mesmo sentido que os outros interlocutores da pesquisa descreviam tal habilidade.

Nas dinâmicas entre o *sistema da rua* e a habilidade de *se virar*, há um tipo de contraste complementar entre ambos os termos. Enquanto o primeiro termo sugere um fardo que impele à condição de perda, carência, inatividade, o segundo é aquilo que abre a rua para os aspectos da agência, inventividade, atividade. Há aí uma relação semelhante àquela apontada por Wagner (2012) entre as noções de convenção e invenção: a de uma interdependência entre contextos mais convencionais, percebidos como “todos, coisas ou experiências em si mesmos” (WAGNER, 2012, p. 112), e expressões distintivas e inovadoras a partir de associações complexas de elementos. Como aponta o autor, a imbricação desses dois processos acontece porque esses contextos convencionais fornecem uma “base relacional coletiva”, que garante a própria comunicação, ao mesmo tempo em que permite que a invenção ocorra pela sua atualização numa “infinita variedade de expressões possíveis” (WAGNER, 2012, p. 112). Ao mesmo tempo, aquilo que corresponde à convenção só é percebido como algo em “si mesmo”, absoluto, por uma autoilusão, ou seja, pela “ilusão de que algumas associações de um elemento simbólico são ‘primárias’ e ‘autoevidentes’” (WAGNER, 2012, p. 115), o que coloca a questão de que ela também pode ser relativizada; a invenção, também, está sujeita a convencionalizações, sendo recriada em associações de elementos simbólicos que passam a ser tomados como autoevidentes. Em outras palavras, Wagner (2012) demonstra que, na relação entre convenção e invenção, a convenção diferencia e a diferenciação convencionaliza ou contrainventa.

O *sistema da rua*, à luz dos apontamentos teóricos de Wagner, pode ser compreendido como uma noção que evoca um processo de convenção, uma associação de elementos sobre a experiência de se viver na rua que é tomada como algo explicado por si mesmo, como autoevidente ao modo de vida da rua – e que, ao mesmo tempo, diferencia, na medida em que é a partir do estabelecimento da diferença que se constrói uma particularidade para um coletivo de pessoas – o que, segundo Wagner (2012), seria a própria invenção da cultura. Nesse sentido, o *sistema de rua* acaba sendo entendido como uma base comum aos moradores de rua, pensado como uma “normalidade”, uma “habitualidade” (WAGNER, 2012), incitando a construção do *morador de rua* como categoria.

Enquanto isso, o *se virar* é algo da ordem da invenção, da expressão, associada ao campo da ação, como “realização espontânea e criativa” (WAGNER, 2012, p. 110). *Se virando*, se fabrica o não convencional – e, ao mesmo tempo, o não convencional contrainventa, na medida em que também assume formas convencionalizadas ao tornar-se ele mesmo um contexto definidor da categoria *morador de rua*.

Vivendo o sistema da rua, sabendo se virar: um episódio da vida de Roberto.

Há dias em que Roberto gosta de tomar uma cachaça e fumar uma maconha, e o uso dessas substâncias altera seus percursos no meio da semana no Centro de Fortaleza. Isso aconteceu também no dia 11 de abril de 2016, uma segunda-feira. Roberto havia voltado no início da manhã da Praia de Iracema, onde passara o fim de semana. Solitariamente, caminhou da praia até o Centro, inicialmente parando na Praça da Sé até horário próximo ao do almoço, quando se levantou e traçou caminho por entre alguns quarteirões até um restaurante onde nunca havia mangueado comida até então. Queria experimentar sabores diferentes. Conseguiu a comida e andou por mais um tempo pelo Centro, até entrar no Passeio Público e sentar num dos bancos para comer.

Se sentindo cansado, Roberto queria cochilar um pouco após a refeição. Dormiu mais tempo do que imaginava, acordou no fim da tarde, e quando olhou para o banco ao lado encontrou sentado nele Cantor, colega seu de rua que há alguns anos dorme na Praça do Ferreira. Com uma revista em quadrinhos da Turma da Mônica na mão, que um amigo que trabalha num sebo de livros e revistas do Centro havia lhe dado, Cantor alternava entre a leitura e pequenos goles em um celular de cachaça, que cuidadosamente guardava no bolso a cada trago – afinal, se os PMs da praça o vissem bebendo, corria o risco de levar uma dura e ter sua cachaça insolentemente derramada, sem encontrar condições de reagir sem que a situação só piorasse para o seu lado.

Tão logo Roberto levantou o corpo para sentar-se, Cantor olhou para ele e apresentou cuidadosamente a bebida. Roberto pensou por alguns segundos antes de aceitar, ponderando se era ou não dia de beber. Era dia de beber. Olhou ao redor, viu que havia três policiais relativamente próximos, mas distraídos olhando fotos no aparelho celular de um deles, e estendeu a mão para receber de Cantor a cachaça. Deu

rapidamente um gole e devolveu a garrafa ao colega. Intercalaram momentos de conversas animadas e momentos de silêncio. Após mais alguns goles de pinga, foram saindo do Passeio Público e caminhando juntos pelo Centro à medida que a tarde escurecia. Cantor encontrou alguns colegas na Praça do Ferreira. Roberto refletiu mais um pouco sobre o que fazer a partir dali. Pensava em duas coisas: ou caminharia até a Domingos Olímpio, ou ficaria por ali para arranjar outra pessoa com quem pudesse beber. Não tinha dinheiro algum, então só beberia mais cachaça se encontrasse outro colega disposto a compartilhar a bebida, porque a de Cantor já havia acabado. Decidiu pela segunda opção. Como ainda estava se sentido pesado de tanto comer no almoço, nem estava com fome, nem com energia para caminhar atrás de comida. Sabendo também que a cachaça mais tarde ajudaria a enganar a fome, decidiu abrir mão naquela noite da iniciativa de manguear comida.

Andou por um quarteirão até a Praça dos Leões, logo ao lado. Ele não tinha como ter certeza se, nesse dia, os percursos de Daniel o levariam à Praça dos Leões, mas estava muito mais certo de que, se esse seu colega da rua estivesse lá, havia possibilidades muito altas de que teria cachaça. Chegou à praça e, nesse pequeno espaço entre o conhecimento e o acaso, avistou Daniel já erguendo o celular de cachaça, como quem calorosamente convida o amigo para se juntar à noite de bebedeira. Havia outros dois moradores de rua com Daniel. Roberto se juntou a eles. Pouco depois, um baseado foi apertado. Como estavam numa parte mais erma da praça, longe do movimento comercial e dos transeuntes, e como naquele dia não havia policiais por ali, sentiam-se à vontade, sem precisarem se preocupar em terem a cachaça e a maconha tomadas pela polícia ou em serem expulsos da praça também pela polícia – algo que constantemente ocorria, repressão que acontece no sistema da rua e com a qual já quase se acostumavam, não fosse o prejuízo de perderem suas substâncias.

Depois de um tempo, Daniel foi para a Praça do Ferreira, era lá onde iria dormir. Os outros dois moradores de rua também partiram, já sentindo a fissura do crack. Estavam sem dinheiro para comprar a pedra. Roberto decidiu ficar na Praça dos Leões, resolveu que seria ali que dormiria. Quase todas as vezes em que dorme no Centro, é na Praça dos Leões onde escolhe ficar. Um dos principais motivos é que a considera um lugar mais sossegado, diferentemente do ambiente de *confusão* que encontra na Praça do Ferreira. Há alguns anos atrás, muitos moradores de rua dormiam na Praça dos Leões, mas hoje já não é mais assim. Roberto optou por uma noite solitária e construiu

para si o sentimento de tranquilidade dormindo num lugar que, ainda que especialmente próximo da *confusão* da Praça do Ferreira, era naquele momento a melhor forma de criar alternativas ao *sistema da rua*.

Pela noite, outros três moradores de rua chegam à praça, todos conhecidos de Roberto. São Vanderlei, seu filho César, de 10 anos de idade, e Patrício, de cerca de 20 anos de idade. Eles armam seus papelões próximos a Roberto, e todos conversam até a hora de dormir. Roberto, ainda que não coma nada há mais de 10 horas, não sente fome. Sabe se virar, através da cachaça tanto conseguiu enganar a fome como se divertir com seus colegas naquela noite.

Já é madrugada do dia 12 de abril e todos os quatro estão dormindo. Por volta das 4 horas da manhã, Roberto ouve algumas vozes cortando o silêncio da praça. Ainda deitado, sem mexer muito o corpo, observa que alguns moradores de rua – não identifica bem quantos, talvez cinco, seis – se aproximam do lugar onde eles e os três colegas estão deitados, todos bem próximos uns aos outros. Roberto sente seu corpo congelando pelo que viu: alguns desses moradores de rua se aproximam carregando nas mãos barras de ferro. Eles chegam perto de Patrício, que ainda dorme, e Roberto ouve um deles dizer: “É esse aí, esse aí já levantou faca pra a gente umas três vezes”. Nesse momento, os homens começaram a espancar Patrício com as barras de ferro; os que não tinham barras de ferro o faziam com as mãos. Bateram nele até que morresse, e em seguida se afastaram e foram embora da praça.

Depois disso, apareceram policiais, repórteres de jornais e de programas policiais de televisão. Todos bombardearam Roberto com questões sobre a morte do seu colega, e para todos ele tinha uma única resposta: “não vi nada, tava dormindo”. Roberto conhece o *sistema da rua*, sabe que, se disser que viu alguma coisa, pode perder a vida: “Não pode se meter nisso não, se não o próximo a morrer é quem testemunhou” (Roberto). Os policiais e repórteres não aceitam que Roberto não tenha visto nada e lhe perguntam: “Como pode uma pessoa estar dormindo do lado de uma pessoa que morre espancada e não ver nada? É impossível.” Roberto afirmou isso também enquanto era gravado sendo interpelado pelo repórter do programa policial. Numa situação como essa, resta a Roberto *se virar*: ele sabe que é absurda a afirmação de que não viu nada, mas é a estratégia que encontra, e sustenta sua posição até o fim. Numa reportagem publicada na manhã desse dia num jornal local, um morador de rua,

que não era Roberto, comentava sobre a morte de Patrício: “Essa é a lei da rua. Aqui se faz, aqui se paga. Se vacilar, os caras cortam mesmo. Ele só andava armado de faca, era maldoso. Arranjava muita confusão e hoje foi o dia de quem não gostava dele cobrar.”¹⁴ Nesse depoimento, algo da ordem do inevitável é colocado: na rua, vacilos não são perdoados, uma hora ou outra se paga por eles: algo como um código punitivo que vai além das pessoas – é a “lei da rua”, o *sistema da rua*.

Antes da chegada de policiais e repórteres, Roberto já adotava essa postura. No momento em que Patrício era cercado e assassinado, manteve-se na mesma posição em que estava, de olhos fechados, fingindo dormir e fingindo não notar nada do que se passava ali. Ele sabia que era óbvio que os outros moradores de rua tivessem a noção de que ele sabia o que estava acontecendo. No entanto, manter o corpo parado, não olhar, simular dormir eram maneiras de comunicar algo. Silenciosamente, apenas corporalmente, Roberto estava dizendo: “não quero me meter no que está acontecendo, não tenho nada a ver com isso”.

Roberto acredita que essa tenha sido também a mensagem que os policiais passaram aos moradores de rua que mataram Patrício. Ele diz que é comum que, em conflitos entre moradores de rua, policiais vejam o que está acontecendo, mas não intervenham. Nesse dia, os policiais se aproximaram logo que o espancamento teve fim e que as pessoas que mataram Patrício se afastaram. Roberto tinha certeza de que os policiais estavam cientes do espancamento enquanto ele ocorria.

Já de manhã, ainda cedo, Roberto caminhou até o Passeio Público. Queria repousar, já que havia descansado muito pouco. Conseguiu dormir pela manhã, depois de muita dificuldade. Roberto estava completamente estarecido com o que havia acontecido, chocado com a cena do colega morto. “Ele estava lá deitado, dormindo, e do jeito que estava deitado, ficou. E a cara toda estourada, cheia de sangue...” (Roberto). Ele não conseguia tirar da mente a imagem do colega morto. Nesse dia, pela tarde, o encontrei, e minha presença naquele dia acabou sendo para ele muito oportuna. Afinal, havia uma dissociação entre o que Roberto estava sentindo e o tipo de postura que se via precisando adotar, de modo que eu era a única pessoa com quem ele sentia, naquele

¹⁴ Depoimento retirado de matéria do portal de notícias on-line Diário do Nordeste, publicada em 12/04/2016. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/policia/online/homem-e-morto-a-pauladas-na-cabeca-ao-lado-da-praca-dos-leoes-1.1529023>

momento, que poderia conversar sem se comprometer, de tão fora que eu era do universo em que vivia; com as outras pessoas que viviam o *sistema da rua*, falar sobre isso poderia gerar consequências. Naquele momento, a estratégia de negar ter visto qualquer coisa era o que o salvava de não ser consumido pelo *sistema da rua*, possível de ser adotada apenas porque Roberto tinha os traquejos, o know-how da rua, e sabia *se virar* no momento certo; por outro lado, isso era também sentido por ele como um fardo do *sistema da rua*.

O ocorrido na praça, no entanto, não era novidade para Roberto. Ainda que nunca tivesse passado por aquilo que vivenciara naquela manhã, Roberto sabia que três dias antes outro morador de rua fora morto ali, também espancado enquanto dormia, dessa vez por quinze outros moradores de rua. Se os lugares “são delineados pelo movimento, e não pelos limites exteriores ao movimento” (INGOLD, 2015, p. 220), a Praça dos Leões era, para Roberto, fortemente delineada por linhas ao longo das quais o perigo, a violência e os conflitos se desenrolavam. Segundo ele, a toda hora acontecem assaltos, brigas e mortes na praça, “é direto, tá sempre acontecendo alguma coisa ali” (Roberto). Pensando nisso, Roberto anuncia para mim que se afastará da Praça dos Leões, que nem passará por ela nem dormirá nela, mas apenas na Avenida Domingos Olímpio. Roberto queria se desatar dos nós que o levavam a essa praça e deixar que o tempo apagasse seus rastros dali, não sendo mais associado por outros moradores de rua ao lugar. A mudança nos percursos era outra estratégia para lidar com a pressão que sentia do *sistema da rua*.

Nos dias seguintes ao ocorrido, conhecidos seus do Centro, moradores de rua ou não, ao lhe encontrarem, diziam: “Roberto agora tá famoso!”. Celebravam o aparecimento de Roberto na televisão, entrevistado pelo repórter do programa policial. Roberto se divertia com o reconhecimento. Passadas algumas semanas, Roberto já havia voltado a dormir na Praça dos Leões nos dias de cachaça. Já tendo absorvido o acontecido, Roberto lidava de outra forma com a morte do colega. A experiência do choque havia se transformado num fato que compunha suas narrativas sobre a rua, integrado a um conjunto de outros acontecimentos, convencionalizado nas suas descrições sobre o *sistema da rua*.

4 O SISTEMA DA RUA EM AÇÃO: SE VIRAR E CRIAR MODOS DE HABITAR A CIDADE

O *sistema da rua*, como referencial geral utilizado para se referir ao modo de vida da rua, como vimos, sustenta uma noção que se pretende totalizadora das experiências de se viver na rua. A habilidade de *se virar* aparece como expertise necessária para que se viva no *sistema da rua* sem ser “tragado” ou capturado por ele. *Se virar*, no entanto, é um recurso que não diz respeito apenas a estratégias práticas situacionais. O próprio modo como cada pessoa habita a rua relaciona-se a um exercício cotidiano de criação de um modo de vida, como se um percurso de vida fosse criada ao se assumir que o *sistema da rua* seja apenas o contexto onde se habita, e não o próprio movimento da vida.

Assim, o *sistema da rua* é entendido como uma visão de fundo sobre o que é a rua, como um contexto simbólico que pode corresponder a inúmeros e variáveis elementos que têm em comum um aspecto de negatividade, de imposição de uma falta – melhor seria definida como uma positividade da falta. Contra essa noção – mas em constante diálogo com ela –, busca-se construir outras ruas, outros modos de existência, como éticas e filosofias políticas que recriem a vida na rua. São modos de habitar, ou seja, maneiras como se produz a própria vida (INGOLD, 2015, p. 34), onde o *se virar*, como habilidade criativa, improvisadora, “que resolve as coisas conforme se processa” (INGOLD, 2015, p. 35), tem papel fundamental.

Para Kasper (2006), o habitar é um processo territorial, mais do que funcional, o que significa dizer que habitar a rua não é um correspondente da habitação da casa e de suas subdivisões, mas um modo próprio de ocupar o espaço, de “constituir territórios temporários no espaço público” (KASPER, 2006, p. 214). Analisando a cultura material de moradores de rua e os modos de territorialização do espaço público, Kasper aponta uma série de tipologias que correspondem a esses vários modos de criar territórios e tecnologias que permitam a atividades de bricolagem a partir do meio urbano. De modo semelhante, Magni (2006) já apontava que os moradores de rua vivem *na* e *da* rua, ressaltando com isso a relação com o espaço e as sociabilidades a ele associadas e com a obtenção de recursos e a manipulação de materiais para a subsistência no meio urbano.

Como destaca a autora, há moradores de rua que vivem sós e outros que se agrupam, mas mesmo os que andam sozinhos tendem “a agrupar-se por períodos de tempos variáveis – seja vinculando-se por laços de afinidade, seja por laços familiares” (MAGNI, 2006, p. 62). Lemões (2013) observa algo no mesmo sentido, salientando os “mecanismos de constituição, manutenção e continuidade de laços sociais em três domínios: o da família, o da rua e aquele erigido entre os pares a partir dos afetos” (LEMÕES, 2013, p. 231). Dessa forma, processos de habitação da rua dizem respeito também à própria formação de laços menos ou mais estáveis que vão além daqueles que as pessoas que vivem na rua estabelecem entre si.

A partir do trabalho de campo com os interlocutores dessa pesquisa, pude notar que, nas dinâmicas entre *sistema da rua* e *se virar*, a própria rua é reconfigurada, de modo que viver na rua significa construir modos de habitação que escapem ao *sistema da rua*. Assim, o *sistema da rua* é entendido como uma força totalizadora contra a qual se inventam outros modos de vida – o que pode ser posto em paralelo ao pensamento guarani contra o Um, tal como apontado por Clastres (2012), na qual este termo está associado a uma “genealogia da desgraça”, signo da Imperfeição, “ancoragem da morte”; em termos mais gerais, trata-se de um processo micropolítico de contra-Estado (GOLDMAN, 2011).

Nesse sentido, apresento a seguir relatos correspondentes a Paulista, Josué e Julia e Roberto que permitem observar como, a partir de seus esforços para desterritorializarem a rua em sua versão enquanto *sistema da rua*, este conceito e o de *se virar* são vistos em seu caráter prático, orientando os modos como cada um habita a rua, em suas particularidades, de acordo com os tipos de vínculos e laços que criam em seu ambiente, por vezes reconfigurando a própria noção de rua, que deixa de corresponder unicamente ao espaço público.

Paulista e a ética do trabalho

Desde seu retorno a Fortaleza, em meados de 2015, como já descrito nos capítulos anteriores deste trabalho, Paulista trabalhava de domingo a domingo na sucata de Gabriel e de seu padrasto Clodoaldo. Ele narra sua chegada ao terreno como o

momento de estabelecimento de ordem no espaço, demarcando uma diferença com a caracterização que faz do lugar tal como era antes: “lotado de todo tipo de gente, cheio de catador e morador de rua usando droga, a maior bagunça do mundo” (Paulista). A *bagunça*, aqui, não é apenas metafórica: Paulista me explica que as *mercadorias* ficavam espalhadas, que o lugar parecia um *lixão*. “Aqui eu faço o 5S, você sabe o que é isso? É limpeza e organização. Isso é coisa do RH, aprendi isso com um funcionário da Ambev quando trabalhava lá. Ninguém aqui na sucata sabe o que é isso.” (Paulista). A menção a conhecimentos de conceitos da linguagem empresarial, transportados de outros ambientes pelos quais, passou imprime na sua relação com o terreno significados que deslocam sua construção como trabalhador naquele lugar.

A linguagem e as práticas aprendidas nas empresas nas quais trabalhou aparece também em toda uma série de serviços que realiza.

Quando eu tô fazendo algum serviço pra alguém consertando um cano lá no alto, pintando uma casa, eu só lembro do TPR, esse você sabe o que é? TPR é quando você tá num andaime lá no alto e chega o técnico de segurança do trabalho com o papel pra você assinar. Tem que assinar pra bater o ponto, você pode até passar o dia sem fazer nada, mas tem que estar na hora do TPR. (Paulista).

Não necessariamente Paulista se refere apenas a conceitos que dizem respeito a habilidades que aplique nas suas atividades diárias. Essa linguagem perpassa uma série de outras atividades como memórias de outros percursos de sua vida, mencionadas também como um conteúdo distintivo, que Paulista aciona como algo que lhe confere uma singularidade frente aos colegas da rua. Há por parte de Paulista um reconhecimento de todos que passam pelo terreno de coleta de recicláveis, principalmente os amigos mais próximos, que dormem pela região e vendem com mais frequência os materiais coletados à sucata – caso de Jonas, Caucaia e Chico –, como *gente trabalhadora*, termo utilizado também por estas pessoas como forma de autonegação. A caracterização, nesses casos, não apenas refere-se ao fato de que realizam atividades remuneradas, mas associa-se também a todo um universo de outras categorias, tais como *gente esforçada*, *de confiança*, *humilde*, trazidas também quase como uma resposta a outras nomeações que recebem por muitas outras pessoas que não compartilham com eles a vida nas ruas, tais como a de *vagabundos*, *desocupados*, *gente perigosa*. Assim, esses conceitos participam da ética do trabalho que constrói a vida de

Paulista, somados à evocação de uma série de outras experiências de trabalho não associadas à rua.

Automeando-se como uma pessoa capacitada para realizar qualquer tipo de serviço, boa parte do tempo semanal de Paulista é dividida entre atividades vinculadas à sucata e *bicos*, atividades remuneradas de vários tipos que realiza em diversos outros espaços.

Na sucata

Paulista separa os objetos por tipo de material, libera espaço construindo pilhas de materiais encostados nas paredes, varre frequentemente o terreno, recebe catadores que chegam para vender as *mercadorias*, observa e anota a pesagem das *mercadorias* de acordo com o tipo de material, desmonta os objetos que são compostos por mais de um tipo de material, recebe caminhões que estacionam na sucata para levar os materiais recicláveis para os terrenos de reciclagem, abre e fecha o portão de acordo com os horários de funcionamento do terreno. Essas são as principais atividades que movimentam Paulista dentro do terreno de coleta. Além delas, realiza outras, fisicamente fora do terreno, mas dentro de uma mesma corrente de atividades associadas à sucata: coleta materiais recicláveis pelas ruas (tanto em momentos que reserva especificamente para vasculhar os recicláveis nas calçadas e em sacos de lixo quanto em outras andanças pelas ruas, com o olhar ainda atento ao lixo que poderá ser convertido em mercadoria), caminha até a oficina de Clodoaldo para receber o pagamento pelos objetos que coleta, desloca-se até lugares onde outras pessoas queiram vender materiais recicláveis e carrega-os até a sucata.

Abrindo o portão da sucata às 7 horas e fechando-o às 17 horas, Paulista tinha uma rotina de trabalho que abarcava boa parte de seu tempo diário. Da segunda à sexta-feira, esse era seu horário na sucata. No sábado, fechava um pouco mais cedo, às 14 horas. Abria também ao domingo, algo que não estava previsto inicialmente no acordo que fez com Gabriel ao iniciar seu trabalho lá. Paulista conta:

Eu propus ao Gabriel o seguinte: eu venho trabalhar aqui cuidando dessa sucata todinha, tu me paga 10 reais por dia e alimentação. Mas aí a diferença

vai ser a seguinte, toda sucata fecha no domingo, pode ir atrás de uma sucata que abre em dia de domingo que você não acha. Mas aí eu abro ela também no domingo, trabalho aqui de domingo a domingo. Ele aceitou minha proposta. (Paulista).

Desde a negociação com Gabriel para ser admitido como responsável pela sucata, Paulista via o trabalho não só como uma possibilidade de inserção numa atividade remunerada, mas como algo que poderia se redesenhado de acordo com seus conhecimentos sobre o *sistema da rua*. Paulista relata que muitos catadores chegavam no domingo com muitas *mercadorias* acumuladas, tendo que esperar até a segunda-feira para vendê-las, o que, como explica, era um problema para eles, pois muitos queriam comprar crack aos domingos, mas não encontravam nesse dia nenhuma sucata aberta para que pudessem conseguir o dinheiro necessário. Paulista via aí uma oportunidade de *se virar* para conseguir mais dinheiro do que o que Gabriel poderia inicialmente lhe oferecer: sua proposta consistia em abrir a sucata no domingo para que ele, com seu próprio dinheiro, comprasse as *mercadorias* dos catadores – de modo que nem Gabriel nem Clodoaldo, responsáveis habituais pelos pagamentos, precisariam estar presentes no domingo –, vendendo a Gabriel, no dia seguinte, as *mercadorias* que havia obtido. Desse modo, Paulista conseguia dinheiro extra dentro do próprio trabalho, pois comprava as mercadorias por um valor mais barato do que o habitual e as vendia para Gabriel pelo preço normal.

Por exemplo, o alumínio é 10 centavos, eu comprava por 5. O cobre é 10 reais, eu comprava por 5 reais. Eu comprava só por preço baixo, **porque eu sou é esperto**, eu sei que o cara já tá doido pra comprar pedra, que quando completa os 5 reais da pedra ele já sai é feliz dali e vai direto comprar! E eu negociava, né, uma vez chegou um rapaz querendo vender um carrinho [de coleta de materiais recicláveis] que valia 200 reais por 60 reais. Eu digo: ‘Tu tá doido? Tu acha que eu vou comprar esse carrinho pelo preço de uma Ferrari? Dou 40 conto nele.’ Olha! O cara ainda reclamou porque o carrinho valia era 200, e eu ‘Meu amigo, o dinheiro que eu posso lhe dar é esse daqui!’, mas nisso eu doido por aquele carrinho, né. Aí ele ‘Me dá os 40 mesmo’. E o Caucaia tava junto nesse dia, ele só vendo como eu desenrolei esse carrinho. Aí no dia seguinte o Gabriel viu esse carrinho e quis comprar, aí eu disse pra ele que tinha que pensar num preço. Depois só falei assim: ‘Quer saber de uma coisa? Só porque você é meu amigo eu vou vender pra você pelo preço que eu comprei, me dê só os 120 que tá bom!’ E ele: ‘O Paulista é muito firmeza!’ E o Caucaia tava ali vendo tudo, depois que o Gabriel foi embora eu só virei pro Caucaia e disse: ‘Olha, você fique de bico calado!’, e isso a gente querendo era rir, né. (Paulista; grifo meu).

Com essa estratégia, Paulista conseguia obter mais dinheiro nas suas vendas de segunda-feira do que através do pagamento regular feito por Gabriel. Paulista

considerava importante não apenas trabalhar, mas também não se submeter às codificações impostas como condições do trabalho. Para isso, no caso do relato citado acima, baseava-se nos seus conhecimentos do *sistema da rua* e utilizava-se de uma expertise, formando um noção de si na qual *ser esperto* é um valor fundamental, que orienta-o para a buscas das brechas por meio das quais possa agenciar insubmissões – nesse caso, tanto à figura de poder de Gabriel quanto ao próprio *sistema da rua* (e a insubmissão ao *sistema da rua*, nesse caso, realiza-se ao mesmo tempo em que se precariza as próprias condições de trabalho do catador, na medida em que Paulista, colocando-se como mediador da conversão de *mercadoria* em dinheiro, oferece ao catador uma margem de ganho financeiro menor do que a que este obteria normalmente).

Paulista costuma dizer que sua ideia de trabalho ideal é a de “não trabalhar para os outros”¹⁵, uma noção de trabalho que, no entanto, poucas vezes conseguiu por em prática. Quase sempre, Paulista trabalhou *recebendo ordem*, o que, no momento em que estava trabalhando na sucata, alimentava muitas das tensões que tinha com Gabriel e com Clodoaldo. Num dado momento no dia em que nos conhecemos, ele aponta Gabriel, que caminhava do outro lado da rua: “Aquele ali é o dono. É o chefe.” (Paulista). Num outro dia, dentro da sucata, conta-me, com cuidado para não ser escutado por outras pessoas:

Esse cara aí é jurado de morte, só se mete em problema. O padraço dele deu essa sucata na mão dele pra ver se ele aquietava. Eu fico só de olho, esse bicho vive vindo falar besteira pra cima de mim e gosta de armar contra mim, ele acha que eu não tô ligado das coisas dele. (Paulista).

A relação entre Paulista e Gabriel era marcada por desconfianças e conflitos velados. Nesse mesmo dia, Gabriel se juntou a nós. Enquanto conversávamos, o tom entre Paulista e Gabriel era de alegria, com trocas constantes de piadas e lembranças de histórias engraçadas de Paulista. Num dado momento, Paulista se afastou por alguns minutos para receber recicláveis de um catador e Gabriel, quase que instantaneamente, virou-se para mim e me falou, no mesmo tom de voz utilizado por Paulista para criticá-lo, que Paulista é um mentiroso e que eu não deveria acreditar nas histórias que ele me contava. Com o retorno de Paulista à conversa, sorrisos nos rostos: ambos se divertem

¹⁵ A mesma ideia, expressa inclusive com as mesmas palavras, surgia também em conversas com Roberto, como será destacado mais à frente em tópico dedicado a este interlocutor, neste mesmo capítulo.

com fofocas sobre a vizinhança. Depois de ficarmos juntos conversando por quase uma hora, Gabriel sai de cena e Paulista não tarda em, novamente, maldizer Gabriel e me contar que pretende abandonar a sucata.¹⁶ Paulista acabaria realmente deixando de trabalhar lá, mas o faria cerca de três meses depois, em julho de 2016, depois de quase um ano no lugar, após uma série de discussões com Gabriel, que tiveram como centro o uso que Paulista fazia da cachaça.

Desde que começou a trabalhar na sucata, poucas foram as vezes em que Paulista não pontuou seu tempo de trabalho com goles de cachaça, que se iniciavam nas primeiras horas da manhã e sem hora para terminar: “Eu tomo mesmo minhas cachaça, vou nem mentir! Todo dia eu bebo. Não uso droga, não uso nada disso, mas cachaça eu bebo é mesmo!” (Paulista). Seu uso abundante do álcool é antigo, e muitas das histórias que Paulista gosta de contar dizem respeito aos seus excessos com a bebida e a todos os tipos de situações absurdas que foi colecionando no decorrer da vida por conta da cachaça. Muitas dessas histórias se passam nos diversos empregos que teve durante a vida. Disse ele que costumava ir bêbado ao trabalho e, no período em que trabalhava numa fábrica de bebidas, roubar algumas garrafas para consumir cerveja escondido na sala do almoxarifado. Além dos prazeres de Paulista associados ao ato de beber, há para ele algo de particular no uso da bebida no contexto do trabalho. A cachaça era outra forma de estar no trabalho sem se sentir submisso às codificações que lhe eram impostas por Gabriel e Clodoaldo, de modo que Paulista imprimia, com o uso da cachaça, um ritmo próprio nas atividades relativas ao terreno de reciclagem que realizava. Gabriel e Clodoaldo se incomodavam com seu uso de álcool, o que se expressava em ameaças de demissão. Paulista prometia não abusar na cachaça – o que, como sabia intimamente, era promessa que não cumpriria.¹⁷ Já no mês de junho, pararam de pagar as diárias de Paulista, que, depois de uma semana desaparecido, voltou à sucata. Nesse meio tempo, Paulista já estava construindo outra possibilidade de trabalho. Já tendo feito amizade com os donos da oficina mecânica ao lado da sucata, se ofereceu para trabalhar no lugar. Abandonou, enfim, a sucata. Diz que sua saída foi

¹⁶ Aqui, Paulista utiliza-se de um *hidden transcript*, ou seja, de um discurso e prática de resistência simbólica e material frente à figura dominante de Gabriel, seu chefe, que ocorre “nos bastidores”, veladamente – mas nem por isso sem efeitos sobre sua relação com o chefe e com o trabalho (SCOTT, 1990). No caso, tal forma de resistência está ligada à “fofoca, injúrias, rejeição de categorias impostas, questionamento e afastamento da deferência” (SCOTT, 2014, p. 58).

¹⁷ Aqui, mais uma vez, o uso da cachaça tem um caráter de resistência às codificações do trabalho, o que não deixa, no entanto, de ser visto pelas figuras dos chefes como algo relativo à “vagabundagem” e “arrogância”, “etiquetas planejadas para denegrir as muitas faces da resistência” (SCOTT, 2014, p. 80).

amistosa. Quem hoje cumpre a função que exercia é Jonas, seu amigo, que sempre estava por ali com Paulista. Até o período de escrita dessa dissertação, Paulista não havia voltado a trabalhar na sucata, ainda que com frequência fosse para lá reencontrar os amigos e vender algumas *mercadorias*. Ele conta que Gabriel, alegando que Paulista realizava as atividades da sucata com maior eficiência, sempre o convida para que volte a trabalhar lá, algo que Paulista diz não aceitar em respeito a Jonas, a quem vê como pessoa responsável.

Além da sucata

Desde que chegou a Fortaleza em 2015, Paulista não esteve trabalhando apenas na sucata. Desde o início, buscou se fazer ser conhecido nas vizinhanças como alguém com amplas habilidades, que logo lhe permitiriam realizar bicos consertando eletrodomésticos, encanamentos, sistemas elétricos, pintando casas, carregando entulhos e toda uma diversidade de outras atividades. Tomando essas habilidades como valores positivos, Paulista considera que, ao morar na rua, elas ganham uma significância ainda maior, pois são utilizadas nos improvisos que se realiza na rua tanto para se obter dinheiro quanto para se criar laços com as pessoas, além de corresponderem às atividades que mais se aproximam do seu desejo de “não trabalhar para os outros” – ou seja, de ter autonomia e não estar submetido a nenhuma autoridade no contexto laboral. Em alguns momentos, a realização de bicos permite que sejam estabelecidos vínculos no campo afetivo. Ele me conta que há uma mulher na comunidade do Canal com quem teve um caso. Era uma mulher de 70 anos para quem havia realizado alguns serviços e que, após passarem a se relacionar sexualmente, teve sua casa percebida por Paulista como um lugar para o qual poderia ir em algumas noites em que não quisesse dormir na rua.

“Hoje”

Manter-se sempre trabalhando em algo é uma forma de *não ficar sem fazer nada*. Enquanto estava na sucata, Paulista considerava importante se conectar também aos bicos e ter muito de seu tempo em movimento, em ação – entendendo isso sempre como trabalhar. Após sair da sucata e passar um tempo trabalhando na oficina, Paulista abandonou também este lugar, dessa vez sem ter algum outro emprego em vista. Não gosta de recorrer aos irmãos, mas dessa vez achou que seria necessário. Foi à casa de um deles pedir uma ajuda financeira. Paulista quer sair novamente do Ceará. Combinou com o irmão que este lhe pagaria uma passagem para Santa Catarina, onde mora um parente que lhe conseguiria um emprego. A ideia de viajar para fora do estado, no entanto, está lhe incomodando um pouco. Paulista pensa nas amizades que fez nas vizinhanças da sucata e lamenta a possibilidade de se afastar delas.

No momento em que escrevia este trabalho, Paulista estava dormindo na Praça do Ferreira por este ser um lugar próximo à residência de um dos irmãos. No entanto, quase todos os dias, caminha até o bairro Benfica, onde se localiza a sucata, e mantém-se em contato com seus amigos da região. Com a ajuda financeira que pediu ao irmão, Paulista decidiu investir numa carroça para coleta de entulhos de construção e materiais recicláveis. Ele me explica que é necessário arrumar o que fazer, que “tem que saber *se virar*”, e que, ao decidir recolher entulhos e recicláveis, conseguir um carrinho era apenas a primeira das etapas. Paulista trocou os pneus, reforçou a liga metálica que conecta os pneus ao corpo do carro, forrou a estrutura da caçamba e pintou no carrinho os dizeres “Caveirão do Paulista”. “As pessoas olham pro carrinho e já sabem que é meu, e aqui todo mundo sabe quem eu sou, *meu nome corre*” (Paulista).

A rua de Paulista

Apresentada a relação criada por Paulista com o trabalho, cabe buscar responder como isto contribui para a produção de seu modo de habitar a rua. Em primeiro lugar, há de se compreender como Paulista constrói seus movimentos e relações territorialmente. Desde que chegou a Fortaleza, Paulista estabeleceu linhas de peregrinação num determinado domínio de emaranhamento (INGOLD, 2015), ou seja, passou a caminhar e viver boa parte de seu tempo num lugar, um trecho de um

quarteirão que correspondia à comunidade do Canal, no qual se pôs em relação a uma série de outras linhas de peregrinação, desde aquelas mais estabilizadas, como era o caso dos residentes do Canal, até outras mais instáveis, como era o caso de outras pessoas que, como Paulista, moravam na rua. A cada entrecruzamento com outras linhas, Paulista tinha pistas de como se movimentar por aquele espaço, ao mesmo tempo em que ia passando a construir seu próprio território. Assim, através da relação com certas pessoas, passou a tomar conhecimento, por exemplo, da sucata, de quem eram os donos, de como era a negociação com eles, de quais os melhores pontos para se obter recicláveis. Outras linhas lhe levaram a outros tipos de relações, através das quais apresentava-se como pessoa capacitada a realizar serviços, estabelecendo vínculos que lhe permitiriam realizar bicos.

Depois de algum tempo, Paulista já era conhecido por muitos moradores de rua que trabalhavam com materiais recicláveis – na medida em que trabalhava num lugar com uma grande movimentação de pessoas – e por muitos moradores do Canal, por funcionários de estabelecimentos próximos (oficinas, lojas, postos de gasolinas, mercearias, bares). Estar na rua, para Paulista, era, em certo sentido, conhecer e ser conhecido. Recusando qualquer invisibilização, Paulista transitava entre muitos espaços, e sua principal moeda de troca para a criação de vínculos era o trabalho e os bicos, bem como os pequenos favores, através dos quais, como afirma, conseguia mostrar que era uma pessoa *de confiança, honesta*.

Certa vez, um morador de uma casa no Benfica, há dois quarteirões do Canal e da sucata, pediu a Paulista que este recolhesse um amontoado de entulhos de construção que se acumulavam na sua garagem:

Esse véi chegou me chamando pelo nome [Aqui, Paulista não se refere a seu nome de batismo, mas ao seu apelido] e pediu pra eu recolher entulho dele. E aí eu falei que recolhia, mas não nesse dia, porque eu tava terminando um trabalho pra outra pessoa lá do Canal. Pois ele deu 7 reais na minha mão, deu dinheiro pra eu comer, eu falei: ‘Não, mas não precisa me dar dinheiro, eu nem trabalhei ainda pro senhor’. E ele: ‘Tome, você é um *homem de confiança*, sei que você é *trabalhador*, vou lhe dar esse dinheiro.’ E aí no dia seguinte eu fui lá e tirei os entulhos dele, e aí ele me pagou de novo! (Paulista; grifo meu).

Paulista não conhecia o homem para quem fez esse serviço, mas diz que conhece tantas pessoas na região que, em certo momento, outras pessoas passam a lhe conhecer mesmo sem que tenha que fazer qualquer esforço para ser conhecido. Nesse sentido,

como na frase de Paulista apresentada na página anterior, seu nome corre, se espalha, de modo que a *vizinhança*, as *redondezas*, são a própria territorialização de Paulista na rua, disseminada nas relações construídas.

Num certo momento, Paulista realizou alguns serviços, por fora da sucata, para Clodoaldo e para um amigo que trabalhava ali perto. Nenhum dos dois lhe pagou de imediato. Enquanto não recebia o dinheiro, que equivaleria a um total de 600 reais, Paulista planejava como gastaria toda aquela quantia: compraria uma passagem para voltar a São Paulo. Não queria voltar para lá definitivamente, apenas arranjar algum trabalho temporariamente, matar a saudade da cidade, e depois retornar a Fortaleza. Paulista diz que não gosta de ficar parado tanto tempo num mesmo lugar. Passados alguns dias, recebeu um dos pagamentos. Guardou o dinheiro por mais dois dias, quando recebeu o segundo dinheiro que lhe esperava. Nesse dia, ainda conseguiu mais 120 reais após vender alguns objetos seminovos que haviam sido vendidos no peso na sucata. Começou, então, a anunciar a todos os conhecidos da vizinhança que, no dia seguinte, sairia cedo da manhã até o aeroporto e compraria lá sua passagem para São Paulo.

A partida de Paulista, no entanto, não poderia acontecer sem cerimônia. Sabendo que a passagem lhe custaria 400 reais, não viu problema em gastar parte do dinheiro com algumas cervejas. Era noite de churrasco, bebida, música e conversas na calçada da entrada do Canal. Paulista foi para lá. Cercado de conhecidos, declarou que pagaria uma rodada de cerveja a todos. Depois de algum tempo, alguém se aproximava e pedia um dinheiro emprestado a Paulista para comprar alguns cigarros. Chegava outro e pedia um dinheiro para uma cachaça. Outros pediam uma grana para o churrasquinho, enquanto um ou outro chegava pedindo dinheiro emprestado para outras coisas. Para um jovem morador do Canal, chegou a comprar um relógio que outro conhecido estava oferecendo. Em todas as vezes, Paulista dava o dinheiro sem hesitar. Depois de um tempo, atravessou a avenida com alguns dos amigos, a maioria deles também moradores de rua, para entrarem na loja de conveniências do posto de gasolina. Sentaram à mesa e Paulista pediu à funcionária que trouxesse a cerveja mais cara que ela tivesse ali. Pagou bebida a cada um. Saindo de lá, a noite se estendeu com cachaça até a hora de Paulista cair no sono em uma calçada. Na manhã seguinte, não tinha mais um tostão no bolso, e o plano da viagem teve que ser cancelado. Paulista brincava com o fato. Refletindo posteriormente sobre o ocorrido, diz que até hoje ninguém lhe pagou de volta nenhum

dinheiro emprestado, mas diz que não se queixa por isso e que, por mais que desejasse ir para São Paulo, a mudança de planos não chegava a ser um problema. Para Paulista, o dia seguinte teria que ser vivido de acordo com as condições que se apresentavam, de modo que se lamentar sobre a viagem não realizada, aí sim, seria um problema.

Numa situação como a relatada, Paulista exemplifica uma concepção sua, muitas vezes repetida, sobre o dinheiro – ainda que em termos mais ambíguos. Ele diz que dinheiro atrai problema, e mais importante do que ter dinheiro é se relacionar com as pessoas, é ter amigos; isso, segundo ele, permite-lhe viver mais coisas do que o dinheiro possibilita. Na situação acima, Paulista aproveitou intensamente uma noite, de um modo que foi possível graças à grande soma de dinheiro que tinha em mãos. Aproveitar intensamente, no entanto, não diz respeito apenas a gastar, mas a gastar com os outros, fazer do dinheiro e da atenção gerada para si como provedor da diversão dos outros algo que só pode acontecer ao mesmo tempo em que desmantela sua própria posição de prestígio, já que, no dia seguinte, não lhe restará mais nada. Gastando desmesuradamente seu dinheiro consigo e com seus amigos e conhecidos, faz do momento presente uma festa para si e para os outros.

Em vários outros momentos, é essa a relação de Paulista com o dinheiro. Dinheiro é algo que não se guarda, que não se avoluma. O dinheiro escorre, tanto quanto seu nome corre pela vizinhança, pois lhe importa muito mais que o dinheiro ponha em movimento os prazeres e as necessidades do momento presente, seu e das pessoas próximas. Dessa maneira, o trabalho, para Paulista, é a imersão numa atividade que lhe envolve, mais do que simplesmente algo que lhe garanta dinheiro, pois o dinheiro é algo que, ao ser adquirido, é imediatamente transformado em outros tipos de relações.

Assim, Paulista movimenta-se pela rua – uma rua que é a calçada, mas é também a sucata, o Canal, a oficina, o bar – junto com seu nome e seu dinheiro. Algo mais é produzido aí: o *respeito*, categoria cara a Paulista. Quando Paulista fala sobre ser conhecido nas redondezas, não fala apenas de um reconhecimento independente de valor, mas de um reconhecimento em paralelo à condição de ser respeitado – associando-se a isso todas as caracterizações, já citadas anteriormente, de *confiança* e *honestidade* –, o que leva a outro elemento relativo ao seu modo de habitar a rua: o da *segurança*.

No dia em que conheci Paulista, como já relatado na introdução deste trabalho, nossa primeira interação girou em torno de sua sugestão para que eu e Samantha, minha então companheira, ficássemos esperando o transporte público exatamente em frente ao portão aberto da sucata, afirmando que corríamos risco de assalto no ponto de ônibus, a cerca de 3 metros da entrada da sucata. Exatamente em frente à sucata, estaríamos no campo de visão de Paulista e ele garantiria nossa segurança. Sendo este um lugar para onde Samantha ia quase que diariamente para pegar ônibus para seu local de trabalho, ela via Paulista com muita frequência e ouvia dele sempre a mesma orientação: “Pode ficar aqui em frente do portão, aqui você tá segura!” Quando eu encontrava Paulista, ele sempre reforçava a garantia de segurança. Certa vez, me disse:

Aqui você e sua esposa tão seguros. Eu vejo ela todo dia, eu fico só olhando se alguém vai mexer com ela. Se eu não tiver aqui, tem os meninos aqui na sucata que eu deixo olhando vocês. Já me perguntaram quem era aquele barbudo [Paulista se refere aqui a mim] e eu digo: ‘Aquele ali é meu primo’. Eu digo assim, já disse que quando você e sua esposa estiverem aqui perto é pra ficarem de olho se vai passar algum vagabundo aqui pra mexer com vocês. Olha aqui... [Paulista me chama para caminhar com ele até a entrada da sucata e pega um longo cano de ferro, apoiado na parede junto a dezenas de outros objetos, e me oferece para que o segure, como se sugerisse que eu sentisse o peso do objeto]. Eu deixo sempre aqui, se mexer com você, eu taco na cabeça do vagabundo. (Paulista).

Paulista conta que já usou antes a barra de ferro contra as pernas de um homem que roubou a mochila de uma criança que esperava transporte no ponto de ônibus. Além dessa situação, já preveniu outros assaltos e perseguiu outros assaltantes. Essas são histórias frequentemente retomadas, tanto quanto o é o anúncio de que, estando com ele, se estava seguro. E a indicação de segurança ia além da sucata. Paulista me dizia que, por toda a vizinhança, eu estava seguro. Eu poderia andar tranquilamente por todos os arredores da sucata e do Canal que, mesmo sem que ele estivesse por perto, não mexeriam comigo, pois todos lhe conhecem, e se algo acontecesse comigo ou com Samantha, essa informação chegaria de alguma forma até Paulista e ele iria atrás de quem nos tivesse causado qualquer prejuízo. Paulista estava querendo me dizer que aquele era seu território, que ele, que até aquele momento havia chegado há menos de um ano a Fortaleza e ao entorno do Canal, dominava seus códigos ao ponto de exercer ali um tipo de domínio. Numa noite em que conversávamos eu, ele e Adriano, também morador de rua, ele trouxe isso de forma mais explícita. Disse para mim que, a qualquer hora do dia, eu estaria protegido nas redondezas. “Ninguém mexe com você aqui,

porque você é um cara muito da hora, repeito você.” (Paulista). Ele vira para Adriano e fala: “Diga aí, quem que manda nessa área toda aqui?” Adriano responde: “É o Paulista”.

À época da escrita deste trabalho, na última vez que estive com Paulista, num dos últimos dias do ano de 2016, conversávamos sentados na calçada de uma rua vazia do bairro Benfica. Ao nosso lado estava a carroça que usava para trabalhar. Ele me explicava que, se quisesse, poderíamos sair dali e caminhar pelas ruas deixando o carrinho no canto em que estava, sem prendê-lo a lugar algum e também sem que fosse necessário que ficasse alguém ali para vigiá-lo. O carrinho não seria roubado, pois todos ali sabiam que o “Caveirão” era dele e, tendo respeito por Paulista – o que, muitas vezes, ganha um significado próximo ao do temor –, não mexeriam em suas coisas. E, se por acaso algum desavisado ousasse levar o carrinho, não conseguiria sair das redondezas do Benfica:

Meu amigo, se pegar não vai conseguir nem andar com ele, porque se for pro lado de cá, vai dar de cara com os meninos da sucata, se for pro lado de lá, não passa pelos meninos dali [aqui, Paulista se refere aos muitos moradores de rua que dormem nos arredores do Centro Pop localizado na Avenida João Pessoa], conheço tudinho, eles veem o carrinho e sabem que é meu, não deixam levar. Tudinho ali me respeito, eu vou ali no Centro Pop, entro ali, saio dali, e ninguém mexe comigo. (Paulista).¹⁸

Assim, a rua, para Paulista, é lugar onde constrói relações de *respeito*, que o imunizam de perigos e riscos, estendendo isso a pessoas às quais também mantém uma relação de respeito. Sendo *honesto*, *trabalhador*, e também demonstrando sua autonomia na rua, própria de quem *sabe se virar*, Paulista produz seu modo de habitar a rua. No território através do qual se prolonga sua segurança e a segurança dos amigos e conhecidos, Paulista emerge e constrói uma relação profunda com os espaços, mesmo que temporária, pois, em algum tempo, movimenta-se para outros lugares, abandona as rotinas criadas numa cidade e parte para outras, onde buscará produzir relações semelhantes.

¹⁸ Não poderia deixar de acrescentar aqui um fato do qual sei poucas informações, mas que me foi relatado por Jonas já em fevereiro de 2017, nos últimos momentos da escrita da dissertação. Ele me contou que poucos dias antes Paulista escapou da morte. Ele me disse que “os moradores de rua que ficam ali perto do Centro Pop” – os mesmos dos quais fala Paulista no relato acima – tentaram assassinar Paulista. Comparando com a descrição que faz na fala citada, surgem duas hipóteses: Trata-se de uma questão de mudança e efemeridade das relações, com laços rompidos conflituosamente? Ou trata-se originalmente de fantasias de aceitação e de domínio de território?

Julia e Josué: sozinhos, a dois.

Estando há quase 20 anos na rua, Julia e Josué se caracterizam como sendo da *velha guarda*, moradores de rua já antigos: conhecem bem o *sistema da rua*, conhecem a cidade, suas artimanhas, sabem *se virar*, sabem reduzir as possibilidades de correrem riscos – em seus movimentos que formam seu modo de habitar a rua, crescem em conhecimento (INGOLD, 2015). Como diz Josué, a vida é uma universidade, e a todo momento pode se estar aprendendo algo. Julia compartilha dessa visão. Tendo iniciado suas vidas na rua já estando casados, construíram juntos seus modos de habitar a rua. Repetidamente, nessas quase duas décadas, conversam entre si sobre o que é estar na rua, sobre os problemas que encontram, sobre as histórias divertidas, sobre as fofocas, sobre as coisas que lhes ocorreram, sobre os significados de suas vidas. Julia e Josué realizam um amplo trabalho reflexivo baseado no companheirismo que construíram.

Alianças na rua

Uma das questões que já há algum tempo Julia e Josué vem se colocando com maior frequência diz respeito às alianças que constroem na rua. Eles desejam cada vez menos se aproximarem de outros moradores de rua, dizendo sentirem-se frustrados com muitas das amizades que formaram na rua. Essa questão, no entanto, não é exatamente nova. Desde que foram para a rua, Julia e Josué adotam uma política de buscar, antes de tudo, não criarem redes de dependência com outros moradores de rua, procurando então sempre serem capazes de tornarem-se os únicos responsáveis por proverem o que for necessário para ambos, tornando-se também corresponsáveis pela vida um do outro. Juntos, portanto, veem sua relação de companheirismo como uma aliança fundamental, a única sobre a qual devem realmente investir esforços para que não seja rompida.

Josué: A gente tem 20 anos juntos. Imagina aí o que são 20 anos? É uma vida. Hoje a gente só tem um ao outro.

Julia: Você tem pai e mãe? [Julia pergunta a mim. Antes que eu responda, ela continua:] Eu não tenho mais, já perdi os meus. Também não tenho filho, não

tenho mais parente, não tenho família, não tenho ninguém. Sou só eu no mundo...

Josué: Tem sim, tem eu!

Julia: Sim, é claro que tem o Josué! A gente se apoia junto, a gente...

Josué: A gente é melhor amigo, é companheiro... É só a gente no mundo.

Desde o início da vida na rua, seus movimentos foram pautados por essa aliança – o que, nem por isso, significa que esta não tenha sido por vezes temporariamente quebrada. No período de um mês do ano de 2015, Julia esteve num presídio e Josué esteve só na rua, dormindo em frente à delegacia à qual Julia foi originalmente levada; em outros momentos, brigam, se desentendem, sentem-se cansados da presença um do outro e se afastam por alguns dias. Falando sobre essas situações, tanto Josué quanto Julia dizem que, sempre que um decide se afastar, o outro sabe que essa decisão não irá durar muito tempo e que o outro em poucos dias retornará. Sobre isso, dizem que esse retorno, quase que inevitável, acontece porque eles não saberiam viver de outra forma na rua. Aprenderam desde sempre a habitá-la juntos, de modo que a relação entre ambos transformou-se num aliança já vista como inevitável, que exigiria todo um esforço de recriação de seus modos de habitar caso fosse rompida em definitivo – algo que, como afirmam, não estão dispostos a fazer.

As amizades criadas na rua, no entanto, são efêmeras e circunstanciais. Josué me explica que, depois de um tempo, ele e Julia passaram a colecionar uma série de histórias de *decepção* com antigos companheiros da rua, que os fizeram repensar o grau de proximidade que se permitiriam ter com outros moradores de rua. Certa vez, ficaram por um período de três meses numa praça do bairro Parquelândia em companhia de um morador que rua que conheceram por lá. Josué e Julia contam que o homem gostava muito da presença deles, e sempre dormiam os três juntos. Compartilhavam cachaça durante boa parte do dia – Josué era o que bebia menos, Julia bebia bastante e o amigo “era uma esponja, bebia quatro celulares de cachaça por dia” (Josué). Após esse período assentados na praça, Josué e Julia resolveram ir embora de lá e criar outros caminhos pela cidade. Julia conta que o homem pôs-se a chorar, lamentando a falta que sentiria do casal. Pediu então para acompanhá-los. Josué conta que disse ao homem:

Rapaz, eu gosto de você, minha esposa também gosta de você, você é um sujeito muito bacana, mas é que comigo é assim, ou eu ando só, que é quando

eu tô sem a minha esposa, ou então eu ando junto com ela. Eu respeito você, mas é que com a gente funciona assim. (Josué).

Para Josué e Julia, tratava-se de uma prevenção, um cuidado por antecipação de um risco que não queriam correr. Movimentar-se com outra pessoa é como dividir uma casa com um desconhecido, pode ser um problema. Outro morador de rua, Ricardo, conviveu por um tempo com Josué e Julia, na época em que ainda aceitavam dividir suas peregrinações pelas ruas com outras pessoas. Julia diz que ela e Josué sempre o ajudaram oferecendo-lhe comida. “Teve um dia que o Josué conseguiu foi sete quentinhas pra ele, isso ele comeu tudo no mesmo dia, que chega ele passou a noite se levantando pra fazer as necessidades dele, isso lá na praça [do Ferreira]” (Julia). Eles contam que, ainda que esse tenha sido um dia de quantidades de alimentos mais absurdas, foram muitas as vezes em que se fartou com comidas magueadas pelo casal. Compartilhar comida com ele, como contam, não era um problema. O que lhes incomodava era que notavam que Ricardo havia ficado dependente deles em relação à obtenção de alimentos.

Ele se aproveitava da gente, se aproveitava que o Josué conseguia as coisas pra ele, porque ele não sabe se virar não, não consegue pedir uma comida. Quando ficava na Praça do Ferreira, na Catedral, era só esperando o Josué chegar com comida, quando a gente ia andando pro [bairro] Vila União ele ia junto, eu e o Josué cozinhava pra ele. E ele anda todo arrumado, tem os olhos azuis, só se acha o que não é, aí tinha vergonha de andar com a gente, só se aproximava na hora que a gente pegava comida, bebida, sendo que quando a gente tava andando ele dizia que não era pra a gente andar mais ele, que não queria andar com a gente do lado, tinha vergonha da gente. Aí ele ia andando lá na frente, e eu e o Josué no caminho magueando, quando a gente pegava a comida ele voltava pra comer (Julia).

Josué e Julia estavam incomodados em andar com alguém que julgavam incapaz de *se virar* e que impunha um distanciamento, mesmo beneficiando-se da companhia deles. Eles não aceitavam o fato de que Ricardo movimentava-se com eles sem engajar-se nos magueios – o seu movimento, portanto, estava em descompasso com o de Josué e Julia. Estavam prontos para anunciar a ele que, a partir daquele momento, andariam sozinhos. No entanto, antes disso, Ricardo deu um motivo ainda maior para isso: ameaçou bater em Julia. Josué conta que ficou ainda mais *decepcionado* com Ricardo, que por tanto tempo tratou Julia bem e de quem foi companheiro de tantas noites de bebedeira. A partir daí, o casal rompeu com Ricardo.

Fernando também ganhava comida de Josué quando este perambulava pelas manhãs e tardes no Centro de Fortaleza enquanto Julia sentava-se à sombra na Praça da Sé, conversando e bebendo com Fernando. Num desses dias sozinho com Julia, enquanto Josué magueava, Fernando declarou-se apaixonado por ela. Julia se assustou com a confissão. Josué voltou com as quentinhas que lhes serviriam como almoço e, ao encontrar Julia, ela lhe falou sobre a revelação amorosa de Fernando. Josué indignou-se com isso.

Eu confiava nele. Deixava ele sozinho com a Julia, e aí o cara pega e fala um negócio desse. Mas eu não fiquei com raiva, não quis bater, não quis matar, não quis nada disso, porque eu sou uma pessoa tranquila, não faço esse tipo de coisa. Mas eu fiquei decepcionado com ele, era uma pessoa em que eu confiava. Tanto que eu ajudava. O que ele comia era fruto do meu suor. E aí eu só disse: ‘olha, a partir daqui eu só quero distância de você’; eu disse: ‘nossa amizade acabou aqui’. Ainda dei foi a quentinha pra ele. ‘Ah, você tá com fome, né? Pega essa quentinha aqui, fique aí com ela, mas suma da minha frente e nunca mais chegue perto de mim e da minha esposa’. Depois ele ainda tentou se aproximar de novo, mas não era mais a mesma coisa. (Josué; fala que reconstituiu pela memória em meu diário de campo).

Da mesma forma, Josué e Julia se afastaram de Gerson e de Valdo. Com Gerson, o casal compartilhava as comidas, copos de café e garrafas de cachaça que magueavam. Após certa noite de bebedeira, Gerson queixou-se com Josué e Julia, dizendo que um deles havia colocado alguma droga na bebida dele, pois ele havia passado mal de uma forma inesperada. Dizia-se acostumado a beber até dez litros de cachaça sem passar mal, mas naquele dia bebera muito menos e já não se sentia bem. Josué conta que não esperava algo do tipo vindo dele e, ofendido, ele e Julia se afastaram. Valdo, por sua vez, dormia num mesmo lugar, ao redor de uma lagoa no bairro Vila União, onde Josué e Julia descansavam algumas noites. Lá, Josué e Julia tinham colchão, panelas e alguns outros pertences, por vezes compartilhados com Valdo. Após uma acusação de que Josué havia roubado 40 reais de Valdo, este o ameaçou e disse que aquele era seu território e que o casal deveria se afastar de lá. Assim o fizeram. Nesse caso, Josué buscou uma reaproximação; no entanto, Valdo intensificou a ameaça, fazendo com que Julia e Josué partissem em definitivo daquele lugar, deslocando-se para o outro lado da lagoa. Josué diz que até hoje relembra o quanto se sentiu insultado ao ser acusado de roubar um amigo.

A existência da *decepção*, tão mencionada por Josué, e em menor grau citada por Julia, funciona como a base para a política que orienta seu modo de estar na rua.

“Foi uma coisa que eu prometi a mim mesmo, nunca mais ando com mais ninguém se não for a Julia. Eu só tive experiência ruim com isso, sempre a pessoa faz alguma besteira” (Josué). A *decepção* é um termo que nomeia a experiência de uma dádiva que não se realiza, de uma reciprocidade negada, na medida em que Josué, ao oferecer alimentos e bebidas que mangueia a outro morador de rua, não só não recebe uma contraparte que considera à altura do que ofereceu, como também vê ações que contrariam suas expectativas de vinculação afetiva. Assim, na perspectiva de Josué, ele e Julia se colocariam numa posição de doação total, mantida por um constante “estar em ação”, *se virando*, enquanto as relações com moradores de rua consideradas como frustradas teriam, do outro lado, uma pessoa que se colocaria numa posição de passividade e dependência, apontando para uma futura desfeita, um ato de afronta ao que foi oferecido.

Dormir na rua, dormir em casa

Há duas formas através das quais Julia e Josué obtém dinheiro. Uma é catando latas de alumínio para serem vendidas no peso em sucatas. Essa atividade é realizada principalmente por Josué. A outra forma é através do mangueio, que gera para o casal muito mais dinheiro do que o que conseguem com a coleta de material reciclável. Quando estão no Centro, Josué e Julia seguem uma rotina baseada numa divisão patriarcal do trabalho: as perambulações de Josué pelo Centro pela manhã e pela tarde são como sair para o trabalho, enquanto Julia “fica em casa”, ou seja, na Praça da Sé ou no Passeio Público, limitando seus trajetos à área de cada uma dessas praças. Nos dois momentos em que Josué retorna das andanças, por volta do meio dia e em horários variados da tarde, traz em sua sacola as comidas que mangueou e nos bolsos da calça e da camisa algum dinheiro também mangueado.

Para Josué, pedir dinheiro é atividade humilhante, que realiza por entendê-la como necessária. Para Julia, no entanto, o mangueio, inclusive de dinheiro, é algo que lhe gera menos conflitos. Mesmo quando está em alguma praça nos momentos em que Josué “está fora”, Julia não deixa de pedir dinheiro ao observar situações em que avalie que seja possível ser bem sucedida no mangueio – é o caso, por exemplo, dos momentos

em que se aproxima de grupos de turistas. Com os valores diariamente arrecadados, conseguem comprar comida, bebida e cigarros, geralmente sobrando muito pouco ou nada ao fim do dia.

No entanto, há momentos nos quais, por uma série de fatores, o casal consegue juntar uma quantidade maior de dinheiro – somando fatores tais como um rendimento maior do que o habitual na coleta de materiais recicláveis, um maior sucesso nos valores dos mangueios e o surgimento, sempre inesperado, de pessoas que lhes ofertam quantias de dinheiro. Com esse pequeno montante acumulado, surge para Josué e Julia a possibilidade de utilizar o dinheiro para o aluguel de um quarto, mesmo que por poucos dias. Para Josué e, principalmente, para Julia, dormir/não dormir na rua é um tipo de questão que com frequência se é colocada. Como mencionado nos capítulos anteriores, o momento do anoitecer é incômodo para Julia, pois faz remeter a ela a ideia da rua como lugar da falta da casa: as pessoas ao seu redor, imagina, estão saindo da rua para suas casas; Julia, enquanto isso, permanece na rua, e esse “permanecer”, essa impossibilidade de um trajeto de “retorno” à casa, de “abandonar” a rua durante a noite, é, em muitos momentos, vivida como um mal-estar.

Por volta de 2013, Julia e Josué estavam acumulando uma renda diária que lhes permitiam alugar um espaço para morar durante alguns meses. Esta foi a última vez que fizeram isso. A diária custava 10 reais. Era uma quitinete de 10 m² que ficava num prédio com dezenas de apartamentos localizado numa rua do Centro de Fortaleza, com a numeração 666. Julia brinca com o número do prédio, porque para ela o lugar era, de fato, um inferno. Ela conta que o prédio era ponto de tráfico, havia casos de assassinatos e era assombrado por entidades sobrenaturais.

Josué e Julia relatam que a proprietária do prédio, Valquíria, que é também dona de outros estabelecimentos no Centro, era uma inspetora da polícia aposentada, casada com um escrivão e que tinha como amante um policial militar que trabalhava para ela como segurança particular – um entre vários outros de seus seguranças. Ela estava ciente do tráfico no seu prédio e já há muitos anos o utilizava como um esquema para beneficiar-se. A cada vez que chegava um novo inquilino que atuava como traficante no prédio, Valquíria se informava da situação e deixava que a pessoa traficasse por tempo o bastante para que tivesse juntando uma grande quantia de dinheiro. Chegado esse momento, Valquíria ordenava que os seguranças invadissem a quitinete do traficante, o

entregassem à polícia e saqueassem todo o dinheiro e os objetos de valor adquiridos com o tráfico. Josué e Julia contam que já ouviram-na dando ordem aos seguranças, dizendo: “Pode quebrar a porta, pode chegar arrombando, porque porta é o de menos, eu boto outra depois”. Pouco tempo depois, um novo traficante passava a morar no prédio, e sobre ele tornava-se novamente a atenção para que o esquema fosse, dentro de algum tempo, realizado novamente.

Josué e Julia caracterizam a proprietária do prédio como uma pessoa que pensa apenas em dinheiro e que costuma se utilizar de todos os meios ilegais para conseguir o que quer. O casal conta que no prédio também moravam e tinham como frequentadores muitos ladrões e assaltantes, que diariamente chegavam com mercadorias roubadas para serem vendidas. Valquíria era uma das que mais compravam esses objetos. Josué conta: “Tinha ladrão que chegava lá já pra vender pra ela, ela ficava sentada lá embaixo, ele entregava o relógio roubado pra ela comprar, aí ela só dava o dinheiro, botava a mão na máquina [ou seja, na arma], apontava na cara dele e falava: ‘Vai, sai daqui’”.

Noutra situação, uma mulher que morava numa das quitinetes estava com o aluguel atrasado. Valquíria ordenou aos seguranças que entrassem no apartamento dela num dia em que a mulher não estava em casa e colocassem todos os seus objetos na rua. A mulher estava chegando em casa no momento em que suas coisas haviam acabado de ser despejadas e disse a Valquíria que já havia conseguido o dinheiro. Como conta Julia, a proprietária respondeu apenas: “Ô fulano, o que é que as coisas dessa moça estão fazendo aqui embaixo?! Pode subir com tudo e ponha exatamente no lugar que tava antes”. Julia conta que nunca passou por isso, mas que a figura de Valquíria era em parte temida, em parte ridicularizada por ela e Josué. Era alguém em quem eles não confiavam, mas cujo comportamento era tão desaprovado por eles que se chegava a torna-se algo cômico.

Na sua quitinete, Julia e Josué tinham um colchão, uma rede e poucos objetos pessoais. Tinham um pequeno fogão, poucas roupas, não tinham geladeira. Era o último apartamento do corredor do último andar. Durante algum tempo, já perto do momento em que foram embora, tinham como vizinho um homem que traficava e usava pedra. Nessa época, o uso do crack por alguns dos outros moradores do prédio passou a lhes incomodar, pois sentiam o cheiro da pedra queimando logo ao lado e, muitas vezes, exatamente em frente ao seu apartamento. Julia não queria se envolver em confusão, e

nem Josué, mas este achou que seria necessário se impor e reclamar do uso da droga ali perto. Uma vez, quando um morador do prédio fumava em frente ao seu apartamento, gritou para ele sair dali e fumar em frente à sua própria quitinete. Depois de um conflito verbal, o homem saiu de lá reclamando.

Outra moradora, que também traficava e usava crack, tinha um filho de dois anos de idade. Julia conta que, quando a mulher descia para vender a droga nos andares de baixo, guardava as pedras na fralda da criança. Certo dia, Julia conversava com a mulher, quando a criança tirou uma pedra da fralda e a pôs na boca. A mãe e Julia se desesperaram, lutando para conseguir abrir a boca da criança e retirar a pedra, algo que conseguiram depois de alguns minutos. Quando Julia estava na quitinete com Josué, conversavam sobre as situações envolvendo crack e tráfico que viam acontecer diariamente ali. Havia um mal-estar entre eles, principalmente quando falavam das crianças do prédio. Uma delas, uma menina de 8 anos, tinha familiares que vendiam drogas e, ela mesma, ajudava no tráfico. Julia me diz que se questionava: “O que uma criança dessa vai ser no futuro se já foi criada no crime?”

O mal-estar de Josué e Julia, no entanto, vivia lado a lado com o sentimento de que eram capazes de se virar ali dentro. Josué conta que, às vezes, solicitavam a Julia que, quando estivesse chegando em casa e subindo para seu andar, entregasse uma pedra para uma vizinha sua. Julia compreendia isso como um pequeno favor que não lhe custava nada. Josué tinha outra opinião: “Eu já dizia: ‘Julia, isso vai dar merda’”. Depois de uma conversa sobre o que estava acontecendo, Julia concordou que não deveria fazer isso. Estavam se convencendo de que era importante se envolver o mínimo possível com as correntes de atividades que atravessavam aquele lugar, e que a linha de fuga que deveriam criar seria a de viver como se nada disso acontecesse ali, ao mesmo tempo em que estariam atentos a tudo o que acontecia no prédio. Era importante saber das fofocas, ouvir as conversas que se faziam escutar inadvertidamente, olhar de soslaio as pessoas que entravam e saíam, não encarar nos olhos os traficantes que consideravam perigosos, não reclamar das duras que levavam de policiais que, de tempos em tempos, apareciam no prédio por conta do tráfico. Era importa, portanto, saber de tudo o que se passava, e agir como se nada se passasse por ali. Josué e Julia me explicam que isso era um exemplo de como saber *se virar* lá dentro.

Josué, em outra conversa, me contava que, na rua, sua mente é um radar. “É que nem o Big Brother aqui, tem câmera por toda parte, tô vendo tudo, tô prestando atenção em tudo, eu tô ligado toda hora, percebendo tudo.” (Josué). Esse princípio do radar, pode-se dizer, era aplicado também no período em que estavam morando nesse prédio. Era uma habilidade que permitia mapear as linhas que atravessavam aquele lugar e, assim, saber como agir, por onde prosseguir.

Algumas coisas, no entanto, eram de difícil acesso. O casal me conta que muitas pessoas já haviam sido mortas no prédio – algumas delas, inclusive, a mando de Valquíria. Por isso, o lugar era assombrado. São vários os relatos que Josué e Julia fazem de situações nas quais se viram defronte ao desconhecido. Josué fala de um dia em que, enquanto ele dormia na rede e Julia no colchão, logo abaixo dele, sentiu uma forte pancada na perna, que o fez saltar da rede e cair em cima de Julia. Outra vez, também enquanto dormia, sentiu a pancada nas costelas. Não havia mais ninguém com eles no apartamento nesses momentos. Noutra dia, batidas na porta de madrugada acordaram o casal, que, ao se levantar para conferir quem estava na porta, não viram ninguém não só em frente da quitinete como em todo o corredor. A última das assombrações que Julia viu foi a de um homem sentado no parapeito do corredor onde ficava seu apartamento. Não entendeu o que o homem fazia ali sozinho. Olhou para o lado rapidamente e, ao voltar o olhar para o parapeito, a figura havia desaparecido. Julia e Josué sentiam-se cada vez mais incomodados com as atividades sobrenaturais que presenciavam no prédio, e passaram a entendê-las como um sinal de que não deveriam estar ali, pois poderiam tornar-se uma delas em breve.

Um dia, já no período em que tinham um vizinho que traficava e usava crack, mencionado na página anterior, Julia e Josué estavam discutindo, brigando num tom de voz alto, quando esse vizinho gritou para que fizessem silêncio e dizendo que não queria ser incomodado por barulho nenhum. Josué disse que essa não era a primeira vez que o vizinho fazia esse tipo de reclamação. No entanto, dessa vez, Josué conta que sentiu uma profunda raiva e, indignado com a reclamação do vizinho, gritou dizendo que ele parasse de reclamar. O vizinho se surpreendeu com a resposta de Josué e ameaçou matá-lo. Josué conta que respondeu dizendo: “Pois venha, pegue uma faca, que eu já tô com a minha aqui comigo! Bora, venha que a gente se fura aqui até um morrer primeiro!” Julia ficou nervosa com a situação. Nada aconteceu naquele momento e o conflito logo arrefeceu. Porém, havia para Julia e Josué uma sensação crescente de

que perigos continuariam se instalando em suas vidas enquanto estivessem dentro daquele prédio. Esse e outros arroubos de Josué, nessas vezes em que não se controlou e reclamou de vizinhos fumando crack em frente à sua quitinete, iam contra a postura que haviam se comprometido a adotar, de reserva e aparente desinteresse e distanciamento das coisas que se passavam no prédio. Josué diz que, nesses momentos, foi necessário se impor. Julia não compartilha da mesma opinião e diz que, na verdade, foram “burradas”, “vacilos”, condutas equivocadas.

Passaram-se poucas semanas, menos de um mês desde esse episódio, quando, certa vez, Josué e Julia, que haviam passado o dia na rua, chegaram ao prédio à noite. Só conseguiram entrar no prédio porque havia outro morador junto ao portão deixando-o aberto, pois todos os cadeados haviam sido trocados – uma informação nova e inesperada para o casal. Estranharam também o fato de que todas as luzes do prédio estavam desligadas. Enquanto caminhavam até seu apartamento, o casal foi informado por uma vizinha que havia outro vizinho que pedira para avisar que queria conversar com Julia e Josué, chamando-o para seu apartamento. O casal havia visto mais cedo, antes de sair de casa, esse homem armado com um revólver. Os dois entraram na quitinete e entenderam que todos esses sinais indicavam que iriam ser mortos dentro de alguns instantes. Seguindo o pressentimento, juntaram naquele mesmo momento o máximo de pertences que conseguiram, puseram em sacolas e saíram do apartamento deixando o resto de suas coisas para trás. Enquanto desciam apressadamente as escadas, tiveram a sorte de que uma moradora do prédio estava, naquele instante, entrando no prédio. Ela tinha uma cópia nova das chaves. Aproveitaram e saíram de lá no minuto em que ela abria o portão, nunca mais voltando ao local.

O relato de tudo o que Julia e Josué viveram e observaram enquanto moravam nesse prédio parece se assemelhar fortemente a muitas das descrições que fazem sobre o *sistema da rua*. Vários dos atores e situações que fazem parte da vida na rua, nas suas versões como *sistema da rua*, – o crack, o tráfico, os policiais e a dura, a arma, os assassinatos, os riscos, a necessidade de *se virar* – estavam presentes também no período de moradia neste prédio.

Depois desse tempo morando no prédio, no entanto, desistiram de viver ali, pois havia a percepção de um risco iminente. Depois desse período de estabilização dos trajetos noturnos – ainda que não deixassem de estar na rua em boa parte do dia –,

movimentaram-se novamente, fazendo desse período não o de uma estabilização total, mas tomando-o como mais um lugar pelo qual se passa, havendo posteriormente um abandono (nesse caso, definitivo, pelo menos sendo essa a percepção até o momento presente). Além disso, avaliaram que, naquele momento, a rua lhes era mais leve. Há outras possibilidades territoriais na rua, outras regulações dos distanciamentos e aproximações e outros caminhos que permitem superar o *sistema da rua* enquanto modo de habitar a rua. Julia e Josué já me falaram, por exemplo, que o Passeio Público é território deles. Diziam isso no sentido de que, ao lado deles, eu estaria seguro, que se porventura alguém tentasse me roubar ali, estaria se aventurando em território alheio, no território deles; se pegassem um objeto meu, “não passavam daquela grade ali” (Josué), porque “não se mexe no território dos outros” (Julia). Essa territorialização, como se nota, não é a mesma que produziram enquanto estavam no prédio. Ao tentarem produzi-la, sentiram-se ameaçados.

No dia em que Julia e Josué comentaram comigo sobre o prédio de Valquíria, estávamos conversando antes sobre o prédio no qual eu estava morando. Eu planejava me mudar e tinha o Centro como uma das opções de bairro para morar. Foi isso que incitou o relato de toda essa história. Eles começaram falando que era um lugar pequeno, mas muito barato, o que me despertou um interesse pessoal; perguntei o endereço, com os olhos vivos de quem cogitava visitar o local para saber se valia a pena para mim. No entanto, fui cortado logo de início, antes que iniciassem os relatos das histórias do lugar, por uma recomendação de Josué, que disse algo do tipo: “Não, rapaz, ali não é lugar pra você, ali é canto pra a gente”. Josué mobilizava uma oposição Nós x Eles (ou Você), na qual não ficava totalmente claro a quais campos semânticos remetia. Nós “moradores de rua” x você “que nunca morou na rua”? Ou se tratava de uma oposição mais ampla entre “pobreza” e “riqueza”? O que é certo é que, nos relatos de Julia e Josué, o prédio era tão “rua” como o espaço físico da rua, como a via pública. Talvez não como uma extensão da rua, mas realmente como parte do campo simbólico do *sistema da rua*, reterritorializando a rua naquilo que, em outras narrativas, poderia ser até tomado como seu “termo oposto”. A rua, portanto, excede o espaço físico, geográfico do espaço público; o *sistema da rua* e a importância das habilidades de *se virar* ultrapassam limites físicos e conceituais da rua como um “fora” em relação ao espaço físico do “particular”.

A cidade de Roberto

Há quase 30 anos na rua, Roberto convive com duas visões conflitantes: por um lado, diz que já viveu de tudo; por outro, diz que há sempre coisas novas a se viver. Olhando para uma estátua do Passeio Público, comenta que, mesmo estando há um bom tempo na praça, se surpreende de vez em quando com algo que nunca percebeu, algum detalhe que nunca notou. Sobre a estátua que observava, de uma mulher com uma criança ao lado, diz que passou anos sem notar a presença da criança. Há elementos espalhados pela praça, pela rua, pela cidade que são vistos, mas não são notados, e que, ao serem finalmente percebidos, surgem como algo novo. Além disso, existem as mudanças. A praça, a rua, a cidade estão em variação contínua; há sempre algo novo para ser notado. Saindo das coisas relativas ao campo da memória de percepções visuais, Roberto comenta que, na minha idade (à época dessa conversa eu estava com 25 anos de idade), ainda não era morador de rua e que não imaginava que, pouquíssimo tempo depois, estaria dormindo na Praça da Sé, em São Paulo.

Hoje, com mais de 50 anos de idade, Roberto diz que não deixa de se surpreender vendo e vivendo coisas que nunca imaginaria que experienciaria. Por outro lado, como mencionado de início, há coisas que não lhe causam surpresa, e parte dessas coisas que não o espantam são aquelas sobre as quais lança olhares de suspeita, uma suspeita baseada em experiências anteriores, produzidas pelos seus caminhos na rua, e que o orientam para o modo como habita a rua. Sobre isso tratarei no tópico que segue.

Relação com as instituições voltadas a moradores de rua

Roberto sempre me dizia algo sobre locais que frequentou voltados a moradores de rua. “Não vou mais nesses lugares, já fui num monte, não volto mais, prefiro é me virar na rua mesmo” (Roberto). Ele fala aqui dos Abrigos Institucionais da Prefeitura de Fortaleza e de abrigos não governamentais (que Roberto intitula como *constituintes*), a Pousada Social, o Centro de Convivência para Pessoas em Situação de Rua e os Centros de Referência Especializados para População em Situação de Rua (Centro Pop) – os três

últimos também da Prefeitura de Fortaleza –, a instituição Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo e outros grupos religiosos de apoio a moradores de rua, bem como de reuniões do Movimento Nacional da População de Rua no Ceará (MNPR-CE). Em relação a todos esses espaços, Roberto conta que tem uma mesma atitude: de demarcar sua negação à adesão a esses espaços, imprimindo ao mesmo tempo uma determinada perspectiva sobre moradores de rua que se utilizam desses serviços.

Sobre os Centros Pop e outros aparelhos da prefeitura, Roberto diz que nunca entrou em nenhum deles e nem tem vontade de visitá-los. Da lista de espaços citados por Roberto, são estes aqueles os quais nunca utilizou. A noção de *confusão*, mencionada no capítulo 2, é trazida para definir o funcionamento desses espaços:

É gente demais, aí faz fila, aí os moradores de rua ficam furando fila, é brigando por lugar na fila... É muita confusão... Até tem umas coisas lá que parecem que são boas, mas é tudo controlado, tem hora pra entrar, tem hora pra sair. Não, eu não quero ficar dependendo de canto assim não. Não faço a menor questão de ir. (Roberto; fala que reconstitui pela memória em meu diário de campo).

Roberto diz que, de um modo mais amplo, não confia na prefeitura. Segundo ele, ela funciona *dando golpes*. Ele me dá um exemplo num dia em que estamos sentados na Praça do Ferreira. Ele aponta os vários ladrilhos quebrados do chão da praça e mostra para mim, um pouco mais distante, um grupo de cinco funcionários da prefeitura da cidade que medem e examinam trechos da praça.

Isso vive quebrando, e aí a prefeitura passa o ano trocando o piso. Mas aí tu sabe como eles fazem? Eles vivem trocando pra dar golpe e desviar dinheiro. Toda vez que tem obra eles dão golpe. Olha ali, cada um deles [dos cinco homens] come uma parte, cada um vai aumentando os gastos. No começo, é 150, depois diz que é 250, depois já é 300, e por aí vai. E aí cada um vai comendo uma parte. Mas quem come menos é o trabalhador, né? Esse é quem se lasca, é o que come menos. É o que trabalha mais e o que come menos nisso tudo. (Roberto; fala que reconstitui pela memória em meu diário de campo).

Dar golpe é, segundo Roberto, a mesma estratégia adotada pelas *constituintes*. Aquela com a qual Roberto havia se envolvido mais recentemente está localizada no Centro. É coordenada por Luana, pessoa que conheceu no pouco tempo em que frequentou o lugar. Ele me explica que há muitas constituintes sendo abertas por toda a cidade, e consistem em lugares que recebem verba do governo para ofertar serviços de apoio ao morador de rua. No entanto, Roberto entende essas constituintes como lugares

de fachada, que apenas captam recursos financeiros, doações de alimentos, de produtos de higiene pessoal e de limpeza, mas não os utilizam de fato para beneficiar os moradores de rua.

Eles enganam o morador de rua, dizem que querem ajudar, que lá o morador de rua pode comer, dormir, tomar banho, mas é só fachada pra ganhar dinheiro, pra receber doação e sumir com elas. Eu já vi eles recebendo caminhão cheio de sabonete, cheio de comida, mas aí de repente some. Desaparece. Ninguém sabe que fim levou aquelas coisas todas. O morador de rua não recebe isso. Eles não fazem é nada pelo morador de rua, morador de rua é que se lasque. Eles só querem é lucrar em cima do morador de rua, usar o morador de rua pra fazer propaganda fazendo de conta que tão fazendo alguma coisa. [O morador de rua] é só *isca no anzol*. (Roberto; grifo meu).

Roberto identifica um padrão de funcionamento nesses espaços. De início, quando surgem, há uma eficácia nos seus serviços. Com o tempo, no entanto, passam a tornarem-se ineficientes, servindo mal ao público que pretendem atender. Baseado nisso, Roberto, que até o tempo de realização do trabalho de campo dessa pesquisa utilizava o *contêiner* para sua higiene pessoal, mantém uma olhar de desconfiança, um “pé atrás” que o faz não acreditar que tal serviço vá continuar atendendo os moradores de rua tal como vinha fazendo até então, estando fadado à piora ou ao desmonte – o que, ao mesmo tempo, orienta uma noção de impermanência; ou seja, os trajetos não podem ser estabilizados pela dependência a determinados espaços. Ainda sobre a constituinte, Roberto diz:

A Luana é só prometendo coisas pros moradores de rua. Tinha uma época que era uma viagem pra São Paulo, dizendo que lá ia ser ótimo, pois quase é que a gente morre de fome e de sede até lá. Ela organiza esses passeios. Outra vez levaram a gente pra Câmara dos Vereadores, pra nada, só pra querer mostrar que estão fazendo alguma coisa pelo morador de rua, mas não tão fazendo é nada, é só juntando contribuição usando o morador de rua pra dar o golpe. Ela desvia é tudo pra ela. E agora tem um padre lá junto com ela. De padre só tem o nome, aquilo é muito é ladrão. (Roberto).

Ainda sobre a constituinte de Luana, Roberto diz:

Lá antes funcionava de segunda a sexta, isso quando abriu, né. Depois de um tempo já começou a ser só segunda, quarta e sexta, mas isso era com o dinheiro, as doações todas só aumentando! No começo tudo funciona, e tudo bonito, depois vai piorando. A pessoa [Luana] vai até sumindo, já começa a nem aparecer direito no lugar, muda o jeito como fala. No começo é toda simpática, depois vai virando uma pessoa difícil de encontrar, não dá pra falar com ela... Aí agora quando chega em dezembro a Luana viaja, vai lá pra fazenda dela, e fica lá, recebendo dinheiro, volta só em fevereiro, depois do carnaval. Enquanto isso a constituinte fica fechada até ela voltar, volta toda corada, e o morador de rua é que se lasque. Rapaz, pra você ter ideia, a

comida que dão lá é uma miséria, tem nem sabonete direito, quanto tem é um pedacinho, isso quando tem. E aquele monte de sabonete, shampoo, papel higiênico, tudo, que chega nos caminhões, vão pra onde? (Roberto; fala que reconstitui pela memória em meu diário de campo).

O decaimento da constituinte foi revelador para que Roberto notasse como ele e outros moradores eram utilizados como *isca no anzol*, tal como citado em relato da página anterior e em outras falas de Roberto. Essa ideia está diretamente conectada à noção de *dar golpe*. Se *dar golpe* é uma prática identificada por Roberto – e por ele reprovada – em determinados campos de autoridade, a *isca no anzol* lhe concerne diretamente, na medida em que se percebe sendo utilizado como objeto de execução de um beneficiamento dos autoproclamados benfeitores. Frente a isso, Roberto pratica uma resistência, negando participar de algo que condena moral e politicamente. Há aí também uma questão de representatividade: Roberto diz que esses espaços pretendem falar pelo morador de rua, algo que, por si só, Roberto não considera interessante, na medida em que diz que nem ao menos se sente ouvido – é, também, o tipo de incômodo que Roberto diz sentir com o Movimento Nacional da População de Rua no Ceará (MNPR-CE), pois não se sente representado por aqueles que participam do movimento nem acha que representem a todos os moradores de rua.

Roberto refere-se também a espaços que não necessariamente tomam a questão da representação como mecanismo de efetivação do *golpe*, mas que o realizam de uma maneira distinta. Ele traz como exemplo o Centro de Recuperação Leão de Judá, instituição religiosa não governamental com filiais em todo o território nacional. Nesse caso, Roberto diz que os moradores de rua são usados como *isca* através de sua força de trabalho.

Já participei de lá, mas num volto ali é de jeito nenhum. É que nem nesses cantos da prefeitura, tem hora pra entrar e hora pra sair, é tudo controlado, prefiro a rua, tenho mais liberdade é na rua. Sendo que na Leão de Judá é trabalho escravo o que eles fazem, eles chegam aqui na Praça do Ferreira convidando pra ir visitar, dizendo que é tudo lindo lá, que lá os moradores de rua vão ter o que comer, vão tomar banho, vão ter um emprego. Aí você vai achando que vai ser ótimo, primeira semana parece que é bom mesmo, mas aí passa um tempo, a pessoa vê que foi pega, que é só a isca, tão é querendo explorar lá dentro, você se mata de trabalhar e não ganha nada com isso. A comida é pouca, os banheiros são um negócio horrível, nada é como eles prometem. Eles fazem a pessoa acordar cedo pra trabalhar, vender caneta, dão carroça pra catar latinha, mas fica tudo pra eles, tudo que a pessoa ganha ela tem que dar pra eles. O morador de rua trabalha o dia todo, chega cansado com o que ele ganhou que foi fruto do suor dele, e não fica nada pra ele, vai pro Leão de Judá. (Roberto; fala que reconstitui pela memória em meu diário de campo).

A condenação à utilização da *isca no anzol* se estende também àquelas pessoas que são utilizadas dessa forma. Roberto diz que há outros moradores de rua que, como ele, entendem o funcionamento desses espaços e os conceitos de ser *isca no anzol* para que sejam dado *golpes*, e que por isso deixam de frequentá-los. Há, no entanto, aqueles que permanecem valendo-se deles: “Mas tem os *bestas* que ficam lá sempre, ficam babando, tem muita gente que vai.” (Roberto; grifo meu). A referência que Roberto faz a essas pessoas está baseada numa concepção de caráter negativo, entendendo a utilização desses espaços como uma adesão a uma posição de subserviência. Pois, na perspectiva de Roberto, permanecer nesses lugares sem que se perceba seus “mecanismos internos” de funcionamento significaria aderir a um modo de estar na rua entregue à passividade, à dependência, à necessidade de apoio. Roberto, ao contrário, defende uma moral da ação, da autonomia na rua. Assim, a forma como entende o *se virar* baseia uma política de existência que toma a utilização desses serviços como seu oposto, como um “não saber viver a rua”.

Sobre as pessoas que utilizam o refeitório da instituição religiosa Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo, Roberto diz que, nos períodos em que os arredores dessa instituição faziam parte dos seus caminhos, era muito comum conhecer pessoas que construía todo seu modo de habitar a rua como dependente do refeitório, delimitando as áreas próximas a esse lugar como seu espaço de vivência, tomando-o, portanto, como centro, como ponto a partir do qual se organiza a vida. Da mesma maneira, para Roberto, os laços criados com as freiras que trabalham na instituição são baseados na ajuda e na dependência. De acordo com Roberto, estar na rua é *se virar*, de modo que negar e suspeitar de espaços que destinam serviços a moradores de rua é um modo de não ter a autonomia, a ação e as variações de percursos pela rua capturados e controlados.

Cidade dos ricos e a cidade dos policiais

Num dia de fim de semana do início de 2016, Roberto estava sentado numa calçada da Praia de Iracema com outros moradores de rua, quando, de repente, todos se

assustaram ao ouvir um barulho muito alto, um estrondoso estampido seco. Levantaram-se e foram até o ponto de origem do som, junto com uma pequena multidão de pessoas. Roberto conta que havia o corpo de um homem no chão, em frente a um “edifício de rico”. Ao aproximar-se do corpo, Roberto notou que o homem era um conhecido seu. Ele morava no 13º andar do prédio e de lá se jogou. “Tava todo mole, sem uma gota de sangue” (Roberto). Era “um homem rico, era bem gordão, tinha até iate” (Roberto). Quando Roberto estava na praia nos fins de semana, o homem costumava puxar conversa com ele sobre o movimento de pessoas nos arredores e sobre a criminalidade na região. Certamente, via em Roberto, como alguém que morava na rua, um interlocutor privilegiado para saber do que se passava no mundo fora de seu apartamento. Quando o homem estava num restaurante próximo e via Roberto por perto, pagava a ele uns trocados para que vigiasse seu carro.

Roberto me conta que, depois de algum tempo, crescia o aglomerado de pessoas ao redor do corpo. Uma equipe de reportagem havia chegado ao local e entrevistava a jovem viúva. Enquanto ela falava com os repórteres, Roberto observava e analisava seu tom de voz e seu modo de expressar suas emoções quanto ao ocorrido. Para ele, a mulher estava muito tranquila, de uma maneira que considerava destoar da gravidade do ocorrido. “Também, né, perde o marido, mas o marido é coroa rico que deixa como herança casa na praia, um apartamento de frente do mar, loja em shopping, iate, dinheiro” (Roberto). Enquanto Roberto me conta essa história, a imagem que cria a partir daquilo que observa no comportamento da mulher é então contrastada com o que classifica como “morte na casa de pobre”. Ele conta:

Se fosse na casa de pobre, a mulher tava desesperada, chorando, gritando, ‘Meu deus, como é que eu vou cuidar dos 20 filhos? Mas na casa de rico não. A mulher tava dando entrevista tão tranquila que eu não conseguia nem ouvir direito o que ela falava, ela falava tão baixo que só quando batia um vento que eu conseguia captar alguma coisa. Se fosse pobre tava era gritando e todo mundo ouvindo. (Roberto).

O paralelo que traça entre a experiência da morte entre ricos e pobres chega também às formas de se lidar com o corpo morto. O ponto da Avenida Domingos Olímpio onde Roberto dorme tem logo à sua frente, atravessando a rua, uma funerária, na qual observa quase que diariamente o estacionar de veículos, a entrada e saída de

carros funerários, o movimento de pessoas. Segundo Roberto, ali é “lugar de rico”, sendo a prática “de pobre” velar o corpo em casa. Ele diz também que envelhecimento é um processo pelo qual apenas o pobre passa; o rico, ao contrário, está sempre saudável, “vai ficando até mais bonito” (Roberto).

A partir da situação do suicídio de seu conhecido rico, Roberto mobiliza toda uma série de elementos associados ao imaginário das diferenças entre classes ricas e classes pobres. No entanto, há um ponto no qual Roberto destaca uma semelhança. Ele me conta que se informou sobre o ocorrido e que as motivações para o suicídio passavam por dívidas financeiras e complicações com uma filha que era usuária de drogas, concluindo que, no final das contas, “todo mundo tem problemas”.

O *rico*, figura com a qual Roberto se percebe com aproximações e distanciamentos sociais, é constantemente evocado nas narrativas sobre a vida na rua. A rua, para Roberto, é também povoada por *ricos*. Vê-se em contato com eles em muitos de seus trajetos na rua, acessando-os por vários caminhos e cruzando com eles no que podem ser bons ou maus encontros.

Em algumas madrugadas, Roberto se depara com os *filhinhos de papais*, jovens ricos que circulam em carros de luxo pela cidade nos intervalos entre uma festa e outra. Nos fins de semana, quando dorme na Praia de Iracema, vê-os com mais frequência. Em algumas das vezes, encostam o carro ao lado da calçada onde sentam Roberto e outros moradores de rua, abrem uma janela do veículo e, pondo a cabeça para fora, um deles – pois o carro está cheio – dá uma longa tragada num cigarro de maconha e lança a fumaça em direção àqueles que estão sentados na rua. Numa das vezes, o *filhinho de papai* lançou, após a fumaça, a frase “Tá aqui, essa é pra vocês!”, provocando o riso entre os amigos no carro, que logo em seguida partiu.

Os *filhinhos de papai* são objeto de desprezo para Roberto e outros moradores de rua, tanto quanto objeto de reflexão comparativa sobre ricos e pobres. É comum, como relata Roberto, vê-los também nos arredores da Praça do Ferreira na madrugada:

Eles param o carro ali [na Praça do Ferreira] às vezes pra ficar fumando maconha. Tem dois policiais que fazem plantão na praça que veem tudo, mas não fazem nada. Lá no posto [de gasolina] da [Avenida] Domingos Olímpio, perto de onde eu durmo, é a mesma coisa, é 24h lá [de funcionamento do posto], e a noite toda é eles chegando lá fumando, bebendo, fazendo a maior bagunça. Dentro do carro é só aquela fumaça. Na praça [do Ferreira] são dois policiais que passam a noite tomando café, comendo e conversando lá dentro

do São Luiz [Cine-teatro localizado na mesma praça], que tem uma pessoa que trabalha lá de madrugada. Eles veem de longe os *filhinhos de papai* usando droga, mas tão nem aí, sendo que vai ver se fosse um de nós fumando maconha, eles já chegam ‘Que é que vocês tão fazendo aí? Isso é maconha?’, são cheio de autoridade. Às vezes a pessoa tá enrolando é um fumo, e eles ‘Isso é maconha? Pode fumar maconha aqui não’, [a pessoa responde], ‘Tô só enrolando um fumo, não é maconha não’. Dá vontade de falar na cara do policial pra ele respeitar, mas nunca falei não, sou nem doido. Vai falar isso pra tu ver, eles já vêm cheio de autoridade, diz que é desacato, tudo eles dizem que é desacato, eles podem fazer o que quiser com a pessoa, pode até prender. (Roberto).

A presença dos *filhinhos de papai* em vários dos lugares que fazem parte dos trajetos de Roberto, assim, remete às diferentes consequências, no caso, do uso da maconha, às quais moradores de rua e *ricos* estão submetidos, bem como às diferenças entre as ações de um mesmo personagem, o policial, presente também nos caminhos tanto dos moradores de rua quanto dos *filhinhos de papai*.

Há outra questão relativa às aparições dos *filhinhos de papai* que os tornam mais notadamente atores de um mau encontro. Roberto me conta que não só já presenciou como também correm relatos entre moradores de rua de que, nas madrugadas, *filhinhos de papai* passam de carro atirando garrafas de vidro vazias contra pessoas dormindo nas calçadas. Roberto já viveu esse tipo de situação no ponto onde dorme na Avenida Domingos Olímpio. Como me explica, ele fica próximo a um posto de gasolina, de modo que muitos carros que abastecem lá seguem pela avenida, passando em frente ao trecho de calçada onde dorme. A presença de *filhinhos de papai* circulando nas ruas de madrugada torna-se uma ameaça, um perigo constante na vida de Roberto. Por conta disso, precisou reconfigurar seu modo de dormir. Com o corpo paralelo à avenida, Roberto tenta educar ao máximo seu corpo para que permaneça sempre com o rosto virado para o lado da rua. Por mais que venha a estar de olhos fechados – afinal, está dormindo –, está é a forma de se sentir menos vulnerável à possibilidade do ataque dos *filhinhos de papai*. No entanto, há movimentos involuntários do corpo durante o sono que acabam fazendo colocar-se de costas para a rua. Nesses momentos, Roberto me conta que acaba acordando e já não consegue mais dormir, com medo de que apareçam os *filhinhos de papai*. Como ele me explica, esses atores são parte das dificuldades encontradas pelo morador de rua, de modo que são também parte das caracterizações do *sistema da rua*.

Nem todos os encontros com os *ricos*, no entanto, são problemáticos para Roberto. Pelo contrário, na maior parte das vezes em que os trajetos de Roberto são atravessados pelos trajetos dessas pessoas, existe um desejo de sua parte em conhecer, conversar e aprender sobre os fluxos de dinheiro e poder na cidade. Roberto mapeia redes de riqueza que perpassam a cidade, como que as incluindo na vida da rua, apresentando os lugares onde a cidade dos *ricos* e a cidade dos moradores de rua se tocam.

Alguns dos contatos com essas pessoas surgem a partir de pequenas conversas despreziosas, que dão origem, da parte de Roberto, a bicos e favores. Ao mesmo tempo, desenvolvem-se pequenos laços de confiança, e as conversas passam a se constituir como trocas de histórias e relatos sobre a vida na rua e a vida na alta sociedade. Era o que acontecia com o conhecido de Roberto que se suicidou. Era o que acontecia também com Inácio, dono de uma bem sucedida rede de lojas com pontos por toda a cidade – algumas deles no Centro, onde ele e Roberto se encontravam quando o empresário ia dar baixa nas finanças diárias da loja. Roberto o descreve como uma pessoa de fácil trato. “Era como conversar aqui assim com você”, diz Roberto para mim. Inácio pedia para Roberto vigiar seu carro quando estava na loja. Em alguns momentos, pedia que Roberto o ajudasse em outros tipos de favores, dizendo que este era seu “segurança”.

Inácio não é o único empresário em sua família. Além dele, sua filha, seu genro – dono de lojas ainda maiores no Centro e em outros bairros da cidade – e seu irmão são donos de estabelecimentos altamente lucrativos em Fortaleza. Esse irmão de Inácio, como me relata Roberto, é usuário de cocaína. Essa informação é de especial interesse para Roberto, tanto quanto, no caso do conhecido que faleceu, o era o dado de que sua filha era usuária de drogas. Localizar a droga nas redes de riqueza na cidade é uma das questões que Roberto mais se coloca quando fala dos *ricos*. Uma vez, enquanto conversávamos no Passeio Público, Roberto apontava os prédios que, visíveis a nós, situavam-se na orla da praia. Ele apontava, à nossa esquerda, um dos maiores e mais luxuosos hotéis da cidade.

Esse posto de gasolina aqui é deles, esse pedaço todo que vai dali até aqui assim é deles, esse trecho todo da praia é privado. Aí é o hotel das estrelas, só gente rica se hospeda aí. Eles entram nos iates, por uma entrada ali que fica escondida, não dá pra ver. E deve ter as drogas, né? Devem ter os esquemas pra chegar as drogas aí, os traficantes de luxo. (Roberto; fala que reconstituiu pela memória em meu diário de campo).

À identificação da presença da droga entre os *ricos* soma-se a noção do crime, o segundo elemento que Roberto percebe nos modos como os ricos habitam a cidade. Uma das histórias às quais mais se remete é a de uma pessoa que conheceu em meados dos anos 2000, período em que esteve preso no Instituto Penal Paulo Sarasate (IPPS), já enquanto morava na rua. Era Geovane, “ele era um advogado muito famoso aqui da cidade, um homem muito rico, dono de iate. E ele era também o maior traficante de cocaína do Ceará” (Roberto). O tema dos motivos que levaram Roberto à prisão sempre foi algo de difícil acesso nas nossas conversas. Sobre isso, sempre foi muito vago. O que me explicou foi que era réu primário e deveria originalmente ter sido levado a outro presídio, o Instituto Penal Professor Olavo Oliveira I (IPPOO I), mas foi realocado para o Instituto Penal Paulo Sarasate por conta de superlotação.

Quem comandava o tráfico de cocaína no Ceará todinho era ele, o homem já era famoso antes de ser preso, depois que foi preso vivia passando na televisão. Ele era gente boa, ficava conversando lá *com a gente*. Parecia assim... como se diz? Um homem humilde. Ele se dava bem *com a gente*. Ele era muito rico, você via assim aquele homão grandão, cabelo grande assim, meio branco. Quem via sem saber quem é nem imagina que é o maior traficante de cocaína do estado. (Roberto; grifo meu).

Ao falar de Geovane, Roberto usa sempre como referência a expressão *com a gente*, o que, nesse caso, diz respeito a tudo o que corresponde ao que entende como a população que mais comumente encontrava no presídio: pessoas pobres, vindas da rua e das periferias. Em muitos outros pontos, apesar do compartilhamento daquele lugar e da caracterização como “criminoso”, a experiência de Geovane era muito distinta daquela de Roberto e desse coletivo de pessoas que evoca. Ele conta que, na hora de ir para a cela, Geovane tinha televisão, banheiro próprio e uma série de objetos que nem Roberto nem seus companheiros de cela tinham à disposição. Os banhos de Geovane também eram tomados separadamente aos dos outros detentos; além disso, tanto a comida como a água que eram servidas a Geovane vinham de fora do presídio, diferentemente do que era dado aos demais detentos, alimentos e água oriundas do próprio presídio.

Teve uma vez que a gente entrou num ônibus pra ir lá pra aquele Fórum Clóvis Beviláqua pra conversar com o juiz pra ele diminuir a pena. Eu queria que tu visse o tanto de policial que ficava em cima dele, isso no ônibus, fora do ônibus, dentro do Fórum... Preso famoso, né, poderoso. E aí, lá no fórum é assim, vai de um por um falar com o juiz, enquanto um tá falando com o juiz ficam os outros esperando dentro da cela. Aí nesse dia era uma cela só pra ele. Era uma cela de frente pra outra, uma com ele sozinho e a outra lotada

com os presos tudinho. Pra você ver a diferença de tratamento, né? A gente era tudo algemado, e ele não, andando lá de braço solto, e os guardas tudo babando ele bem, servindo café, sorriso no rosto. (Roberto).

Ao fim de suas descrições sobre o período em que esteve com Geovane no presídio, sempre concluía os relatos dizendo que, no fim das contas, o conhecido *rico* foi solto e, depois de algum tempo, morreu assassinado a tiros num bairro da periferia da cidade. Roberto vê que não houve escapatória para Geovane, apesar de todo seu dinheiro e poder. Isso, no entanto, é distinto da maioria de seus relatos sobre o envolvimento de *ricos* com o crime; há, na maioria das vezes, uma noção de que a justiça funciona distintamente para os *ricos*, seja a justiça oficial ou a justiça que cobra a vida nas ruas. Roberto me conta que, um dia antes a um dos dias em que nos encontramos, um grupo de assaltantes “vindos dos *bairros*” – referindo-se, portanto, a pessoas oriundas das periferias da cidade – foi surpreendido por policiais após realizar um assalto. O grupo se dividiu em dois e fugiu. Um homem, no entanto, foi parado por um policial, que logo em seguida lhe desferiu vários tiros. “O policial matou o assaltante e ficou por isso mesmo, matou e foi embora, e pronto, não deu em nada, não aconteceu nada com o policial. E tá errado, né? O certo era prender, né?” (Roberto). Roberto constata que os policiais fazem o serviço de matar os *pobres* na cidade, ao mesmo tempo em que fazem serviço de proteção para os *ricos*. Em sua análise, Roberto mostra que, nos casos em que o *rico* é morto, como aconteceu com Geovane, é o *pobre* que mata, ou, mais precisamente, outro *rico* através do *pobre*.

Ouvindo dois policiais militares conversando certa vez numa praça, Roberto tentou calcular qual seria a quantidade de dinheiro que recebiam como seguranças particulares. Um dos policiais falava ao outro que foi-lhe oferecido um serviço como segurança particular cujo pagamento corresponderia a uma diária de “só 200 reais”. Roberto me explica que se o policial estava considerando este um valor baixo era porque o comum seria que se pagasse, no mínimo, 300 reais como diária. Fazendo um cálculo rápido, Roberto demonstrava que, em uma semana como segurança particular, seria possível para um policial ganhar valor próximo ao de seu salário. Assim, concluía Roberto, “um policial tem 90% de chances de subir na vida, se ele passar o resto da vida como soldado raso é porque não soube ganhar dinheiro”. Ele me diz que muitos dos *ricos* com os quais se depara na rua estão rodeados de seguranças particulares. Há um dono de uma empresa de planos de saúdes/hospital que Roberto frequentemente vê no

Centro fazendo doações de alimentos a moradores de rua; há os bem sucedidos advogados e juízes que vê entrando nos restaurantes finos da Beira Mar; há um empresário dono de uma extensa rede de farmácias com lojas não só em Fortaleza como fora do estado: todos estão sempre cercados por seguranças.

O último, Roberto já viu em algumas das vezes em que seguia por uma das ruas do Centro pelas quais mais caminha, onde se localiza a sede da empresa.

Ali mesmo na farmácia, é só olhar, tem segurança dentro, fora, ao redor, em todo canto é segurança particular. Ali é tudo policial ganhando o deles por fora. Eu já vi ele indo pra lá, é ele num carro com segurança dentro do carro, aí vem com mais dois carros na frente e atrás, ainda tem as motos. Ele desce no estacionamento que tem ali em frente que é dele também, quando entra na farmácia é todo hora rodeado também. Ali o esquema de segurança é grande. (Roberto; fala que reconstituiu pela memória em meu diário de campo).

Com alguns desses policiais, o dono da rede de farmácia montou um grupo de extermínio que atuava próximo a lojas da empresa: “Quando acontecia um assalto, eles deixavam acontecer, o assaltante roubava e saía, mas lá fora tavam os policiais esperando pra matar, e matavam e ficava por isso mesmo” (Roberto). Como conta Roberto, à medida que o número de mortes foi crescendo, “foi começando a dar na vista” (Roberto). Como resultado, o comandante do grupo de extermínio, sargento da PM, foi preso. Roberto conta que, após alguns anos na prisão, foi solto, utilizando tornozeleira eletrônica. Assim como no caso de Geovane, foi morto a tiros na rua, em frente à rua casa. “Era um homem procurado, fez muito inimigo, né? Matou muita gente. Ninguém sabe é se foi vingança ou se foi queima de arquivo mesmo. Agora vai ver se aconteceu alguma coisa com o dono da farmácia? Nunca aconteceu foi nada.” (Roberto).

Na teoria de Roberto sobre as altas chances de um policial subir de vida, lista também as saídas bancárias. Ele me explica: uma pessoa, geralmente alguém *dos bairros*, assalta outra pessoa que acabou de sacar dinheiro no banco. Policiais observam o que aconteceu, capturam o assaltante e o liberam em seguida, retendo para si o dinheiro e rateando-o entre eles. Essas são histórias que chegam a Roberto através de relatos de outros moradores de rua informados desses fatos, de conhecidos em restaurantes, bares, praças, lojistas, camelôs e toda uma série de interlocutores que compartilham relatos sobre a cidade. Ainda no que diz respeito às maneiras como policiais podem obter dinheiro, há também conhecimentos que não lhes são apenas

narrados, mas que fazem parte das suas vivências na rua. Roberto me diz que na Praça José de Alencar, outra praça do Centro, há dois policiais que fazem plantão lá e que tem esquemas com assaltantes da região, que são moradores de rua e pessoas *dos bairros*. Como me conta, já viu várias vezes o modo como as ações são executadas: “Quando eles veem que um vai assaltar, gritam de longe: ‘Oh, não vai esquecer de mim não, viu?’”(Roberto); o que é assaltado é então dividido igualmente entre os policiais e o assaltante. Roberto me explica:

Eles não prendem os assaltantes, eles mesmos falam ‘Ter condição de prender a gente tem, mas se a gente prender a gente deixa de comer o nosso’. Ali naquela praça tem tráfico é de tudo, eles não prendem porque tudo tem esquema, porque o mesmo lugar que vende droga é o lugar que vende comida, nesses lugares eles comem de graça, então se prendem quem vende droga tão prendendo também quem dá comida de graça pra eles na praça, que já é um dinheiro a menos que eles gastam. Eles não vão fazer é nada porque tudo o que eles ganham depende de deixar as coisas assim, é tudo uma coisa só, se um cai, desaba tudo, uma coisa alimenta a outra. (Roberto).

Ainda nessa praça, Roberto conhece um homem, Carlos, que reúne em si tanto a figura do policial quanto a do *rico*. Sargento aposentado da Polícia Militar, Carlos é o que Roberto considera-o policial que conheceu que mais soube ganhar dinheiro. Carlos comanda apostas na praça, “pode olhar lá, não tem como não ver ele lá na mesa e rodeado de gente, todo mundo vê, todo mundo sabe, mas ninguém mexe com ele, os policia da praça sabem de tudo, mas são é comprados (Roberto)”. Roberto me explica que Carlos, assim que saca o dinheiro de sua aposentadoria, entrega aos policia como suborno. Como Roberto relata, esse dinheiro não vale nada para ele, pois ganha muito mais dinheiro com as apostas e com outros negócios que tem em outros pontos do Centro. Roberto já foi até a casa de Carlos, pois já realizou bicos carregando materiais de construção para ele. Conseguia um carrinho de coleta emprestado com algum conhecido e ia andando do Centro até a residência de Carlos, um casarão quase da extensão de um quarteirão, a muitos bairros distante dali. Certa vez, Carlos convidou Roberto para que entrasse no seu quarto. Em tom de brincadeira, disse para Roberto levantar o lenço de sua cama; quando Roberto o fez, viu uma extensa coleção de armas de fogo que guardava embaixo do cômodo. Por onde anda, Carlos está sempre *com o cano*, vive armado. Roberto soube que, no início de 2016, matou um homem na praça após um desentendimento por conta das apostas, “isso com um monte de gente olhando, a céu aberto, mas não aconteceu nada com ele, ele matou, entrou no carro e foi embora,

mas no dia seguinte tava lá comandando as apostas como se não tivesse acontecido nada” (Roberto).

Nesses relatos, Roberto apresenta sua visão da cidade a partir dos encontros com os *ricos* e com os policiais em seus movimentos pela rua. Em alguns casos, como com os *filhinhos de papai*, há uma participação na produção das dificuldades e dos perigos que caracterizam a noção do *sistema da rua*. No entanto, para além disso, há com os relatos sobre *ricos* e policiais uma expansão dos elementos encontrados nas narrativas sobre o *sistema da rua* – a droga, o crime – para a cidade e para grupos distintos dos moradores de rua. Em seu conhecimento prático sobre a cidade, Roberto encontra o *sistema da rua* nas alteridades com as quais se conecta em seus trajetos como morador de rua, habitando com elas a rua e tornando-as personagens plenamente inseridos nas suas narrativas sobre a rua.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, busquei apresentar como as concepções sobre a rua e elementos relativos a ela, bem como os modos de habitá-la, se apresentam e são construídos nas vidas de quatro moradores de rua, Roberto, Josué, Julia e Paulista. Mantendo-me atento às narrativas dessas pessoas, busquei mostrar como são particularizados em seus trajetos diferentes aspectos da cidade, fazendo do viver na rua uma experiência que ultrapassa a própria rua. Para explorar essas questões, parti para uma análise da micropolítica das categorias nativas de *morador de rua*, *sistema da rua* e *se virar* – associadas a toda uma ampla gama de outros conceitos, tais como *droga/pedra*, *filhinhos de papai*, *ricos*, *bairro*, *pessoa humilde* –, que se revelaram como operacionalizações conceituais e práticas presentes nos discursos desses quatro interlocutores como delimitações dos próprios significados de se viver na rua.

No entanto, sua incidência nos discursos dos interlocutores da pesquisa não apontava para um congelamento das definições, ainda que alguns de seus atributos básicos fossem semelhantes. As conexões estabelecidas por cada uma dessas pessoas – tomando-se aqui Julia e Josué como pessoas que compartilham de definições semelhantes, o que nem por isso afasta a possibilidade de que haja também aí diferenças em suas abordagens – em seus trajetos ao longo da cidade apontam para uma fluidez nessas categorias e para um sentido prático, pois, ao mesmo tempo em que são utilizadas para operar reflexões sobre a rua e a cidade, orientam os processos particulares de habitação dessas pessoas. Essas categorias, mais do que um conhecimento sobre a rua a ser aplicado na prática em suas vidas, são o próprio desdobrar de um conhecimento que se dá por meio da prática – portanto, em envolvimento contínuo de ação e percepção com o ambiente (INGOLD, 2015).

Apontando para habilidades criativas e inventivas, a importância que os interlocutores dessa pesquisa atribuem à ação de *se virar* demonstra a afirmação de uma positividade da rua, de modo que, ao mesmo tempo em que muitas vezes definam a rua pela negatividade, não definem suas próprias vidas pelo viés da falta e da carência – algo como uma aplicação prática do movimento teórico e epistemológico de Clastres (2012) de pensar as sociedades primitivas não sob o signo da falta e do determinismo, mas pelo modelo da autonomia e da produção ativa de projetos políticos.

Ao produzirem suas vidas na rua e identificarem o *sistema da rua* como uma espécie de aparelho de captura, fazem da arte desterritorializadora do *se virar* uma produção de linhas de fuga. É interessante notar que, ao mesmo tempo, isto se dá a partir de uma essencialização da própria rua e da identificação de alguns de seus personagens, generalizados pelo uso autoexcludente do termo *moradores de rua*, a uma condição estanque, previsível e atada a tudo aquilo que é por eles negado. Portanto, a autonomia atribuída a si mesmo nem sempre é reconhecida no outro – a teoria de Roberto sobre a formação de um morador de rua, descrita no capítulo 2, é um exemplo claro disso –, e é pela própria produção de uma diferença frente às limitações associadas ao *sistema da rua* que esta autonomia é reconhecida em si mesmo. Em outros termos, seria como se os estereótipos muitas vezes atribuídos aos moradores de rua fossem enunciados pelos próprios moradores de rua, ao mesmo tempo em que, a partir dessa enunciação, seja estabelecida a fronteira da diferença que os afasta dessas mesmas estigmatizações.

Portanto, interessa aqui muito mais a descrição de como certas pessoas que moram na rua veem suas vidas na rua do que a descrição da própria rua – o que também leva à questão de que não é um objetivo do trabalho o de generalizar as categorias aqui debatidas, como se descrevessem uma realidade comum a todos os moradores de rua. Não cabe também para os fins desta pesquisa debater o quanto há de verdade na descrição do *sistema da rua* e dos *moradores de rua* entendidos pelos interlocutores dessa pesquisa como um “outro” associado à droga e ao crime. Importa muito mais a operacionalização dessas categorias – afinal, “concepções imaginárias (mas todas as são) produzem efeitos reais (e todos os são)” (VIVEIROS DE CASTRO, 2011). Busquei, enfim, trazer questões relativas à rua e à cidade a partir das formulações dos próprios moradores de rua, debatendo como tais elementos orientam o que é pensado e vivido por essas pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIEHL, João. “Antropologia do devir: psicofármaco – abandono social – desejo”. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, vol. 51, 2011.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CLASTRES, Pierre. **A Sociedade Contra o Estado**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

DAS, Veena. “O Ato de Testemunhar: violência, gênero e subjetividade. **Cadernos Pagu**. (37), Julho-Dezembro, 2011.

DE LUCCA, Daniel. **A rua em movimento: experiências urbanas e jogos sociais em torno da população de rua**. Dissertação de mestrado. USP, São Paulo, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs**. Vol. 3. São Paulo: Ed.34, 2008a.

_____. **Mil Platôs**. Vol. 5. São Paulo: Ed.34, 2008b.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Os Nuer**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FRANGELLA, Simone. **Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo**. São Paulo: Anablume, Fapespe, 2009.

GOLDMAN, Marcio. “Os Tambores do Antropólogo: Antropologia Pós-Social e Etnografia”. **Ponto Urbe**, São Paulo, USP, ano 2, versão 3.0, 2008.

GOLDMAN, Márcio. “Pierre Clastres ou uma antropologia contra o Estado”. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, vol. 54, n. 2, 2011.

GREGORI, Maria Filomena. **Viração**. Experiências de meninos nas ruas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

INGOLD, Tim. **Estar vivo**. Petrópolis: Vozes, 2015.

_____. That’s enough about ethnography! **Hau: Journal of Ethnographic Theory**,4 (1): 383-395, 2014.

KASPER, Christian Pierre. **Habitar a Rua**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Doutorado em Ciências Sociais da UNICAMP. Campinas, 2006, 239 p.

LEMÕES, Tiago. População em situação de rua e a linguagem dos direitos: reflexões sobre um campo de disputas políticas, definições de sentidos e práticas de intervenção. In: 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2014, Natal - RN. Anais da 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2014.

_____. **A família, a rua e os afetos**: uma etnografia da construção de vínculos entre homens e mulheres em situação de rua. São Paulo: Novas Edições Acadêmicas, 2013.

MAGNI, Claudia Turra. **Nomadismo urbano**: uma etnografia sobre moradores de rua em Porto Alegre. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

MARINHO, Camila Holanda. **Afetos de rua**: culturas juvenis e afetividades nos bastidores da cidade. 2012. 239 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

MELO, Tomás. **A rua e a sociedade**: articulações políticas, socialidade e a luta por reconhecimento da população em situação de rua / Tomás Henrique de Azevedo Gomes. – Curitiba, 2011.

MINTZ, Sidney. “Encontrando Taso, me descobrindo”. **DADOS, Revista de Ciências Sociais**, vol. 27, nº 1, 1984, p. 45-57.

SÁ, Leonardo Damasceno de. **Guerra, Mundão e Consideração**. Uma etnografia das relações sociais dos jovens no Serviluz. 2010. 283 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

SCHUCH, Patrice; GEHLEN, Ivaldo. A Situação de rua para além de determinismos: explorações conceituais. In: DORNELES, Aline; OBST, Júlia e SILVA, Marta (Orgs). (Org.). **A Rua em Movimento**: debates acerca da população adulta em situação de rua na cidade de Porto Alegre. 1ed., Belo Horizonte: Didática Editora do Brasil, 2012, v. 1, p. 11-25.

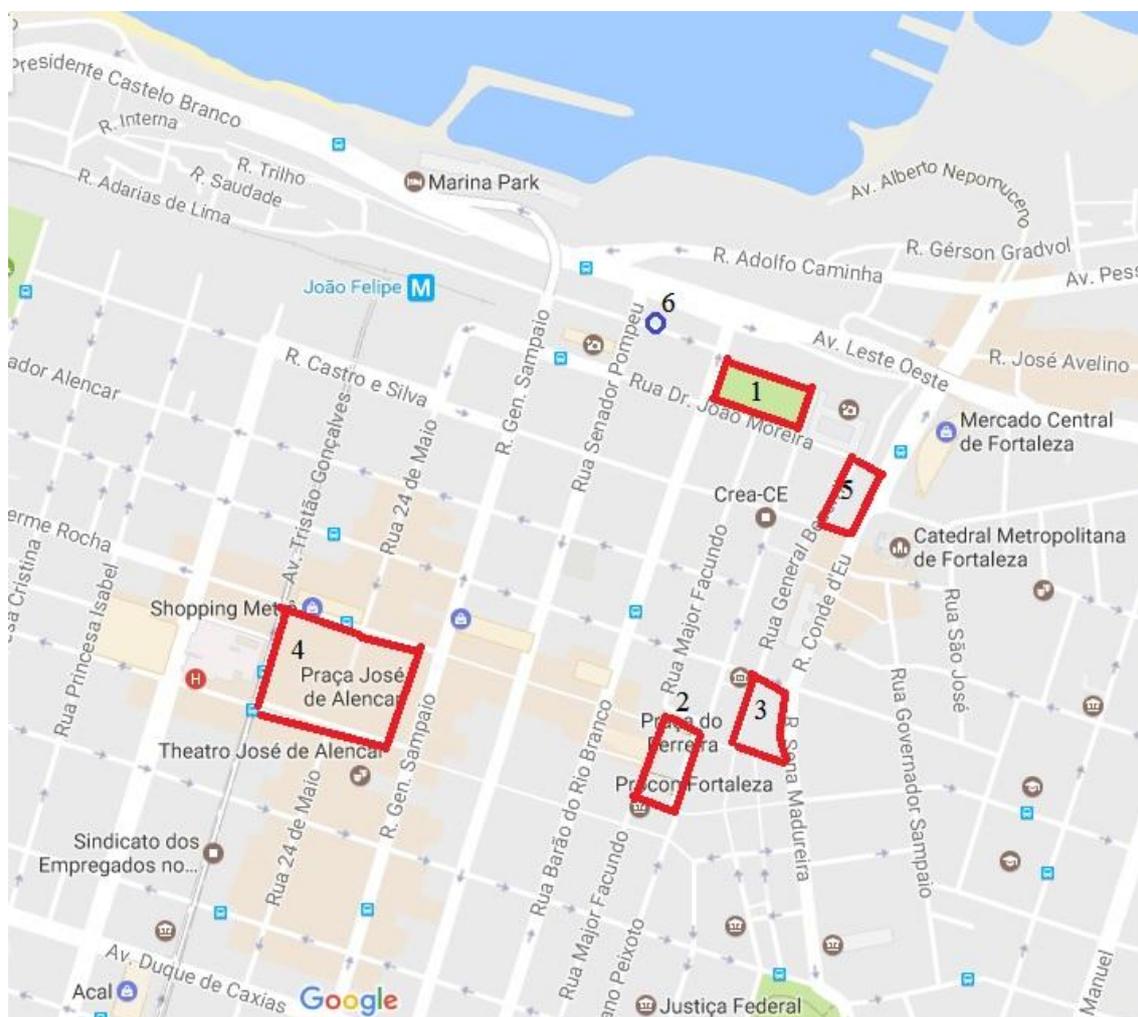
SCOTT, James C. **Domination and the Arts of Resistance**: hidden transcripts. Yale University Press, 1990.

_____. **Formas cotidianas de resistência camponesa.** Deriva: Porto Alegre, 2014.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem.** São Paulo: Cosac Naify, 2011.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura.** 1ª ed. Cosac Naify Portátil. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

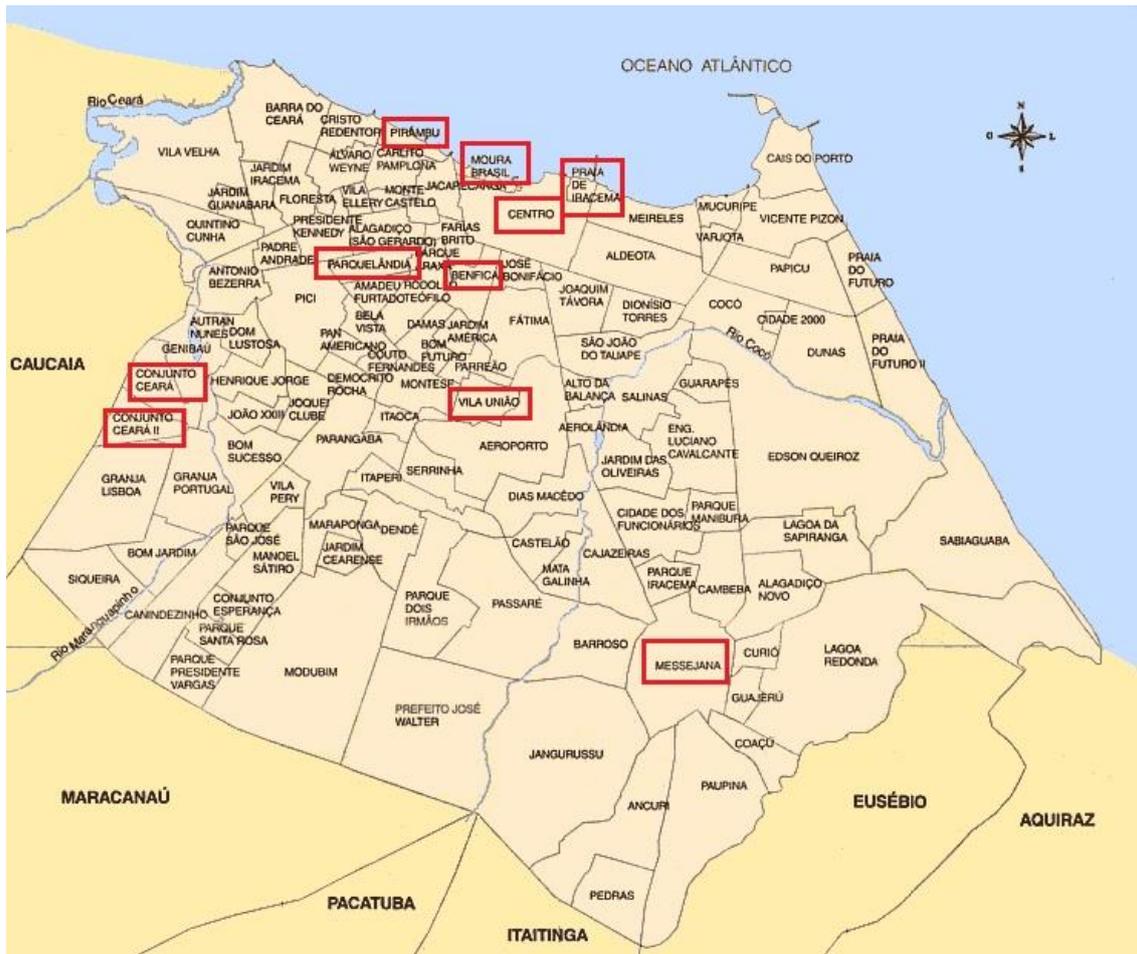
ANEXO I: MAPA DO CENTRO DE FORTALEZA ¹⁹



- 1 – Passeio Público
- 2 – Praça do Ferreira
- 3 – Praça dos Leões
- 4 – Praça José de Alencar
- 5 – Praça da Sé
- 6 – Contêiner

¹⁹ Imagem obtida através do site Google Maps e alterada pelo autor.

ANEXO II – MAPA DA CIDADE DE FORTALEZA²⁰



²⁰ Imagem disponível em www.ceara.com.br/fortaleza/mapadefortaleza.htm e alterada pelo autor.